

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

DISCURSO JORNALÍSTICO
UMA ABORDAGEM COGNITIVA EM SALA DE AULA

LUZINETE CARPIN NIEDZIELUK

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Terezinha Kuhn Junkes

FLORIANÓPOLIS

2001

LUZINETE CARPIN NIEDZIELUK

DISCURSO JORNALÍSTICO

UMA ABORDAGEM COGNITIVA EM SALA DE AULA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Terezinha Kuhn Junkes

FLORIANÓPOLIS

2001

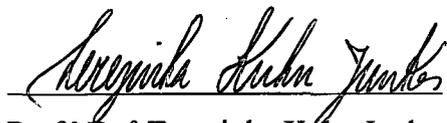
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de:

MESTRE EM LINGÜÍSTICA

na área de Lingüística – Lingüística Aplicada ao Texto e ao Ensino – e aprovada em sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

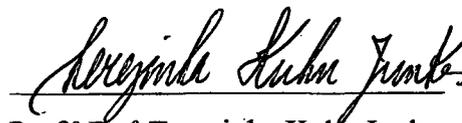


Prof. Dr. Heronides de Mello Moura
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em
Letras/Lingüística

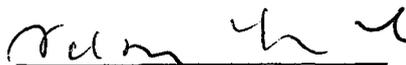


Prof.^a Dr.^a Terezinha Kuhn Junkes
Orientadora

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Terezinha Kuhn Junkes
Presidente



Prof. Dr. Nilson Lemos Lage
Membro



Prof. Dr. Eduardo Meditsch
Membro

Prof. Dr. Fábio Luiz Lopes da Silva
Suplente

Dedicatória

Este trabalho é dedicado às pessoas que
trazem sentido à minha vida:

Deus,
minha família,
meus colegas e,
todos que
acreditam no
Ensino de Língua
Portuguesa.

Agradecimentos

Agradeço a quem possibilitou ou colaborou para a realização desta pesquisa: aos alunos do Curso de Jornalismo da UFSC, a coordenadoria desse curso, a minha orientadora, professora Terezinha Kuhn Junkes, em especial, ao professor Nilson Lage, demais professores; colegas do curso pelo companheirismo e ao CNPq.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	X
RESUMO	XI
ABSTRACT	XII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	3
1.1 Língua(gem) e gênero	3
1.2 O texto e seus níveis estruturais: esquemas, superestrutura, macroestrutura e microestrutura	5
1.2.1 Modelo cognitivo de compreensão e produção do discurso	7
1.2.2 O funcionamento do modelo	16
1.2.3 O esquema textual da notícia	20
1.3 A teoria da relevância	22
1.4 Categorias do jornalismo	25
1.5 Discurso jornalístico: notícia	26
1.6 Construção composicional da notícia	28
1.6.1 Fases da produção de uma notícia	28
1.6.2 A linguagem jornalística	33
1.6.3 Estratégias lingüísticas	39
1.6.4 <i>Fait-divers</i> (fatos diversos) e antítese	40
1.7 Estrutura/forma da notícia clássica: “lead”	41
1.7.1 O sublead	44
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA	45
2.1 A pesquisa	45
2.2 As questões da pesquisa	46
2.3 Os objetivos da pesquisa	46
2.4 Os sujeitos	47
2.5 Métodos da pesquisa	48
2.5.1 Categorias de análise	49
2.6 A experiência	50
2.7 Questionário sócio-cultural pré-teste	51
2.8 A testagem	51
2.9 A reescritura após o “<i>novo</i>” conhecimento	52
2.10 Questionário pós-teste	53
2.11 Breve relato das aulas ministradas e a metodologia utilizada em sala de aula: <i>metodologia dialética</i>	53

CAPÍTULO 3 – O CORPUS E A ANÁLISE DO EXPERIMENTO	57
3.1 Ponto de partida.....	57
3.2 Turma 0383A – Corpus	58
3.2.1 Primeira atividade – Sujeito 1 (f) – Texto 1: Angela Amin na lista da CPI do Narcotráfico.....	58
3.2.1.1 Análise S1-T1	59
3.2.1.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	60
3.2.2 Sujeito 2 (f) – Texto 1: Angela Amim está na lista da CPI do Narcotráfico	63
3.2.2.1 Análise S2-T1	63
3.2.2.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	64
3.2.3 Sujeito 3 (f) – Texto 1: Prefeita é suspeita de envolvimento com o narcotráfico	65
3.2.3.1 Análise S3 – T1	65
3.2.3.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	66
3.2.4 Segunda atividade: Análise do texto de outro articulista (T1’)	68
3.2.4.1 Texto 1’: “Câmara adia de novo lei antinepotismo”	68
3.2.4.2 Análises do exercício: analise essa notícia (T1’) de acordo com as categorias propostas por van Dijk (1996)	69
3.2.4.3 Análise de S2 e S4 (f) – T1’	69
3.2.4.4 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	69
3.2.4.5 Análise de S3 e S5 (f) – T1’	71
3.2.4.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	71
3.2.4.7 Análise de S1, S6 (f) e S7 (m) – T1’	72
3.2.4.8 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	73
3.2.5 Terceira atividade	74
3.2.5.1 Preliminares.....	74
3.2.5.2 Segmentação do texto 1’.....	75
3.2.5.3 Sequências de frases e proposições	75
3.2.5.4 Texto 1’: “Câmara adia de novo lei antinepotismo”	76
3.2.5.5 Reescritura: S7 – T2 – Votação da lei antinepotismo é adiada novamente	76
3.2.5.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	76
3.2.5.7 Reescritura: S3 – T2 – Deputados adiam votação da lei antinepotismo	78
3.2.5.8 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	78
3.2.5.9 Reescritura: S1 – T2 – Lei Antinepotismo será votada depois do Carnaval	79
3.2.5.10 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	80
CAPÍTULO 4 – O CORPUS E A ANÁLISE DO EXPERIMENTO.....	82
4.1 Preliminares	82
4.2 Turma 0383B – Corpus.....	82
4.2.1 Primeira atividade – Sujeito 1 (f) – Texto 1: CPI convocará Paulo Bornhausen	82
4.2.1.1 Análise S1 – T1	83
4.2.1.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	84

4.2.2 Sujeito 2 (f) – Texto 1: Paulo Bornhausen na CPI do Narcotráfico	86
4.2.2.1 Análise S2 – T1	86
4.2.2.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	87
4.2.3 Sujeito 3 (f) – Texto 1: Paulo Bornhausen terá que se explicar à CPI do Narcotráfico	89
4.2.3.1 Análise S3 – T1	90
4.2.3.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	91
4.2.4 Segunda atividade: Análise do texto de outro articulista (T1’)	93
4.2.4.1 Texto 1’: “Pitta terá de devolver carros”	93
4.2.4.2 Análises do exercício: analise essa notícia (T1’) de acordo com as categorias propostas por van Dijk (1996)	94
4.2.4.3 Análise de S1 e S2 – T1’	94
4.2.4.4 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	94
4.2.4.5 Análise de S3 e S4 (f) – T1’	95
4.2.4.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	96
4.2.4.7 Análise de S5 (f) e S6 (f) – T1’	97
4.2.4.8 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	97
4.2.5 Terceira atividade	98
4.2.5.1 Preliminares.....	98
4.2.5.2 Segmentação do texto 1’	99
4.2.5.3 Sequências de frases e proposições	99
4.2.5.4 Texto 1’: “Pitta terá de devolver carros”	100
4.2.5.5 Reescritura: S7 (m) – T2 – Partido de Maluf quer de volta os carros que Pitta “esqueceu” de devolver	100
4.2.5.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	100
4.2.5.7 Reescritura: S1 – T2 – PPB pede a devolução de carros usados por Victor Pitta	102
4.2.5.8 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	102
4.2.5.9 Reescritura: S2 – T2 – PPB quer os carros de volta	103
4.2.5.10 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	104
CAPÍTULO 5 - O CORPUS E A ANÁLISE DO EXPERIMENTO	106
5.1 Preliminares	106
5.2 Turma 0833C – Corpus	106
5.2.1 Primeira atividade – Sujeito 1 (m) – Texto 1: Paulo Bornhausen é acusado de estar envolvido no narcotráfico	106
5.2.1.1 Análise S1 – T1	107
5.2.1.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora.....	108
5.2.2 Sujeito 2 (m) – Texto 1: Paulo Bornhausen vai depor na CPI	110
5.2.1.1 Análise S2 – T1	110
5.2.1.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	111
5.2.3 Sujeito 3 (m) – Texto 1: CPI do narcotráfico chamará Paulo Bornhausen a depor	112
5.2.3.1 Análise S3 – T1.....	112
5.2.3.2 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	113

5.2.4 Segunda atividade: Análise do texto de outro articulista (T1')	114
5.2.4.1 Texto 1': "Câmara promete barrar novo valor"	114
5.2.4.2 Análises do exercício: analise essa notícia (T1') de acordo com as categorias propostas por van Dijk (1996)	115
5.2.4.3 Análise de S1 e S4 (m) – T1'	115
5.2.4.4 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	116
5.2.4.5 Análise de S2 e S5 (m) – T1'	117
5.2.4.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	117
5.2.4.7 Análise de S3 e S6 (f) – T1'	117
5.2.4.8 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	118
5.2.5 Terceira atividade	119
5.2.5.1 Preliminares.....	119
5.2.5.2 Segmentação do texto 1'	119
5.2.5.3 Seqüências de frases e proposições	121
5.2.5.4 Texto 1': "Câmara promete barrar novo valor"	121
5.2.5.5 Reescritura: S1 – T2 – Anúncio do novo salário mínimo causa indignação na Câmara	121
5.2.5.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	122
5.2.5.7 Reescritura: S2 – T2 – Deputados criticam novo mínimo	124
5.2.5.8 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	124
5.2.5.9 Reescritura: S3 – T2 – Valor do Salário Mínimo não é aceito pela Câmara	126
5.2.5.10 Comentários analíticos da professora-pesquisadora	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
BIBLIOGRAFIA	132
ANEXOS	141
ANEXO 1 – PLANO DE ENSINO.....	142
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIOS.....	145
Questionário pré-teste.....	146
Questionário pós-teste.....	148
ANEXO 3 – TEXTO DA T0383A.....	149
Texto: "Câmara adia de novo lei antinepotismo" (T1').....	150
Superestrutura do texto 1'.....	151
ANEXO 4 – TEXTO DA T0383B.....	152
Texto: "Pitta terá de devolver carros" (T1').....	153
Superestrutura do texto 1'.....	154
ANEXO 5 – TEXTO DA T0383C.....	155
Texto: "Câmara promete barrar novo valor" (T1').....	156
Superestrutura do texto 1'.....	157
ANEXO 6 – GRÁFICOS.....	158
Gráficos demonstrativos por gênero e por idade - T0383A.....	159
Gráficos demonstrativos por gênero e por idade - T0383B.....	160
Gráficos demonstrativos por gênero e por idade - T0383C.....	161

LISTA DE ABREVIATURAS

ADC – Ação Direta de Constitucionalidade

Adin – Ação Direta de Inconstitucionalidade

C – Conteúdo específico

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

DAS – Cargo em comissão

DC – Diário Catarinense

ECP – Estocagem de curto prazo

ELP – Estocagem de longo prazo

F – Filosófica

f - Feminino

FSP – Folha de S. Paulo

HU ou Hu – Hospital Universitário

L – Lingüística

LVA – Lingüístico verbal auditivo

m - Masculino

MCP – Memória de curto prazo

MLP – Memória de longo prazo

P – Proposição

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Trabalhista

PPB – Partido Progressista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTN - Partido Trabalhista Nacional

RS – Registro Sensorial

S – Sujeito

SC – Santa Catarina

Sq – Sequência

T – Texto

UFSC ou Ufsc – Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar como os produtores de notícia se utilizam da linguagem, em especial, das marcas lingüísticas (recursos produzidos pelos macrofenômenos, estrutura temática e esquemática global do texto/discurso, sua macroestrutura) observando como se dá o *nível informativo* (van Dijk, 1990) e o *Princípio da Relevância* (van Dijk, 1990 e Sperber & Wilson, 1995) na organização global do gênero discursivo. Adotaremos a concepção de *linguagem como forma de interação* para nossa prática pedagógica, como proposta por Bakhtin na década de 30 e retomada por Geraldi, 1985. As pesquisas em conhecimento sobre gêneros se firmaram a partir dos estudos de Kintsch & van Dijk (1983) e van Dijk (1989, 1990), através do conceito de superestrutura textual correspondente a um esquema cognitivo – trabalhamos, em sala de aula, com esse esquema denominado de *Teoria da Superestrutura* que faz parte do *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso*, possibilitando aos alunos o reconhecimento e a compreensão das categorias textuais específicas implicadas na notícia que se constitui no carro chefe de todo jornalista. Dessa forma, contribuímos para ampliar a competência tanto lingüística quanto discursiva desses sujeitos. Para análise do corpus trabalhamos com os seguintes autores Kintsch & van Dijk, 1983; van Dijk, 1990, 1989, 1996; Sperber & Wilson, 1995; Lage, 1981, 1993, 1998a, 1998b e Erbolato, 1985.

ABSTRACT

This research aims at investigating how news producers make use of language, and more specifically, of linguistic marks (resources produced by the macrophenomena, the global thematic and schema structure of the text/discourse, their macrostructure), observing how the *informative level* is realized (van Dijk, 1990) and the *Relevance Principle* (van Dijk, 1990 and Sperber & Wilson, 1995) in the global organization of discursive genre. The view of *language as form of interaction* is adopted for our pedagogical practice, as developed by Bakhtin in the 30's and proposed by Geraldi, 1985. Research cognitive studies on genres developed following the study of Kintsch & van Dijk (1983) and van Dijk (1989, 1990), who proposed the concept of text superstructure corresponding to a cognitive scheme. This research applies, in the classroom, the mentioned cognitive scheme, named *Superstructure Theory* that is part of the *Comprehension and Discourse Production Cognitive Model*, which made it possible for students to recognize and understand the specific text categories implied in the news, which constitutes the most important genre in journalism. Thus, the research contributes to increase both the linguistic and discursive competence of these professionals. In the analysis of the corpus, this study relies on Kintsch & van Dijk, 1983; van Dijk, 1990, 1989, 1996; Sperber & Wilson, 1995; Lage, 1981, 1993, 1998a, 1998b e Erbolato, 1985.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta uma investigação sobre o reconhecimento e a compreensão da estrutura textual do discurso jornalístico, especificamente do gênero notícia, por estudantes do Curso de Jornalismo, da terceira fase, da Universidade Federal de Santa Catarina e foi realizada no primeiro semestre do ano de 2000.

Os teóricos Kintsch & van Dijk (1983) desenvolveram o *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* e a *Teoria da Superestrutura do Discurso Noticioso* van Dijk (1990), trabalhamos esse *novo* conhecimento com os sujeitos/alunos, realizando três experimentos em sala de aula na tentativa de observar se o esquema textual da superestrutura iria ser reconhecido pelos sujeitos/alunos em seus textos e em textos de outro articulista. Também observamos se após esse *novo* conhecimento ocorre alguma mudança significativa na produção textual dos alunos, pois, até então, os alunos estruturavam seus textos a partir do *Princípio da Pirâmide Invertida* que é uma técnica de apresentar a matéria cuja seqüência é esta: a) entradas ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à *entrada*; c) pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis.

Trabalhamos com a dicotomia *dado/novo* considerando como *dado* o conhecimento que os alunos possuíam até o momento do experimento, isto é, como já dito, eles estruturavam seus textos a partir do *Princípio da Pirâmide Invertida* e consideramos o *novo* como sendo o modelo proposto por van Dijk (1990), a *Teoria da Superestrutura do Discurso Noticioso* objetivando ampliar os conhecimentos destes sujeitos/alunos.

Como critérios de análise nos textos produzidos pelos alunos, na primeira e segunda atividades propostas em sala de aula, que consistiam no reconhecimento pelos alunos das categorias propostas por van Dijk (1990) para o texto noticioso, além de observarmos esse reconhecimento em nossos comentários analíticos também enfatizamos aspectos referentes à macroestrutura. Na terceira atividade que consiste na reescritura de um texto de outro articulista produzida pelos alunos, priorizamos a *Informatividade* (uma notícia visa a informar) e o *Princípio da Relevância* (o que é considerado mais relevante vem em primeiro lugar na estruturação do texto) propostos por van Dijk (1990) e Sperber & Wilson (1995).

Desse modo, essa pesquisa está estruturada em uma introdução, cinco capítulos, considerações finais, bibliografia e anexos: Introdução; 1) Referencial Teórico; 2)

Metodologia da Pesquisa; 3) O Corpus e a Análise do Experimento (T0383A); 4) O Corpus e a Análise do Experimento (T0383B); 5) O Corpus e a Análise do Experimento (T0383C); Considerações Finais e Anexos.

No **primeiro capítulo** apresentamos as teorias relacionadas à linguagem, ao texto centrando a investigação no *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* e na *Teoria da Superestrutura do Discurso Noticioso* propostos por Kintsch & van Dijk (1983 - 1990) tendo como complemento a *Teoria da Relevância* proposta por Sperber & Wilson (1995). Ainda neste capítulo expomos as especificidades do texto/discurso jornalístico; a *notícia* segundo os postulados de Lage (1981, 1993, 1998a, 1998b); e de Erbolato (1985).

No **segundo capítulo** há a apresentação da metodologia da pesquisa, os sujeitos/alunos, os métodos da pesquisa, a experiência, um breve relato das aulas ministradas incluindo a metodologia dialética utilizada na relação ensino-aprendizagem.

No **terceiro capítulo** apresentamos o corpus da turma 0383A e a análise do experimento à luz das teorias de van Dijk (1990) e de Sperber & Wilson (1995).

No **quarto e quinto capítulos** apresentamos o corpus da turma 0383B e 0383C e a análise destes experimentos à luz das teorias supra-citadas.

Após apresentamos a bibliografia e em anexo estão os materiais da pesquisa (planos de ensino, questionários, textos, esquemas do texto noticioso e gráficos).

A disposição em que está estruturada a pesquisa se dá através do método dedutivo de pesquisa, isto é, vai do geral para o particular. No entanto, no capítulo intitulado análise do corpus usamos o método indutivo de pesquisa, ou seja, do particular para o geral. Partimos dos textos dos alunos e de sua análise para observarmos os resultados da junção entre a teoria e a prática.

Convido-os a adentrar neste universo discursivo.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que aqui se desenvolve compõe-se de dois momentos.

No primeiro momento, explicitaremos algumas concepções de linguagem enfatizando *a linguagem como forma de interação* que é a concepção adotada para nossa prática pedagógica. A seguir contextualizaremos o modelo teórico proposto por Kintsch & van Dijk (1983) denominado *de Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso*, que norteará nossa pesquisa. Também enfocaremos a *Teoria da Relevância* de Sperber & Wilson (1995) por entendermos que vem a complementar o trabalho com a textualidade proposto por van Dijk, auxiliando na compreensão do discurso jornalístico.

No segundo momento, demonstraremos as especificidades tanto lingüísticas quanto discursivas do discurso jornalístico: notícia, seguindo os postulados de Lage (1981, 1993, 1998a, 1998b); de Erbolato (1985) e outros mais.

1.1 - Língua(gem) e gênero

“Linguagem é um trabalho que dá forma ao nosso mundo”
(Franchi, 1991).

Na tentativa de trabalharmos a língua(gem) em sala de aula, explorando a diversidade de gêneros discursivos além dos tipos globais de texto institucionalizados que são a descrição, a narração e a dissertação, optamos por estudar o discurso jornalístico, especificamente o gênero: notícia, por entendermos que a língua(gem) jornalística constitui-se de uma língua(gem) culta, prática, mais próxima da linguagem em uso pelos sujeitos inseridos em determinadas comunidades lingüísticas.

Entendemos que para se trabalhar com a língua(gem) faz-se necessário adotar uma concepção do que seja língua(gem) para podermos enquanto professores nos deslocar em sala

de aula com maior tranquilidade. Geraldi (1985, p. 43) aponta no contexto educacional três concepções de lingua(gem)¹: a) *a linguagem como expressão do pensamento*, pela qual se interpreta que pessoas que não conseguem se expressar não pensam. Nesse sentido a enunciação é um ato monológico individual, que não é afetado pelo interlocutor e nem tampouco pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação ocorre; b) *a linguagem como instrumento de comunicação*, que vê a língua como código, como meio objetivo para a comunicação, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Dessa forma afasta-se o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico na língua. Esta concepção até muito recente era utilizada nas salas de aula. Surgiu a partir de estudos do lingüista Ferdinand Saussure, em 1906, e seus seguidores a chamam de estruturalismo; c) *a linguagem como forma de interação*, em que os falantes se tornam sujeitos, ou seja, os falantes realizam ações, agem, atuam sobre o interlocutor (ouvinte/leitor).

Cabe enfatizar que nesta pesquisa adotou-se a terceira concepção de linguagem – a de *linguagem como forma de interação* para a nossa prática pedagógica, por entendermos que o texto/discurso é social, portanto interação entre locutor/interlocutor, apesar de uma boa parte da literatura jornalística ainda priorizar a segunda concepção de linguagem – *a de linguagem como instrumento de comunicação*.

Quanto à questão dos gêneros é preciso ressaltar que os tipos globais de texto podem perpassar todos os discursos (jornalístico, literário,...). Como exemplo, temos o fato de que o gênero notícia pode conter uma mescla de tipos: relato, descrição e, quando opinativo ou interpretativo apresenta argumentação; esta se apresenta através do discurso citado, do discurso direto ou de críticas do próprio articulista. Pode-se dizer que os tipos são transversais em relação aos gêneros².

Platão & Fiorin consideram

(...) na maioria das vezes, não encontramos um texto em estado puro, já que o descritivo, o narrativo e o dissertativo podem interpolar-se num único texto (1993, p. 289).

Com isso vemos que a maioria dos textos/discursos se compõem de formas sequenciais diversas. O discurso jornalístico, especificamente a notícia, essa manifestação

¹ Até então estamos usando o termo lingua(gem) grafado desta forma, de ora em diante usaremos linguagem.

² Ver: SCHNEWLY (1994) apud FURLANETTO “Produzindo textos: Gêneros ou Tipos?” inédito (1996, p. 15)

discursiva segundo van Dijk (1983) possui uma estrutura própria, como mostraremos no subitem 1.2.3.

1.2 - O texto e seus níveis estruturais: esquemas, superestrutura, macroestrutura e microestrutura.

Levando em conta o pressuposto de que “o pensamento obedece a esquemas”, esquemas devem ser lidos como atalhos que tornam mais fácil e rápido perceber situações e, “esses esquemas (os psicólogos chamam de *esquemata*) compreendem não apenas a linguagem, mas valores éticos, grau de precisão das representações, circuitos preconcebidos de causa e efeito, maior atenção e sensibilidade para certos problemas, desprezo por outros – até mesmo estética e postura particulares” (Lage, 1998a, p. 145). Optamos pela *teoria da cognição* proposta por van Dijk (1983) para analisarmos o texto/discurso jornalístico objetivando explorar as categorias textuais de superestrutura e macroestrutura.

Partiremos de duas concepções de texto: primeiramente a de van Dijk (1980). Para esse autor texto é “uma estrutura superficial ‘governada’ por uma estrutura motivada, ou seja, um conjunto ordenado de sentenças da estrutura profunda”. A segunda concepção de texto também de van Dijk juntamente com Kintsch (1983) é a de texto como sendo “estrutura formal, gramatical do discurso” que se define por uma complexidade de estruturas – microestrutura, macroestrutura e superestrutura – e uma base, que é a “estrutura semântica subjacente”. Pelo fato de van Dijk vir pesquisando há muito tempo a possibilidade de se construir uma gramática gerativa do texto, ele deixa explícito, na primeira concepção de texto, a influência do gerativismo através das noções básicas da gramática gerativa: “estrutura profunda” e “estrutura superficial”; já na segunda concepção, o autor amplia o campo lingüístico abarcando aspectos sociais e cognitivos proclamando o texto como unidade de discurso mais extensa, superior à sentença, supondo a superação do pressuposto básico do gerativismo sintático e semântico.

Para compreendermos o modelo proposto por van Dijk sobre a *Superestrutura da Notícia de Jornal*, faz-se necessário rememorar alguns conceitos básicos da lingüística textual que são: superestrutura, macroestrutura, microestrutura e estrutura semântica subjacente.

Fávero & Koch (1983) entendem por superestrutura, “a estrutura esquemática do texto. É a forma global de um texto que define a sua organização e as relações de seus respectivos

fragmentos”. A superestrutura organiza hierarquicamente uma ordem de categorias a ser seguidas na escritura de um texto denominado de notícia.

Para Kintsch & van Dijk (1983), as superestruturas são formas convencionais que caracterizam um gênero de discurso. Elas ordenam as seqüências de frases e lhes atribuem funções específicas. São um esquema atribuído a muitos tipos de discurso, que consiste em uma estrutura hierárquica de categorias convencionais, fornecendo a sintaxe completa para o significado global (macroestrutura) do texto. Embora cada superestrutura se defina por *categorias fixas*³ e *regras de formação* (definem a ordem em que as categorias ocorrem), nada impede que as categorias de uma certa superestrutura estejam presentes em outras superestruturas. Com isso vê-se que a superestrutura é um tipo de esquema textual desprovido de conteúdo.

É sabido que a noção de superestrutura primeiramente foi apresentada por Aristóteles, na Grécia Antiga, ao distinguir, em sua *Arte Retórica*, as diferentes partes do discurso: exórdio, narração, demonstração, peroração e facécia.

Para Fávero & Koch (1983), “A macroestrutura explicita a coerência do texto, a sua estrutura temático-semântica global”. Para Silva (1988), a macroestrutura “é o resumo do resumo, e corresponde à estrutura profunda do texto” e para van Dijk (1983, p. 52) “Macrostructures are also the product of inferential processes. (...) they are reductive and serve to reduce a text to its essential communicative message”.

Quanto à microestrutura, esta “é a estrutura local de um texto, isto é, a estrutura das orações e sua relação mútua de conexão e coerência” (Fávero & Koch, 1983). A microestrutura compreende as palavras, frases e seqüências de frases, que se manifestam na linearidade do texto, resultante da textualização do produtor. A microestrutura deve corresponder à estrutura superficial do texto, diz respeito à estrutura das proposições individuais e de suas relações locais.

Cabe ressaltar que toda proposição se constrói com um predicado e um certo número de argumentos e a relação entre o predicado e os argumentos deve estar interligada entre si; o que proporciona esta conexão entre as partes são marcadores lingüísticos, também chamados de conectivos ou elementos de coesão como exemplo temos: pronomes (ele, ela, seu, sua, este, etc.), advérbios (aqui, aí, lá etc.), conjunções (mas, que, para que, quando, embora etc.).

³ Como exemplo de categorias temos em uma história: a orientação, a complicação, a resolução, a avaliação e a moral. Segundo Koch (1983, p. 88), essas categorias se encontram também em Isenberg e são baseadas em Labov e Waletzky.

Kintsch & van Dijk (1983) priorizam no discurso jornalístico a coerência global. Para eles a coerência local depende de estratégias estruturais, semânticas, epistêmicas (conhecimento de base) e pragmáticas (deve envolver conhecimentos e crenças sobre a situação comunicativa e o contexto sócio-cultural). Isso faz com que o usuário da língua atue no momento da leitura e interpretação do texto com informações do conhecimento sobre o contexto atual que envolve o fato, conhecimento sobre textos prévios e mais gerais ou conhecimento episódico do mundo. Assim a microestrutura seria a coerência local de um texto que envolve além de evidências gramaticais também conhecimentos cognitivos sobre o fato ou os fatos.

Em nossa pesquisa, assim como van Dijk, priorizamos os aspectos globais do texto, a macroestrutura, não trabalhamos aspectos referentes à microestrutura.

Para van Dijk (1990) a base de texto – estrutura semântica subjacente – pode ser implícita ou explícita. A base de texto implícita é aquela que compreende a seqüência de proposições que constituem a entrada das regras de expressão, quando se suprimem as proposições denotadoras de fatos gerais e particulares, que o escritor pressupõe conhecidas do leitor. A base de texto explícita é aquela que compreende todas as proposições presentes, construídas pela ativação de modelos cognitivos armazenados na memória; assim o leitor é capaz de reconstruir as demais proposições, retiradas anteriormente pelo escritor.

1.2.1 - Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso

Apresentaremos uma visão geral do *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* ou como também é chamado de *Modelo Estratégico de Processamento de Discurso* conforme Kintsch & van Dijk (1983). Convém ressaltar que este é o segundo modelo proposto pelos autores, pois o primeiro modelo operava com regras e estruturas abstratas pré-fixadas, de caráter tautológico, que tentavam desenhar o processamento de textos principalmente com base na coerência textual (vista conjuntamente com a coesão). Nesse primeiro modelo Kintsch & van Dijk propõem quatro *macrorregras*: - *supressão* ou *apagamento*: elimina-se o que não é pressuposto; *seleção*: elimina-se dados convencionais de um marco (denota uma estrutura conceitual na memória semântica); *generalização*: substitui elementos por macroconceitos imediatos; *construção*: substitui dados de um marco por uma seqüência que represente o marco inteiro.

Todas essas *macrorregras* são abstrações, isto é, como as representações semânticas são processadas e organizadas na memória, que definem o que é relativamente importante, a primeira e a segunda são seletivas enquanto que a terceira e quarta são construtivas. Passado algum tempo, Kintsch & van Dijk (1983) reduziram as *macrorregras* a três: *supressão*, *generalização* e *construção*. Para eles, as *macrorregras* são também regras de informação, redução e organização. Já o segundo modelo, o qual escolhemos para essa pesquisa, constitui-se em uma ampliação em relação ao primeiro modelo e trabalha com operações mais flexíveis de compreensão do discurso, trabalha com informação incompleta e baseia-se em pressupostos cognitivos e pressupostos contextuais; é de base processual, “*on-line*” e com uma abordagem que desejamos chamar de *estratégica*. Nesse modelo, a direção do mapeamento deve ser respeitada pois ela expressa a hierarquia no modelo – níveis mais altos e mais baixos de informação.

Dessa forma, quando se trata de um discurso típico, reconhecido pelo falante ou leitor, esses começarão, imediatamente, a construir a representação semântica do texto, seguindo a direção do mapeamento, pois a superestrutura desse tipo de texto já está armazenada na memória de longo prazo (local de estocagem permanente).

Segundo Kintsch & van Dijk:

(...) o modelo deverá dar conta do fato de que o discurso, e o processo de compreensão do discurso, são processos funcionais dentro do contexto social. Chamaremos a isso de *pressuposto da funcionalidade* (social). A primeira implicação cognitiva deste pressuposto é que os usuários da língua constroem uma representação não só do texto, mas também do contexto social, e que ambas representações interagem (1996, p. 17).

Em um primeiro momento percebemos que Kintsch & van Dijk parecem entender texto apenas enquanto materialidade, organização, desvinculado do contexto social, e nos dá a entender que quando o componente social passa a fazer parte do texto, esses autores passam a chamá-lo (o texto) de discurso. Nesse sentido, a análise crítica do discurso proposta pelos autores

(...) considera tanto os dados do social – a sociedade e grupos sociais – quanto do individual, pois os usuários da linguagem falam/escrevem e entendem-se, seja como membros de um grupo, seja como indivíduos. Cada locutor é tão único em seu discurso que ele pode apresentar variação individual, disparidade e até dissidência, em relação ao grupo social, apesar das semelhanças sociais que o define como membro grupal (cf. Guimarães, 1997, p. 26).

Pelo fato do pressuposto cognitivo ser muito global, van Dijk (1996) divide-o em :

- a) *Pressuposto construtivista* – diferentes representações na memória, dependendo da compreensão dos acontecimentos pelo locutor e ouvinte.
- b) *Pressuposto interpretativo* – neste tanto o locutor quanto o ouvinte não apenas representam os dados, mas dão uma interpretação dos acontecimentos e do enunciado.
- c) *Pressuposto “on-line”* – em que a compreensão ocorre ao mesmo tempo do processamento de informações, de forma gradual e não subseqüentemente.
- d) *Conjetura pressuposicional* do modelo – a compreensão envolve além do processamento e interpretação de informações exteriores, a ativação e o uso de informações internas e cognitivas (crenças, opiniões, atitudes, motivações).
- e) *Pressuposto estratégico* – este é o foco de atenção no trabalho de van Dijk, ao considerar que podemos combinar, de maneira efetiva, as informações da situação ou contexto e informações das pressuposições cognitivas, possibilitando-nos construir uma representação mental rápida e eficaz, pois não existe ordem fixa entre a informação que entra e sua interpretação.

A respeito dos pressupostos contextuais, parte-se do pressuposto de que as dimensões sociais do discurso interagem com as dimensões cognitivas. Nesse sentido, “o modelo cognitivo deverá dar conta do fato de que o discurso, e o processo de compreensão do discurso, são processos funcionais dentro do contexto social” (van Dijk, 1996, p. 17). Esse pressuposto é chamado de *pressuposto da funcionalidade* (social).

Imbricados aos pressupostos contextuais estão:

- a) *Pressuposto da funcionalidade* (social) – usuários da língua constróem uma representação não somente do texto, mas também do contexto social e, ambos interagem.
- b) *Pressuposto pragmático* – quando há intenções envolvidas no discurso, ou seja, quando um falante, ao contar uma história, empenha-se em um ato social, em um ato de fala, em um ato de afirmar algo ou prevenir o ouvinte sobre alguma coisa, temos o “pressuposto pragmático”, implicando uma avaliação do discurso pelo ouvinte.
- c) *Pressuposto interacionista* – o pressuposto pragmático pode ser generalizado como *pressuposto interacionista* se em uma interação, tanto o locutor quanto o ouvinte, tiverem motivações, propósitos ou intenções.

- d) *Pressuposto situacional* – quando uma história é contada em contextos diferentes – formais e informais – a interpretação do sentido e as funções da história sobre o acontecimento também serão diferentes.

Como todo modelo apresenta limitações, o modelo proposto por van Dijk também impõe limitações empíricas pois é impossível investigar os detalhes de todas as pressuposições. O autor, procurando estabelecer relações entre textos, estruturas textuais, estruturas contextuais e cognição, sobretudo cognição social, faz abstrações desses detalhes e age como se o usuário da linguagem construísse uma representação completa, quando um determinado número de condições tanto de ordem local, como global ou microestruturas fossem satisfatórias.

Van Dijk também esclarece que, neste modelo, informações dos níveis morfofonológico, sintático, semântico e pragmático interagem de forma complexa e que a noção de nível de sentença é estendida para nível de discurso (o global). Entendemos que é neste momento que o texto passa a ser chamado de discurso e essa extensão (de nível de sentença para nível de discurso – informações textuais e contextuais) é o que ele chama de modelo estratégico⁴, pois as estratégias são parte de nosso conhecimento geral; elas representam o conhecimento procedural que possuímos sobre compreensão do discurso. Como uma das principais características do modelo, apresenta-se

(...) a pressuposição de que compreensão de discurso envolve não somente a representação de uma base textual⁵ na memória, mas também, ao mesmo tempo, a ativação, atualização e outros usos do chamado *modelo situacional* na memória episódica; isto é, a representação cognitiva dos acontecimentos, ações, pessoas e, de forma geral, a situação sobre a qual o texto se baseia (van Dijk, 1996, p. 24).

Há precedentes históricos para tal noção. Na verdade, nesse modelo o autor do texto/discurso e/ou leitor/ouvinte retêm na memória episódica informações relevantes, como tópicos principais, palavras-chave, para o encadeamento lógico do que está sendo escrito, lido, entendido e/ou ouvido. Portanto, a base textual que consiste na representação semântica do discurso na memória, em termos de proposições e relações entre proposições, torna-se eficaz ao usuário da língua quando ela preencher um número mínimo de critérios, como os de

⁴ Van Dijk diz que a noção de estratégia de compreensão foi utilizada primeiramente por Bever, 1970, no contexto do processamento da sentença. Para van Dijk (1996, p. 22) “A compreensão de uma palavra em uma oração dependerá de sua estrutura funcional enquanto um todo, tanto no nível sintático quanto no nível semântico. Isso significa que, ao invés de operarmos com um modelo estrutural convencional de processamento, operamos com um modelo *estratégico*”.

⁵ Cabe lembrar que bases textuais serão entendidas em termos de proposições e relações entre proposições.

coerência local e global (esta ligada à noção de macroestruturas).

Na perspectiva cognitiva, os contextos são construções mentais que têm por base a sociedade e são elaboradas, na memória, como modelos situacionais. Nesse sentido, podem monitorar diretamente a produção e a compreensão de fala, escrita e de texto jornalístico, de forma a explicar como as estruturas sociais podem influenciar as estruturas do discurso, por meio do controle da mente dos membros sociais.

Outra propriedade geral desse modelo

(...) é seu *sistema de controle* geral. Para o processamento de cada discurso, o sistema de controle é alimentado pelas informações gerais específicas sobre o tipo de situação, tipo de discurso, objetivos gerais (do leitor/ouvinte e do autor/locutor), pela superestrutura esquemática e pela macroestrutura (enredo/temas) do texto, ou por planos, no caso de produção (van Dijk, 1996, p. 25).

Esse sistema de controle supervisionará o processamento na memória a curto prazo, ativando o conhecimento episódico necessário, assim como o semântico mais geral, fornecendo informações superiores dentro das quais as informações inferiores devem ser ajustadas, coordenando as diversas estratégias de processamento direcionadas à produção de informações, tais como representações semânticas, pragmáticas, interacionais e contextuais.

Para melhor explicitar o funcionamento do *sistema de controle* geral van Dijk se utiliza da metáfora dos compartimentos da modularidade da memória partindo do pressuposto de que esse *sistema de controle* se encontra na memória episódica, de tal maneira que suas informações sejam acessíveis, tanto pela memória de curto prazo como pela de longo prazo, dessa forma recuperando informações e facilitando a compreensão estratégica do discurso. Esse sistema coordenaria as diversas estratégias compatíveis com os objetivos gerais da compreensão, decidiria quais informações da memória de curto prazo devem ser transferidas para a memória de longo prazo, ativaria modelos situacionais relevantes na memória de longo prazo, promovendo a busca de informações relevantes. O autor ainda ressalta a importância das *estratégias de uso* do conhecimento processadas pelo usuário da língua dependendo, é claro, do seu nível cultural e, a partir do texto e do contexto, para a compreensão do discurso.

A nosso ver, essas *estratégias de uso* do conhecimento são os conhecimentos prévios que o usuário da língua possui sobre n-temáticas, das quais ele pode fazer inferências e argumentar tanto favoravelmente quanto negativamente e esses conhecimentos prévios envolvem em uma dada situação comunicativa aspectos cognitivos (dogmas, valores pessoais, atitudes); pode-se dizer que envolvem *cognição, discurso e interação*.

O *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* possui alguns componentes estratégicos que são: estratégias proposicionais, estratégias de coerência local, macroestratégias, estratégias esquemáticas, estratégias de produção e outras estratégias (estilísticas, retóricas, não-verbais e conversacionais).

- a) Estratégias proposicionais são para van Dijk as proposições construídas com base no significado da palavra, que é ativado na memória semântica e estruturas sintáticas das orações.
- b) Estratégias de coerência local são o estabelecimento de conexões significativas entre as sucessivas sentenças em um discurso.
- c) Macroestratégias são as estratégias que inferem macroproposições da seqüência de proposições expressa localmente pelo texto.
- d) As estratégias esquemáticas constituem-se na estrutura esquemática convencional de alguns tipos de discurso, lembrando que essas estruturas variam de acordo com a cultura; essas estruturas são uma forma global que organiza a macroproposição (o conteúdo global do texto). Como exemplo de estratégias esquemáticas temos as estórias, pois estas possuem um esquema narrativo que consiste em uma estrutura hierárquica de categorias convencionais, tais como *Situação* (em que ocorre o fato, o detalhamento das circunstâncias da ocorrência); *Complicação* (o que foge à regra, às expectativas) e *Resolução* (diluição da complicação, positiva ou negativa). Esses esquemas são chamados por van Dijk de *superestruturas do texto*, ou seja, são as estruturas globais dos textos, esquemas abstratos que determinam a ordem global das diferentes partes dos mesmos. As superestruturas são compostas de categorias que se ordenam de acordo com regras de combinação e transformação. Os esquemas não são arbitrários e há uma relação entre esses esquemas e os aspectos semânticos, pragmáticos e comunicativos dos textos.
- e) Nas estratégias de produção o ouvinte e o locutor têm acesso a diferentes tipos de informação a cada ponto da compreensão do processo de produção, sendo que as estratégias relevantes serão também diferentes. Isto significa que o ouvinte terá de perceber o tópico do discurso de diversas maneiras, enquanto que o locutor, em muitos casos, já sabe o tópico do discurso a ser produzido, exceto em alguns tipos de conversas espontâneas. Dessa forma, a principal tarefa do locutor é a construção de tal macroestrutura, enquanto *plano* semântico do discurso, composto de elementos do conhecimento geral e, especialmente, de elementos do modelo situacional.

f) Outras estratégias desenvolvidas são as estratégias estilísticas, as retóricas, as não-verbais e as conversacionais. A estratégia estilística constitui-se nas opções linguísticas que o usuário pode fazer entre alternativas de expressar mais ou menos o mesmo significado ou denotar o mesmo referente sob a área de ação do tipo de texto e das informações contextuais (tipo de situação, grau de formalidade, categorias dos participantes da conversação e objetivos gerais). Já as estratégias retóricas constituem-se na utilização de figuras de palavras. Enquanto a função principal da variação estilística é sinalizar relações entre o discurso e o contexto pessoal e social da fala, as estruturas retóricas são usadas para aumentar a eficácia do discurso e interação comunicativa. São, portanto, estratégias por definição, já que são usadas para perceber os objetivos da interação verbal tais como compreensão, aceitação do discurso e sucesso do ato de fala. Quanto às estratégias não-verbais essas constituem-se de gestos, expressões faciais, proxêmica, posições corporais e outros. Cabe ressaltar que isso raramente conduzirá, por si só e de forma independente, às representações semânticas (tal como “uma cara brava” implica “o locutor está bravo”), mas, geralmente, facilitará as estratégias de compreensão e produção de discurso. Sobre as estratégias conversacionais, essas incluem movimentos que envolvem as funções sociais e interacionais das unidades discursivas, tais como atos de fala e proposições.

Os componentes estratégicos em alguns pontos operam paralelamente e auxiliam o estabelecimento da função do discurso dentro do contexto interacional e o desempenho e compreensão adequados dos atos de fala.

Van Dijk (1996, p. 35) sugere que esse modelo possa vir a ser encaixado em um modelo mais amplo de interação verbal estratégica, dentro do contexto social, pois para ele apesar de ainda na contemporaneidade existir uma lacuna teórica entre, de um lado, uma teoria da língua e do texto/discurso e, de outro, uma teoria social da interação, esse modelo cognitivo propõe uma possível relação entre as duas teorias.

Retomando o objeto desta pesquisa, que é o estudo do campo jornalístico, especificamente do gênero notícia e dos efeitos de sentido que este produz, iremos demonstrar o modelo da organização global da notícia proposto por van Dijk (1990). Segundo o autor seu modelo contempla estruturas da notícia além do nível sentencial, como as estruturas temáticas e esquemáticas. São ignorados traços sintáticos, semânticos, estilísticos ou retóricos das sentenças ou conexões sentenciais. A preocupação está nos macrofenômenos e não na microorganização do discurso da notícia.

Por estrutura temática de um discurso van Dijk entende a organização geral de ‘tópicos’ globais sobre os quais versa um exemplar de notícia. Esta análise temática é realizada à luz de uma *teoria de macroestruturas semânticas*.

Os esquemas são usados para descrever a forma global de um discurso. A superestrutura descreve tais esquemas. A notícia ou o discurso noticiosos têm um esquema convencional, no qual os tópicos gerais ou o conteúdo global devem ser inseridos. As superestruturas temáticas organizam macroestruturas temáticas. A categoria *manchete*, no discurso da notícia, tem forma e posição fixa e normalmente expressa o tópico mais importante da notícia.

Para van Dijk (1996) através deste instrumental teórico, estamos aptos a analisar também a noção da análise do discurso, de *relevância* que é fundamental na caracterização da notícia, pois esta possui o que podemos chamar de *estrutura da relevância*, que indica ao leitor qual informação é mais importante ou proeminente no texto.

Na sua proposta de análise do discurso noticioso, van Dijk assume que há uma relação sistemática entre texto noticioso e contexto, entendendo contexto como a existência de condições sócio-culturais e cognitivas agindo sobre as propriedades organizacionais das mensagens da mídia.

Assim, parece plausível que as formas estruturais e os sentidos globais de um texto de notícia não são arbitrários, mas o resultado de hábitos sociais e profissionais de jornalistas em ambientes institucionais, de um lado, é uma condição importante para o processamento cognitivo eficaz de um texto noticioso, tanto por jornalistas como por leitores, de outro (1996, p. 123).

Ao analisarmos uma notícia, não devemos nos ater somente em seu conteúdo, pois isso, segundo van Dijk, é apenas a metade da história, literalmente. Por estruturas temáticas devemos entender o tópico ou o tema de um discurso, ou de uma informação. Pode-se dizer que tais temas ou tópicos organizam o que é mais importante em um texto. Eles definem, com efeito, o “resultado” do que é dito ou escrito. Não se atribui um tema ou tópico a uma sentença, mas a segmentos mais amplos de fala ou texto. Esses elementos pertencem a estruturas globais do discurso:

(...) um discurso não é apenas um conjunto de sentenças, mas uma seqüência ordenada, com condicionamentos convencionais sobre ordenações possíveis, desde que seja significativa e represente certas estruturas de fato, por exemplo, episódios (van Dijk, 1996, p. 42).

Através desta proposição vemos que a preocupação do autor não está na organização discursiva, mas sim, nos macrofenômenos, isto é, nos aspectos globais do discurso, nas estruturas temáticas e esquemáticas.

No discurso noticioso, as *manchetes* e *leads* são usados para exprimir ou inferir o tema ou tópico. Normalmente a *manchete* exprime o evento mais recente ou o mais importante, pois existe uma regra ou um *princípio de atualidade da imprensa* de que os últimos eventos principais são mais importantes.

Existem alguns princípios hipotéticos para a produção estratégica do discurso noticioso, os quais explicam, em termos cognitivos, o que um jornalista deve fazer ou faz durante a escritura de um texto noticioso, e como esse processo resulta nas estruturas características de um artigo noticioso na imprensa. Pode-se dizer que a *estratégia de produção do discurso noticioso* global atua de acordo com os seguintes passos:

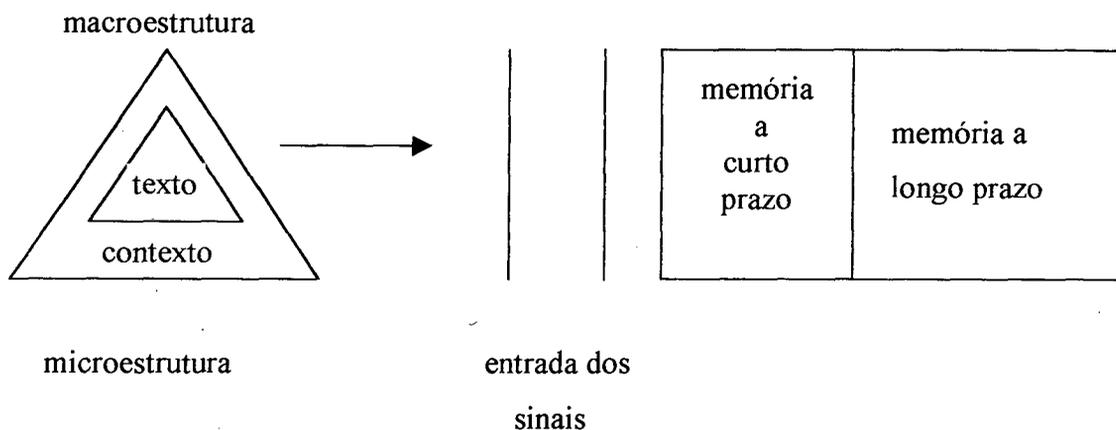
- (i) Ativar o *modelo da situação atual*, tal como foi formado pela interpretação de outros relatos noticiosos, despachos de agências e outros conhecimentos e crenças.
- (ii) Derivar de uma *estrutura temática* global deste modelo de situação, com objetivo de expressar esses temas através de um texto noticioso.
- (iii) Decidir quais dos temas principais de estrutura temática são os mais relevantes e importantes, dado um sistema de valores da notícia, ou outras normas, rotinas ou ideologias jornalísticas, como “recência”, negatividade, pessoas da elite, nações de elite, etc.
- (iv) Iniciar a produção real pela expressão do tema principal mais relevante como *manchete*, e o resto da estrutura de topo de temas como o *lead* de um artigo noticioso.
- (v) Cada parágrafo seguinte deverá desenvolver um tópico de nível imediatamente inferior, de acordo com os seguintes princípios de produção (estratégias de escrita):
 - a) Conseqüências importantes vêm em primeiro lugar
 - b) Detalhes de um evento ou ator sucedem-se à menção global do evento ou pessoa.
 - c) Causas ou condições de eventos são mencionadas após o evento e suas conseqüências.
 - d) Informação contextual e de *background* vem por último⁶.

⁶ Ver: VAN DIJK, Teun Adrianus. *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Contexto, 1996, p. 138-139.

Esses princípios para a produção estratégica do discurso noticioso valem também para sua leitura estratégica, compreensão e memorização para o leitor. Esses princípios, mencionados até então, são o que van Dijk chama de *macrosemântica do discurso da notícia*. Agora passaremos a apresentar o funcionamento do *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* e após apresentaremos a *macrossintaxe*, ou seja, os artigos noticiosos têm também uma forma convencional, um esquema textual, a superestrutura⁷, que organiza o seu conteúdo global.

1.2.2 - O funcionamento do modelo

Em 1992, van Dijk apresenta um organograma, a fim de facilitar a compreensão do modelo, que corresponde ao sistema de cognição sendo uma forma de falar sobre a memória, sobre a representação.

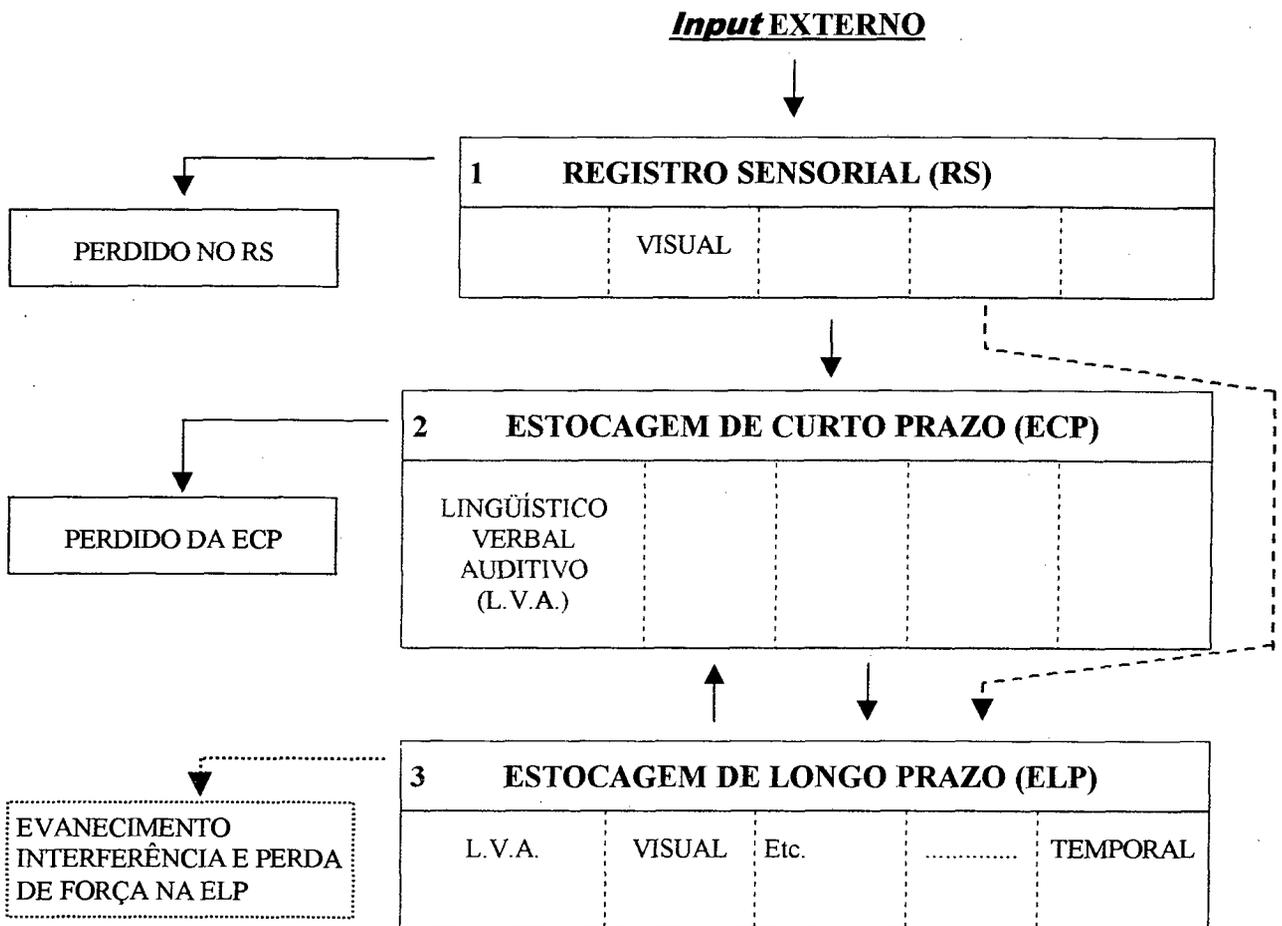


Nesse modelo o ponto de partida é o leitor ou o ouvinte, lendo ou ouvindo um tipo de texto, isto é representado pelo triângulo por se tratar de uma estrutura hierárquica. Tanto a memória de curto prazo (MCP) quanto a memória de longo prazo (MLP) exercem um papel importante nesse processo e segundo van Dijk seu modelo foi realizado a partir da teoria da memória de Atkinson e Shiffrin (1977). A MCP é caracterizada como uma estação (*buffer*) de capacidade limitada que retém a informação por alguns milissegundos para permitir a passagem à MLP. É a memória de trabalho, compreendendo, analisando e interpretando os sinais escritos e auditivos que entram para o processamento. Inicialmente há um processo de

⁷ Segundo Mainguenu, "A superestrutura (ou esquema textual) diz respeito, então, à organização superficial do texto, sua composição. Essas superestruturas oferecem grades que facilitam muito a produção e a compreensão de textos" (1998, p. 135).

decodificação das palavras e, a seguir um processo de interpretação, atribuindo um sentido a esse tipo de estrutura. Já a MLP é o local da estocagem permanente.

A título de exemplificação vejamos o esquema sobre a estrutura do sistema da memória proposto por Atkinson e Shiffrin, 1977 (apud Bonini, 1999, p. 17).



Fonte: Estrutura do sistema da memória Atkinson e Shiffrin, 1977, p. 11 (apud Bonini, 1999, p. 17)

A interpretação cognitiva com uma abordagem “estratégica” é diferente da interpretação gramatical, lingüística formal, pois nesta existem regras invariáveis, prescritas, enquanto que na interpretação cognitiva ao aplicar-se estratégias, ao representar o conhecimento, podem ocorrer inadequações de interpretação, porque elas não são invariáveis, impostas, mas sim recursivas, isto é, trata-se de uma interpretação provisória, que opera os dados em vários níveis ao mesmo tempo – fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, ocorrendo interativamente e simultaneamente. Esse tipo de interpretação é o que o autor chama de “*on line*”, termo empregado no campo da computação. Também os conhecimentos do contexto (tipo de comunicação, de falante etc.) são imprescindíveis na interpretação. Caso

a pessoa cometa uma inadequação e a perceba imediatamente, assim que possuir mais dados, pode vir a corrigi-la.

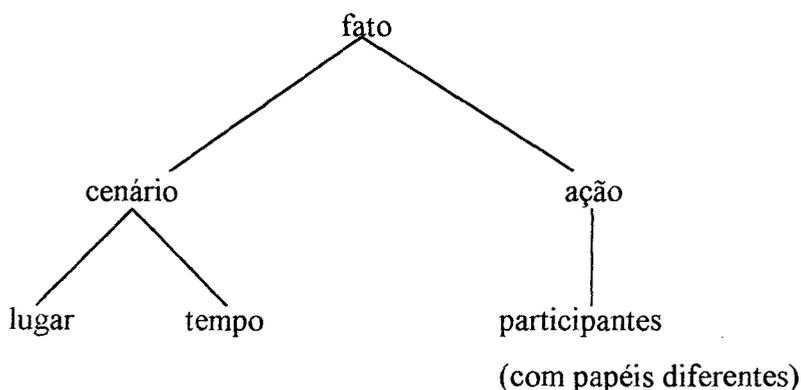
Nesse modelo, a representação é produzida na memória a curto prazo e armazenada na memória a longo prazo, que se divide em memória episódica e memória semântica.

A memória episódica estoca conteúdos bastante específicos contextualizados por fatos demarcados temporal e espacialmente, ela é o registro das experiências pessoais, isto é, a memória pessoal, a memória autobiográfica como um bloco de conteúdos pessoais em que vão sendo acrescentados novos dados, dia-a-dia, reformulando a representação da situação.

A memória semântica é formada por proposições genéricas, abstratas e relacionais que dizem respeito ao conhecimento sobre as palavras e os símbolos verbais. Seria a representação dos conhecimentos compartilhados com outras pessoas da mesma cultura, do mesmo grupo social, da mesma classe e por isso van Dijk a chama de memória social: nela estão armazenados os “scripts” – experiências de mundo passadas pelo grupo; são generalizantes e conceituais e atuam na construção da microestrutura do texto lido através dos tópicos e temas mais gerais, que são representações semânticas de vários níveis. A distinção dessas memórias é meramente funcional, na verdade são diferentes formas de representação de uma mesma realidade.

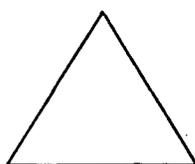
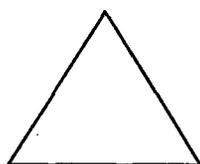
Quando compreendemos um determinado tipo de texto, fazemos uma representação semântica do sentido, ao mesmo tempo em que reconstruímos o “modelo de situação”. Na compreensão de textos/discursos, na representação do evento e na compreensão da realidade, tanto o leitor quanto o interlocutor, que é o participante de uma situação, usaram um esquema fixo como auxiliar que possibilita o acréscimo de opiniões pessoais. Esse esquema é organizado por: cenário (lugar, tempo) e ação (participantes com papéis diferentes). Vejamos o esquema mostrado a seguir:

Esquema do modelo da situação

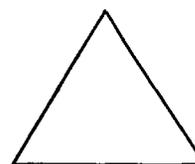


O “modelo do contexto” da comunicação tem uma representação específica, ele dá conta da representação subjetiva do acontecimento que está sendo conhecido. Dessa forma, o produtor constrói a “macroestrutura” através de representações arquivadas na memória semântica (social); isso lhe permite chegar a uma opinião que consiste na ativação do “modelo de situação” juntamente com o “modelo do contexto”, como está mostrado abaixo:

macroestrutura



modelo de representação
de uma situação



modelo de
contexto

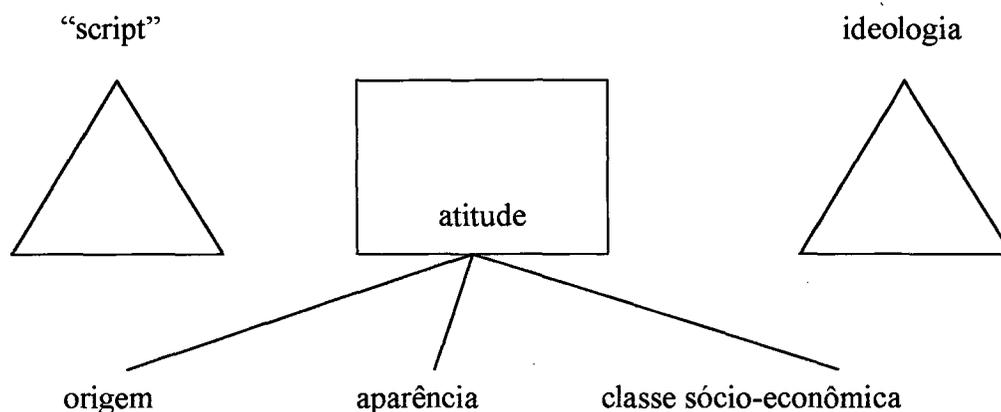
Como exemplo desses elementos temos no caso da produção de um texto, como o jornalístico, que o jornalista dispõe de um modelo de realidade e de uma representação dos leitores, no “modelo do contexto”, portanto há uma relação entre os conhecimentos gerais e o conhecimento específico sobre um determinado evento. O “script” ligado à memória social – experiência de mundo compartilhada – permite-lhe que tenha opiniões sobre o acontecimento.

Um outro tipo de cognição social proposto por van Dijk (1993) é o de atitude, que corresponde às avaliações sociais (gerais, abstratas e compartilhadas por outros membros de um grupo social ou instituição) e, este tipo falta ao jornalista. As atitudes não são opiniões pessoais e podem ser tanto positivas quanto negativas, dependem de uma série de fatores como, origem, aparência ou classe sócio-econômica.

Existe também a estrutura ideológica que serve para produzir o sistema de compreensão do grupo, influenciando a relação entre atitudes, com base em valores e normas. Segundo van Dijk:

(...) ideologia pode ser definida como estruturas básicas que organizam as representações sociais nas mentes de membros de um grupo social, isto é, como uma função com objetivos sociais, políticos e de interesse de grupos ou instituições. As ideologias são um fenômeno mental e social. As estruturas internas são definidas como cognitivas. As condições externas e funções estão relacionadas a grupos e instituições, e, portanto, são sociais. Apenas grupos (ou instituições têm uma ideologia. Indivíduos podem compartilhar da mesma ideologia apenas como membros de grupos sociais ou comunidades e não como indivíduos. A ideologia relaciona o indivíduo ao social – micro e macro níveis da análise social (1993, p. 01).

No caso específico do texto, a ideologia é sempre expressa de forma muito indireta e, por isso, ocorrem variações individuais. Vejamos:



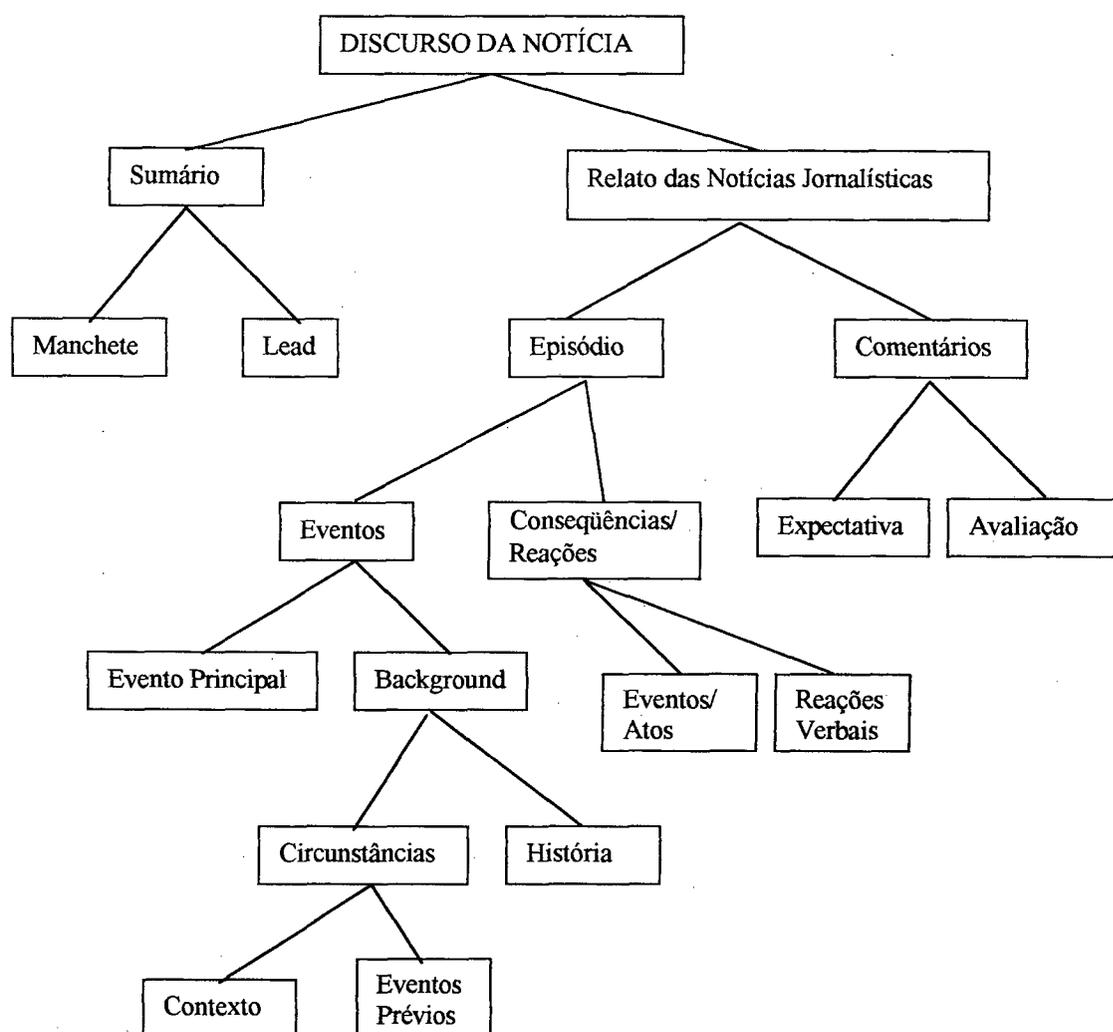
1.2.3 - O esquema textual da notícia

As categorias propostas por van Dijk (1996) para o esquema das notícias são: *Manchete* (título-obrigatório – está literalmente “acima” da notícia e seu tamanho e sua posição, portanto, servem como estratégias dirigidas aos processos cognitivos de percepção e atenção) e *Lead* (texto introdutório, corresponde à estrutura temática da notícia que, muitas vezes, repete a macroproposição de mais alto nível expressa na *Manchete*), reunidas em uma categoria de nível mais elevado – *Sumário* – pois resumem/resumem o texto. O *Sumário* verbaliza a macroestrutura semântica subjacente de um texto, do qual se expressa o tópico ou o tema principal; geralmente encabeça a notícia. A categoria de nível correspondente ao *Sumário* é o *Relato jornalístico*, subdividido em duas categorias: *Episódio* e *Comentários*. O *Episódio* também subdivide-se em *Eventos* e *Conseqüências/Reações*. Da categoria *Eventos* fazem parte: *Evento Principal*, categoria obrigatória e recursiva (o que aconteceu – informação de eventos recentes); e *Background* (informação que fornece o contexto social, político ou histórico, ou as condições do evento, também pode-se dizer que é o pano de fundo). Existem dois tipos de *Background*: a categoria *História* (acontecimentos ocorridos no passado e que estão apenas indiretamente relacionados ao evento que é a notícia) e a categoria *Circunstâncias*, formada pelo *Contexto* (englobaria as informações sobre a situação global na qual está inserido o *Evento Principal* – antecedentes presentes) e *Eventos Prévios* (acontecimentos que ocorrem antes ao *Evento Principal* e que podem constituir-se numa causa ou condição deste).

Da categoria *Conseqüências/Reações* fazem parte: *Eventos/Atos* e *Reações Verbais*. Nestas são descritos ações ou *Reações Verbais* (informa as declarações rotineiras dos

participantes imediatos e, dos principais políticos nacionais e internacionais que pretendem comentar ou dar opiniões sobre os eventos da notícia) que decorrem do *Evento Principal*. A categoria *Comentários* subdivide-se em *Expectativas* (o que pode vir a acontecer – referência a eventos futuros) e *Avaliação* (opinião, conclusão). Estas categorias são sobre o *Evento Principal* e na maioria das vezes são apresentadas pelo autor do texto (podem ser opiniões pessoais do autor do texto ou do jornal) mas não são categorias obrigatórias na notícia.

Algumas das categorias propostas por van Dijk (1996, p. 147) possuem uma ordem mais rígida, como por exemplo, o *Sumário* (*manchete* e *lead*) vem sempre em primeiro lugar e *Comentários*, geralmente no fim; porém outras categorias como *Eventos Prévios* e *Contexto* possuem uma ordem descontínua na superestrutura abstrata da notícia⁸. Para maior explicitar vejamos, a seguir, esta representação esquemática da superestrutura do discurso da notícia:



Fonte: Superestrutura do Discurso da Notícia de Jornal (van Dijk, 1996, p. 147).

⁸ Convém ressaltar que essa ordem na superestrutura abstrata da notícia pode diferir de cultura para cultura, de jornal para jornal e de jornalista para jornalista.

Segundo Bonini, a superestrutura da notícia “surge como uma organização textual determinada por um contexto interacional em que a informação é um produto de mercado, frente ao qual ela tem que ser imparcial e obedecer a certo espaço editorialesco” (1999, p. 38).

Iremos utilizar este esquema categorial – *superestrutura do discurso noticioso* proposto por van Dijk – quando procedermos à análise juntamente com os alunos produtores de notícia, em termos formais, de um discurso noticioso pois, seguindo o autor, entendemos que o papel do analista é determinar essas categorias.

1.3 - A Teoria da Relevância

A *Teoria da Relevância*, ao nosso ver, complementa a teoria proposta por van Dijk e é fundamental para que possamos compreender o processo que o jornalista/redator de uma instituição deve fazer para selecionar o tópico principal de sua escritura, no caso dessa pesquisa a notícia. Primeiramente contextualizaremos a *Teoria da Relevância* e faremos as devidas relações com o discurso jornalístico, objeto desta pesquisa.

Partindo do desenvolvimento da lingüística como ciência cognitiva e formal que prioriza o modo como a mente humana funciona e processa informações e também do *modelo inferencial* de Grice, Sperber & Wilson, na década de 80, desenvolvem a partir dessa pragmática cognitiva, uma teoria a qual chamam de *Teoria da Relevância* voltada para a compreensão de enunciados.

Esse novo paradigma propõe um modelo de processamento de informação ostensivo inferencial não-demonstrativo de compreensão, isto é, um processo inferencial espontaneamente realizado pelos seres humanos, que não pode ser provado, apenas confirmado. Esse modelo difere das inferências demonstrativas, que sofrem restrições lógicas e que são julgadas como válidas ou inválidas.

A *Teoria da Relevância* contribui para a elucidação de aspectos essenciais do fenômeno da textualidade, pois leva em conta o modo como a informação é representada na mente e como é processada inferencialmente. Essa abordagem toma por base uma característica inerente à cognição humana que é a de que os indivíduos prestam atenção apenas a fenômenos que lhe parecem relevantes, isto é, os indivíduos prestam atenção a fenômenos que vêm ao encontro de seus interesses ou que se ajustam às circunstâncias do momento. No caso das notícias, essas devem conter informações novas e relevantes para

chamar a atenção dos leitores. O termo “Relevância” para Sperber & Wilson é um conceito teórico útil para explicar o processamento de informação pelos indivíduos nos contextos comunicativos. O interesse desses autores é mostrar como a relevância é buscada e alcançada em processos mentais.

Sperber & Wilson distinguem linguagem de comunicação. Linguagem não é um meio necessário para comunicação, uma vez que existe comunicação não codificada. Segundo eles: “On this view, the essential feature of language is that it is used in communication, and the essential feature of communication is that it involves the use of a language or code” (1995, p. 172). Para os autores, a comunicação verbal envolve dois tipos de processos de comunicação: um baseado em *codificar* e *decodificar* e, o outro, em *ostensão* e *conclusão*.

Nesse modelo Sperber & Wilson se utilizam de um mecanismo interpretativo dedutivo e a sua noção de implicatura desdobra-se em *premissas* (conjunto de suposições) e *conclusões implicadas*, não partindo do dito (tudo o que é decodificado linguisticamente) e o implicado (o que é inferencialmente construído) como Grice. Para os autores entre o dito e o implicado há um nível intermediário que é a explicatura – esta é uma combinação de traços codificados linguisticamente e de traços conceituais inferidos contextualmente. Para Sperber & Wilson (apud Silveira & Feltes, 1997, p. 35) no seu modelo

(...) a verdade das premissas torna a verdade das conclusões apenas provável, através de um processo de formação de hipóteses – que supõe raciocínio criativo, analógico e associativo – e de confirmação de hipóteses – que se ajusta ao conhecimento enciclopédico do indivíduo.

Esse modelo chama-se: *Modelo ostensivo-inferencial: A Teoria da Relevância*. Nesse nome já fica explícita a existência de duas propriedades da comunicação humana: ser ostensiva, da parte do locutor, e ser inferencial, da parte do interlocutor, propriedades que os autores defendem. Segundo Sperber & Wilson, o comunicador ao produzir um enunciado possui uma intenção de informar e de alcançar efeitos cognitivos. Para Silveira & Feltes “(...) o enunciado é uma evidência direta – uma ostensão – da intenção informativa do falante” (1997, p. 42) e ainda para as autoras “(...) comunicar por ostensão é produzir um certo estímulo com o objetivo de realizar a intenção informativa, tornando-a mutuamente manifesta tanto para o comunicador como para o ouvinte” (1997, p. 43) com isso, parece ser excluída a possibilidade de comunicação não-intencional.

Sobre a intenção do modelo de alcançar efeitos cognitivos, esse modelo baseia-se em uma relação entre efeitos contextuais e esforço de processamento implicando diferentes graus

de Relevância como dizem Silveira & Feltes “quanto mais efeitos contextuais e menos esforço de processamento, maior a Relevância; quanto menos efeitos contextuais e mais esforço de processamento, menor a Relevância; entretanto, um maior esforço de processamento, compensado por mais efeitos contextuais, aumenta a Relevância” (1997, p. 43).

Uma informação é considerada relevante, se ela se combina com as suposições que o ouvinte já tem sobre o mundo, resultando em uma nova suposição. Essa informação pode dar mais importância para uma suposição já existente ou mesmo contradizê-la. Essa alteração de dogmas está na base do processo comunicativo e constitui o que Sperber & Wilson chamam de *efeitos contextuais*. A informação só será relevante se possuir esses efeitos contextuais que podem ocorrer de três formas:

- a) por implicação contextual – as implicações contextuais consistem nas suposições resultantes (derivadas) da combinação de informações velhas (já existentes ou dadas) com informações novas;
- b) pelo fortalecimento (ou enfraquecimento) de suposições – quando não se obtém necessariamente uma informação nova derivada, apenas se reforça (ou se enfraquece) uma informação já existente. Isso pode vir a ocorrer de quatro formas, que podem aparecer mescladas: i) por *input* perceptual (visual, auditivo, olfativo, tátil, etc.); ii) por *input* lingüístico (decodificação lingüística); iii) pela ativação de suposições estocadas na memória (conhecimento enciclopédico e outros) ou esquemas de suposições, que podem ser completados com informação contextual; iv) por deduções, que derivam suposições adicionais;
- c) pela eliminação de suposições contraditórias – quando entre duas suposições contraditórias, a mais fraca, ou seja, aquela para a qual se tem menos evidências, é eliminada.

No discurso jornalístico vemos que o movimento que o jornalista faz no momento da escolha, do julgamento de relevância dos fatos para enquadrar apenas um deles no primeiro plano na notícia, envolve um grande número de premissas/suposições como:

S₁ ser o ponto de vista do jornal-empresa

S₂ ser novidade para os leitores

Essa escolha envolve também implicações por parte dos leitores, como, por exemplo, se for um fato político vai agradar a que facção da sociedade, se for um fato econômico será que o leitor possui conhecimento enciclopédico para compreendê-lo. Esses fatos implicam uma pragmática cognitiva que vai ao encontro da de van Dijk, por isso, a nosso ver, a *Teoria da Relevância* complementa e amplia a teoria de van Dijk e contribui para os trabalhos de análise na área do estudo da textualidade.

Até agora trabalhamos com as categorias textuais de análise, abaixo demonstraremos as especificidades do discurso jornalístico que se constitui do segundo momento do referencial teórico.

1.4 - Categorias do Jornalismo

Erbolato (1985) trabalha com quatro categorias para o jornalismo: *informativo*, *interpretativo*, *opinativo* e *diversional*. Para o autor, os meios de comunicação de massa se destinam a informar, a influir (ou persuadir) e a divertir.

Por jornalismo *informativo* entenda-se o relato e a descrição de um fato, dentro dos limites da objetividade permitidos pela natureza humana. Este restringe-se apenas a informar sem que seja emitida qualquer opinião. Nessa pesquisa enfatizaremos essa categoria – jornalismo *informativo*.

Por jornalismo *interpretativo* Erbolato adota a concepção de Ornes e de Herrera. Vejamos:

É o que leva ao leitor uma idéia cabal sobre a importância de uma informação para a vida social, econômica e cultural da comunidade a que está radicado. É o jornalismo que dá ao leitor os antecedentes e as implicações de uma notícia, proporcionando a ele a advertência de que não existem fatos isolados, mas sim que cada um deles é a parte de uma concatenação de ocorrências, ou seja, algo que realmente tem raízes e projeções. Ornes (apud Erbolato, 1985, p. 33)

e,

Entendo por jornalismo interpretativo o que trata de dar significado e sentido às ocorrências que relata, projetando-as em três direções: *os antecedentes de um fato* (nada surge isoladamente); o respectivo *contexto social* (um acontecimento sempre é parte de uma situação geral) e as *conseqüências* do que houve. Jornalismo interpretativo é o que estabelece conexões entre um

fato e uma situação ou contexto mais amplo. Herrera (apud Erbolato, 1985, p. 33).

No conceito de Ornes vemos a intertextualidade (diálogo entre os textos noticiosos, incorporação ao próprio discurso das vozes de outros enunciadores e relações entre a produção e recepção de um texto e o conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores) manifestando-se. Já no conceito de Herrera percebe-se a interação entre o fato, as suas circunstâncias de ocorrência e os pressupostos do jornalista que os interpretará mesclando-os, pois neste tipo de jornalismo é a opinião do repórter que ficará registrada e pode vir a influenciar seus leitores. O repórter interpretativo sabe que é de sua responsabilidade a escritura da notícia interpretativa, pois há uma norma da imprensa a inserção de uma advertência de que “a Redação não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados”.

Para Erbolato, jornalismo *opinativo* é aquele que inclui a análise e a interpretação de um fato, este normalmente restringe-se a colunas editoriais (de responsabilidade do diretor do jornal ou do redator-chefe). Na verdade, o jornalismo *opinativo* constitui-se em um comentário: uma apreciação e uma opinião sobre o alcance dos acontecimentos diários.

Quanto ao jornalismo *diversional*, esse é o que oferece textos de agrado, que utiliza a técnica da ficção, constituindo-se na descrição de fatos reais, mas com o texto intercalado de diálogos e chegando a revelar sonhos e conjecturas de cada pessoa envolvida na narrativa. A prática deste tipo de jornalismo demanda muito tempo e são poucos jornalistas que podem dedicar-se a ele.

1.5 - Discurso Jornalístico: Notícia

“O texto noticioso pode ser hoje apreciado como bem simbólico de consumo universal”
(Lage, 1981, p. 27).

Para Lage, uma notícia é “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (1981, p. 26).

No dicionário Aurélio, encontramos as seguintes concepções para notícia:

1. Informação, notificação, conhecimento.
2. Observação, apontamento, nota.
3. Resumo de um acontecimento.
4. Escrito ou exposição sucinta de

um assunto qualquer. 5. Novidade, nova. 6. Lembrança, memória. 7. Nota histórica. [Cf. notícia, do v. noticiar.]

Ser notícia.

1. Constituir-se novidade; destacar-se em um noticiário (Ferreira, 1986, p. 1200-1).

Já o *Dicionário de Comunicação* de Barbosa & Rabaça (1987) traz a seguinte concepção:

Notícia é a informação exata e oportuna dos acontecimentos, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores; são fatos essenciais de tudo o que aconteceu (1987, p. 418).

Para Erbolato (1985), “notícias são comunicações sobre fatos novos que surgem na luta pela existência do indivíduo e da própria sociedade” e devem ser recentes, inéditas, verdadeiras, objetivas e de interesse público.

Vemos assim que a notícia não deve ser confundida com a narração de um acontecimento ou de acontecimentos, mas sim, a notícia é uma exposição de fatos, de preferência fatos novos. Ao nosso ver, a notícia pode ser entendida como um acontecimento discursivo que relata um vivido, isto é, relata uma possível verdade e sua objetividade. Ao contrário da narrativa em que os eventos são organizados em seqüências lineares, nas quais o primeiro fato antecede ao segundo, o segundo ao terceiro, e assim por diante (registrados na mesma ordem em que teriam ocorrido no tempo cronológico, obedecendo à temporalidade da seqüência, na qual a linearidade da realização temática é igual à linearidade dos eventos), na escritura da notícia, os eventos (tempo, lugar, circunstâncias) são ordenados não por sua seqüência temporal, mas sim, pelo seu interesse ou importância decrescente de relevância, da perspectiva de quem relata (o jornalista, a instituição que representa); prioriza-se primeiramente o *evento principal* e, a importância dos demais eventos é aferida a partir deste. Na escritura jornalística há uma regra implícita de organização que se baseia no princípio de atualidade da imprensa, na qual os últimos eventos principais são mais importantes, isso é, chamado de *estrutura da relevância* diferente da estrutura das narrativas.

Cabe lembrar que a *relevância* é um recurso dos mais utilizados para o controle de opinião pública, juntamente com a *repetição* e o *fundamento*. Conforme Lage (1998a, p. 149) por *repetição* deve-se compreender: reiteração da experiência sensível; por *fundamento* – as mensagens devem apoiar-se em valores e atitudes existentes e, por *relevância* – ligadas aos sentidos e à vida emocional, as mensagens são capazes de combinar-se com dados da memória do receptor e gerar novas informações que ele tem por idéias próprias. E, ainda

“informação relevante para A é aquela que, somada aos conhecimentos de A, permite-lhe produzir informação que não tinha anteriormente. Trata-se de processo cognitivo pelo qual tomo conhecimento da informação nova, aprecio suas circunstâncias, aciono a memória, seleciono determinados registros, combino-os com a informação nova, realizo algum tipo de relação lógica e concluo alguma coisa” (1998a, p. 170).

1.6 - Construção composicional da notícia

“As palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contraditórios” (Bakhtin, 1997).

A palavra só existe no intercâmbio da vida social, isto é, ela nunca está só, sempre está em um texto/discurso e é nele que ela assume seu significado podendo variar de cultura para cultura, de uma determinada *formação discursiva*⁹ para outra. O indivíduo/sujeito, embora pertencendo a uma determinada classe social, está rodeado de formações discursivas e são essas formações discursivas que direcionam suas atitudes, seus comportamentos no dia-a-dia procurando moldá-las. Nesse sentido, resta ao indivíduo/sujeito duas opções: ou ele reproduz e conserva a formação discursiva ou procura transformá-la e mudá-la.

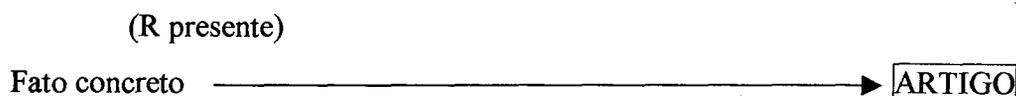
1.6.1 - Fases da produção de uma notícia

Para Lage (1993) existem três fases do processo de produção de uma notícia. São elas: 1) a seleção dos eventos; 2) a ordenação dos eventos (o contato, a atenção do interlocutor fixa-se a partir do evento mais importante ou interessante. Os outros, posteriores ou anteriores, vão aparecer em ordem determinada pela motivação do principal, transformados em circunstâncias dele, como se fossem explicações); 3) a nomeação (há compromissos e sutileza nos nomes que se atribuem às coisas).

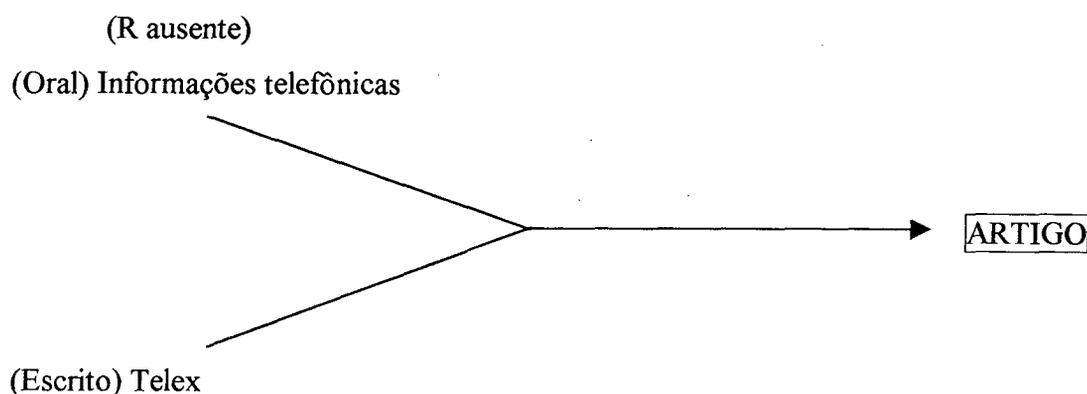
Quanto à seleção de eventos/dados é de conhecimento geral que as fontes do jornalismo são diversas. Entre os dados informacionais e o produto acabado há um grande número de transformações operadas pelo jornalista/redator. Como, por exemplo, quando um

⁹ Este termo é utilizado por Michel Foucault, na sua obra *Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz F.B. Neves, 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 35.

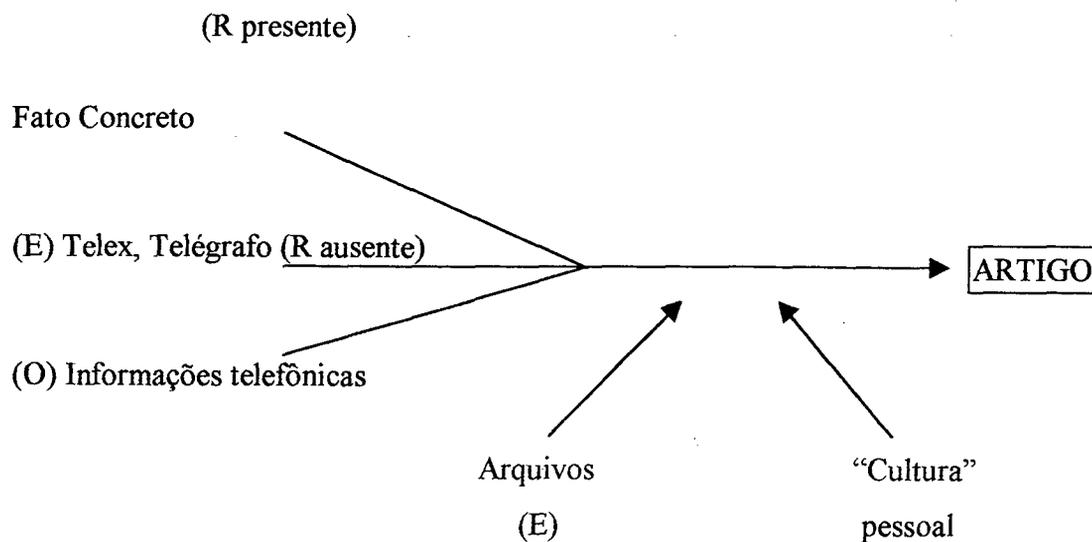
jornalista relata um acontecimento que pode ser uma rebelião, um comício, jogos etc., ou quando ele dá suas impressões sobre uma paisagem, ou um acontecimento cultural, temos o seguinte esquema proposto por Moirand (1997, p. 95)



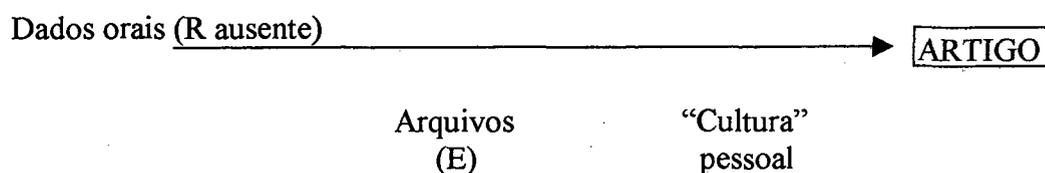
Já quando o jornalista/redator recebe as informações por meio de um correspondente, de um repórter ou de uma agência, ele pode recebê-las por telefone, fax, internet, cabe mencionar que Moirand (1997) cita telegrama, telex, que permanecem nos seus esquemas originais. Não fizemos as adaptações pertinentes à contemporaneidade, conforme esquemas abaixo, isso deixaremos para um novo trabalho:



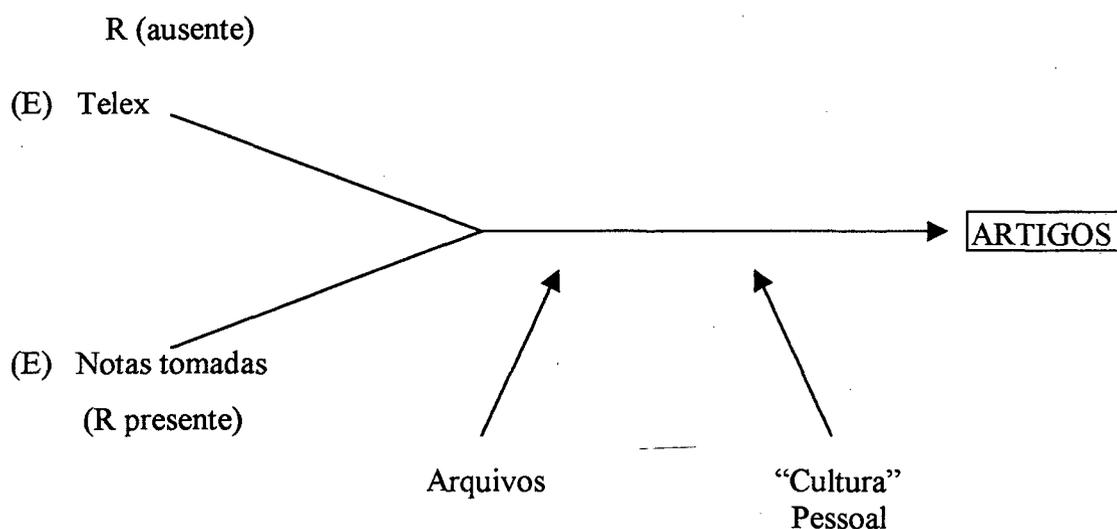
Nesses casos o jornalista completa os elementos “brutos” que presencia ou que recebe graças ao serviço de documentação do jornal e a sua própria “cultura”.



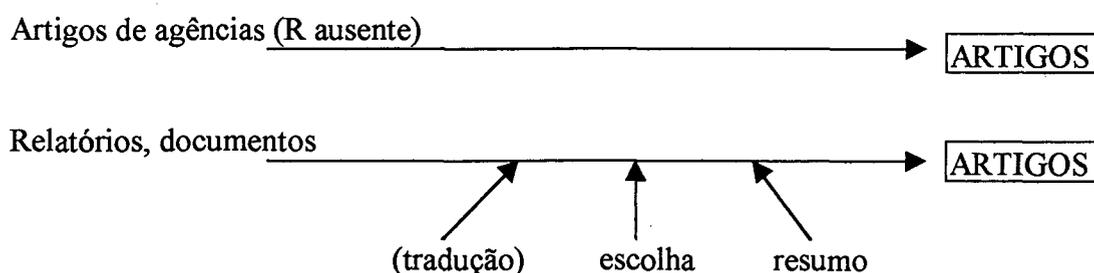
Fontes de ordem oral são aquelas que provêm de entrevistas ou mesas-redondas gravadas, de comunicações telefônicas com informantes voluntários (testemunhas) ou especializados (correspondentes locais ou estrangeiros, *free-lancer* ou permanentes). Essas informações podem ser transcritas por uma secretária, mas trata-se de um trabalho de transcrição de dados somente.



As fontes de ordem escritural são aquelas que provêm do escritório de uma agência internacional. Normalmente são pouco elaboradas, são apenas flasches ou anotações do próprio redator.

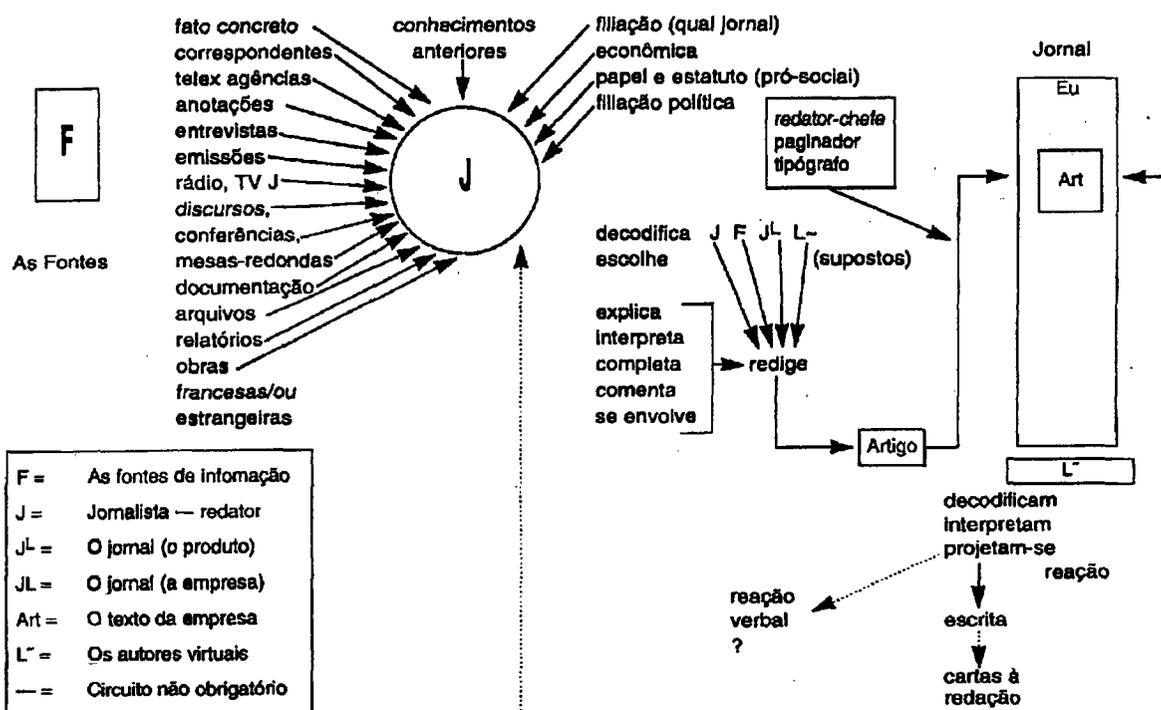


Convém ressaltar que as agências também enviam artigos "elaborados" (agências de *features*), e então o redator/jornalista utiliza para suas análises relatórios, documentos, obras nacionais ou estrangeiras. Quando o redator recebe artigos em outra língua ainda é necessário fazer a tradução para então efetuar a sua escolha.



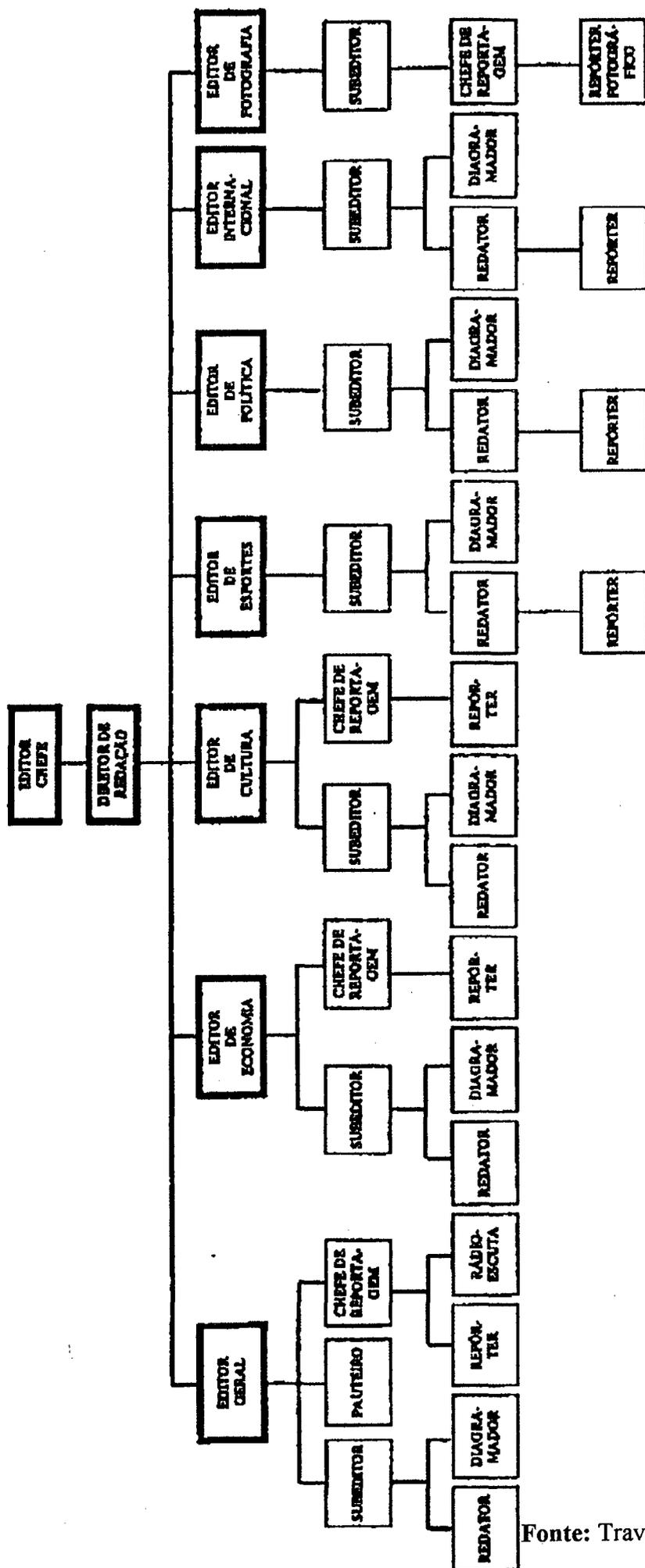
O jornalista/redator, na sua seleção de dados, classifica, ordena os dados, separa o oral do escrito e elabora o seu produto final. É nessa seleção dos dados que a nosso ver atua a estrutura da relevância.

Demonstraremos o organograma proposto por Moirand (1997, p. 94) para explicitar a interação entre os atores reais que constroem seus textos com o uso efetivo da língua através de um contexto mais amplo sócio-cultural.



Fonte: Organograma proposto por Moirand (1997, p. 94).

Também Travancas (1993, p. 27) propõe um organograma que demonstra a interação entre o jornal-empresa com seu escalão de atores (repórter, redator, editor, diagramador etc.). Vejamos na seguinte página:



1.6.2 - A linguagem jornalística

A linguagem jornalística obedece a determinados padrões estabelecidos; pode-se dizer que é formulada dentro de uma moldura institucional que estabelece balizas para sua enunciação. Nesse sentido pode-se dizer que a notícia seria um discurso ritualizado, isto é, um discurso que apresenta fórmulas altamente estabilizadas como:

a) o uso da terceira pessoa (ele(s)/ela(s)) é obrigatório;

b) o uso da linguagem imparcial, objetiva, sem juízos pessoais;

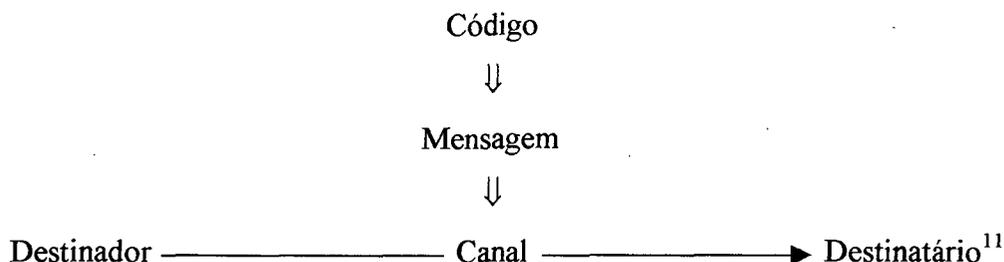
c) a impessoalidade do redator ou do complexo redatorial, tendo em vista que a notícia normalmente é reescrita¹⁰, sintetizada, traduzida, submetida a critérios de edição – dessa forma, o texto passa a ser uma unidade teoricamente reconstruída. Normalmente a impessoalidade é marcada pelo recurso linguístico do pronome oblíquo (se);

d) a comunicação jornalística possui uma retórica referencial, isto é, apoia-se no contexto (referência) conforme Lage:

(...) a notícia trata das aparências do mundo. Conceitos que expressam subjetividade estão excluídos: não é notícia o que alguém *pensou, imaginou, concebeu, sonhou*, mas o que alguém *disse, propôs, relatou ou confessou*. É também axiomática, isto é, se afirma como verdadeira: não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses. O que não é verdade, numa notícia, é fraude ou erro (1993, p. 25).

A referencialidade é uma das marcas da notícia, o que lhe dá um caráter puramente informativo. Em vista disso, por questões operacionais, explicitaremos um esquema básico da estrutura e funcionamento da comunicação estabelecendo sua relação com as funções da linguagem, priorizando a função referencial, como mostra o seguinte esquema:

¹⁰ Para MAINGUENEAU (apud FURLANETTO, 1996, p. 02) repetir é “(...) seguir o traço invisível da palavra do Outro”, no caso do discurso jornalístico repetir passa ser uma questão de sobrevivência.



Esse esquema demonstra o fundamento dos atos de comunicação na imprensa escrita.

Para Moirand, 1997, p. 93:

- o *destinador* é, nesse caso, aquele que escreve (repórter, redator) e os destinatários, que são os leitores, são “virtuais”.
- a *mensagem*, que se insere nas comunicações de massa, se situa na ordem escritural; uma vez que o *contato* se estabelece pela grafia e pela tipografia, todo texto, antes de ser informativo, tem sua função icônica. Ao mesmo tempo em que se insere em *um contexto* espaço-temporal (o espaço-jornal e a cronologia cotidiana), a mensagem adquire sua significação através da *situação* sociocultural e político-econômica.

No processo de comunicação toda notícia precisa ser codificada pelo destinador (repórter/jornalista/redator) e após decodificada pelo destinatário (leitores que formam um conjunto múltiplo/diversificado, cujo conhecimento só é possível por amostragem estatística).

Para Blikstein, 1993, p. 36:

Quando o remetente liga uma idéia ou significado a um estímulo físico ou significante, formando um signo, ele realizou uma codificação. Já o destinatário, por sua vez, ao receber o signo, captando o significante e extraindo o significado que vem associado a esse mesmo significante, está realizando o processo inverso, ou seja, a decodificação.

Cabe lembrar que tanto o destinador quanto o destinatário estão imersos no meio social compondo um mosaico de etnicidades com diferentes valores culturais. Segundo Bakhtin, 1997, p. 290-1:

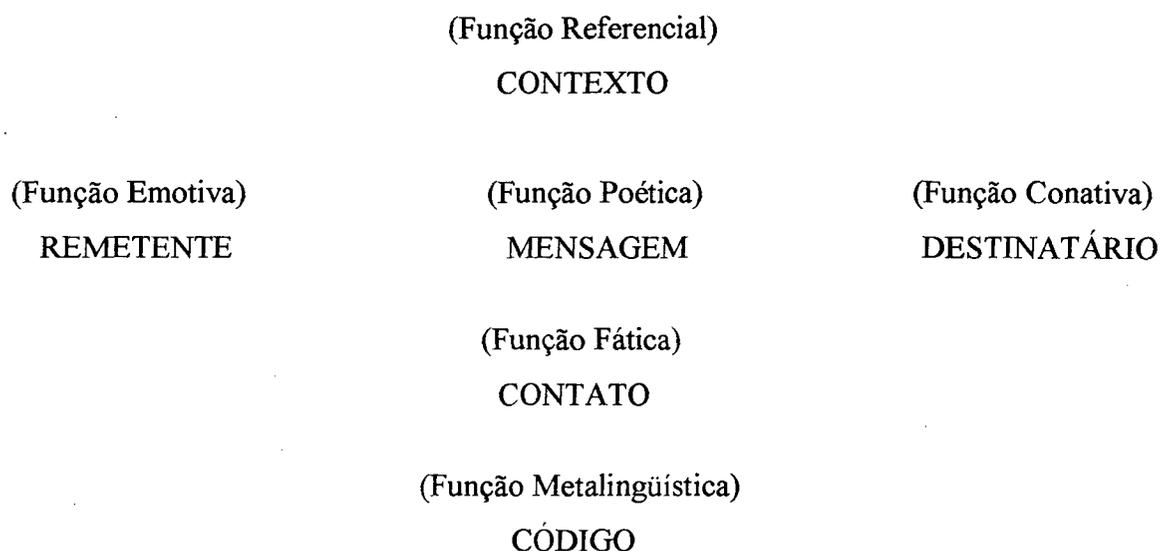
(...) o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor.

¹¹ Alguns autores utilizam os termos emissor/receptor em vez de destinador/destinatário. Ver: BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1993, p. 26-59. No caso da notícia jornalística podemos utilizar fonte/receptor assim como LAGE (1993, p. 24).

Bakhtin diz ainda que: “A compreensão responsiva nada mais é senão a fase inicial e preparatória para uma resposta (seja qual for a forma de sua realização)” (1997, p. 290-1).

Com isso percebe-se que ao decodificar a mensagem da notícia, o receptor ativa tanto uma atitude responsiva quanto uma compreensão responsiva e, essas são possíveis através dos mecanismos cognitivos envolvidos no processo, o receptor produz uma resposta.

Retornando ao esquema global do funcionamento da comunicação explicitaremos as funções da linguagem segundo os postulados de Jakobson¹²



Fonte: Jakobson (1969, p. 123).

Nesse esquema, cada fator (em maiúsculas) corresponde à função (em minúsculas), pois cada um dos seis fatores corresponde a uma diferente função da linguagem, porém é difícil encontrarmos cada uma dessas funções de modo puro, isto é, é difícil encontrar mensagens verbais que preencham uma única função, normalmente elas aparecem mescladas. A função referencial ou informativa, centrada no contexto, corresponde à função descritiva, à mensagem, àquela que se reporta, no caso da notícia, ao mundo objetivo, exterior ao processo de comunicação; a função conativa ou persuasiva, centrada no destinatário/no receptor correspondendo à segunda pessoa pronominal, visa a influenciar o comportamento do destinatário; a função emotiva, centrada no remetente (primeira pessoa pronominal), corresponde à função expressiva e tem como objetivo transmitir a emoção de quem fala ou

¹² Ver: JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 123

escreve e faz com que o leitor ou ouvinte a experimente no correr da comunicação, em textos jornalísticos, como observa Paillet (apud Faria, 1996, p. 63)

A função expressiva pode estar manifestada claramente, quando o redator toma posição quanto ao fato, quando dá sua opinião a respeito ou ‘mesmo como posição assumida’. Mas ela pode estar dissimuladamente embutida numa aparente objetividade, de forma voluntária ou não. E neste caso ela se mescla tanto à função referencial como à conativa.

Em jornais a função expressiva apresenta-se em matérias engajadas e em certas manchetes e títulos que são como anúncios do texto. A função metalingüística, centrada no código, isto é, a linguagem fala de si mesma, segundo Lage, é uma função que opera nas notícias, “através da relação de igualdade, pertinência ou similaridade, quando se trata de introduzir conceitos supostamente não dominados pelo receptor” (1981, p. 32-33); a função poética, centrada na própria mensagem corresponde aproximadamente à função estética acentuada dos signos, aos aspectos formais da língua; e a função fática (este nome foi dado pelo antropólogo Bronislaw Malinóvski, entendendo que a linguagem funciona como um cimento social, como uma “comunhão fática” entre os povos), centrada no canal/contacto cujo propósito é prolongar a comunicação;

e) a linguagem jornalística da notícia visa a “informar”. Esse princípio obedece a uma lei discursiva fundamental: a lei da informatividade. Segundo Fiorin (1996, p. 34):

A lei da informatividade exige que, numa dada situação de comunicação, se se deseja mesmo transmitir informações ao parceiro e não apenas manter uma conversação, só se enunciem coisas que a pessoa a quem se fala não conheça. É evidente que a lei só se aplica dessa maneira aos enunciados que produzam atos ilocutórios de asserção.

De acordo com esta lei discursiva observamos que nas notícias o que interessa, como já dito anteriormente, são justamente as informações novas. Beaugrande & Dresler também usam o termo informatividade para designar “(...) the extent to which a presentation is new or unexpected for the receivers” (1981, p. 139). Cabe lembrar que a informatividade não é fixa, varia de enunciadador para enunciadador, de uma situação de comunicação para outra, de acordo com aquilo que se tem por evidente, por relevante;

f) presença do discurso relatado (discurso direto ou discurso indireto)¹³. O discurso direto é o registro integral da fala do personagem do modo como ele diz. Já o discurso indireto se utiliza das palavras do narrador/relator para comunicar o que outra pessoa disse, isto é, a fala dessa outra pessoa chega ao leitor por via indireta. O discurso indireto é o registro indireto da fala do personagem através do narrador, ou seja, o narrador é o intermediário entre o instante da fala do personagem e o leitor, de modo que a linguagem do discurso indireto é a do narrador. Gancho (1999) no seu livro *Como analisar narrativas* apresenta um quadro demonstrativo, referenciando as principais dificuldades na passagem do discurso direto para o indireto no que se refere à fala dos personagens. Cabe mencionar que o jornalista faz essa passagem de um tipo de discurso ao outro na notícia reproduzindo a fala do entrevistado;

g) o texto jornalístico procura conter informação puramente conceitual (suprime usos lingüísticos pobres de valores referenciais como, por exemplo, as frases feitas);

h) o vocabulário utilizado deve ser o mais denotativo possível;

i) a linguagem deve ser tão coloquial quanto possível, deve ser uma linguagem prática que permita ao leitor sua compreensão. Lage (1998b, p. 36) nomina algumas restrições que se aplicam à linguagem jornalística relacionadas com a) registros de linguagem, b) o processo de comunicação e c) os compromissos ideológicos.

Para o autor na linguagem nacional (língua portuguesa) se abrigam dois registros de linguagem – o formal e o coloquial. O primeiro é o prescrito pela modalidade escrita, pelas gramáticas tradicionais, seria a chamada língua padrão que no entender de Lage seria uma espécie de segundo idioma, aquele que se aprende na escola e que nos possibilita a uma ascensão social; já o segundo é o que compreende as expressões correntes na modalidade falada, é espontâneo, refletindo a realidade lingüística comunitária, regional; é a língua viva de uso diário, a qual seria o nosso primeiro idioma, a ‘verdadeira’ língua mãe, aquela que nos permite maior fruição e expressividade.

Dessa forma, a linguagem jornalística passa a ser a conciliação entre o perfunctório do registro formal e o superficial do registro coloquial onde a comunicação deve ser eficiente e

¹³ Ver: PLATÃO & FIORIN *Para entender o texto. Leitura e redação*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1993, p.181-3 e, de FIORIN *As Astúcias da Enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996, p. 72-78.

de aceitação social. Para o autor, a linguagem jornalística é “basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que *são possíveis no registro coloquial e aceitos no registro formal*” (1998b, p. 38).

Não devemos esquecer que a linguagem jornalística deve se adaptar às mudanças que a língua sofre, incorporando ao vocabulário de base uma série de palavras ligadas ao contexto atual como as abaixo, discriminadas e propostas por Lage:

- neologismos de origem coloquial, sintéticos (*fusca, frescão*) ou de grande expressividade (*dedo-duro, bóia-fria*);
- denominações de objetos novos, de origem científica ou popular (*leiser, orelhão*);
- metáforas com intenção crítica (*mordomia, marajá, biônico* – e divertido *fritar um político, um ministro*, que, desde agosto de 1988, estão começando a aparecer na imprensa);
- atualizações necessárias (*roqueiro, malufista*);
- designações técnicas que precisem ser consideradas em sua exata significação para entendimento ou eficácia do texto. A Constituição Brasileira está nos dando dois exemplos muito citados e discutidos nos jornais: *Habeas-data* e *mandado de injunção*.

Sobre o “processo de comunicação”, retomamos o que foi mencionado anteriormente: o fato de que a comunicação jornalística possui uma retórica referencial, fator esse que impõe o uso da terceira pessoa. Nessa linguagem, adjetivos testemunhais (como edifício *alto* ou episódio *chocante*) e aferições subjetivas devem ser eliminados; devem-se substituir tais expressões por dados que permitam ao leitor ou ouvinte fazer sua própria avaliação. Os parâmetros das avaliações numéricas devem ser sempre a experiência objetiva do público. No caso de se trabalhar com qualidades cuja definição o público desconheça, devem-se recorrer a comparações. Os enunciados devem ser mais referenciais quanto possíveis, como, por exemplo, o articulista deve usar recursos concretos, ou seja, em uma notícia sobre colisão entre veículos especificar a hora exata da colisão, o número de suas placas, o local de procedência, o nome das pessoas envolvidas e, caso sejam menores de idade, devem-se mencionar apenas as iniciais de seus nomes. Esses dados terão no texto um “efeito de realidade”, isto é, contribuirão para a verossimilhança da história, despertando maior interesse no leitor.

A respeito dos “compromissos ideológicos”, Lage menciona que “As grandes e pequenas questões da ideologia estão presentes na linguagem jornalística, porque não se faz jornalismo fora da sociedade e do tempo histórico” (1998b, p. 42).

Para Bakhtin há uma relação entre signo e ideologia:

O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que ‘a ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (1999, p. 16).

Sendo o signo ideológico por excelência, os produtores de notícia precisam observar como o poder institucionalizado manipula o código a seu favor, pois é possível produzir novas terminologias, novas concepções em torno das quais se dispõe o diálogo social, ou seja, é possível mudar-se os termos/rótulos para mascarar determinados preconceitos sociais, ou determinadas posições desfavoráveis, ou mesmo determinados códigos já esgotados, mas a essência dos mesmos permanece, como, por exemplo, no campo da economia substituiu-se o termo capitalistas por empresários, no campo da antropologia substituiu-se o termo negros por afrodescendentes, no campo da sociologia substituiu-se o termo alcoólatras por alcoolistas e assim por diante. A nosso ver, o que ocorre é apenas uma substituição de nomes pelo fato de que a língua nos permite essas construções e também a situação histórica e social contribui para essas mudanças reforçando o mecanismo da construção do mito retórico¹⁴ e, servindo à preservação da ordem social. Convém ressaltar que subjacente a essa possibilidade estão diversos mecanismos ideológicos.

1.6.3 - Estratégias lingüísticas

“O texto jornalístico, além de obedecer à gramática, deve ser claro, harmônico, preciso, ter unidade e seguir uma seqüência lógica e sem fugir do assunto, para que o leitor fique atento à notícia até o final, ainda que redigida no estilo da pirâmide invertida”
(Beltrão, 1985).

Por estratégias lingüísticas entendemos os recursos oferecidos pela língua e utilizados para a “produção de notícias” pelos jornalistas, como, por exemplo: recursos gramaticais (tempo e aspecto verbal), recursos semânticos (neologismos, substituição de nomes) e recursos pragmáticos (ação e interação). Alguns desses aspectos já foram abordados nesta pesquisa no subtítulo: linguagem jornalística. Abordaremos neste momento as *diretrizes*

¹⁴ Por mito retórico, entendemos o deslocamento de um signo lingüístico para significar outra coisa, de modo, que se impõe duplicidade de entendimentos e se mantém viva a regra social, inocentando suas violações por mais habituais que sejam (Lage, 1998, p. 44).

básicas para quem escreve, propostas por Erbolato (1985, p. 94) as quais englobam esses recursos lingüísticos. Vejamos:

1º) *Use linguagem simples, como a que você empregaria se fosse conversar com um estrangeiro que entendesse com dificuldade a língua portuguesa.*

2º) *Escreva na ordem direta. É a mais recomendável, pois apresenta clareza.* Na ordem direta os termos se colocam segundo suas relações de *coordenação* e *dependência*, de acordo com as seguintes regras gerais: a) O *sujeito* antes do *predicado*. b) O *predicado* imediatamente depois do *sujeito*. c) Os *complementos* depois da *palavra regente*. d) Os *adjetivos* depois dos *substantivos* por eles modificados. e) A *ligação* entre os *termos* ligados. Qualquer desvio desta ordem determina a *ordem inversa*.

3º) *Não empregue muitas palavras em cada oração.*

4º) *Dê preferência a verbos na voz ativa, eliminando, sempre que possível, os verbos auxiliares.* Esta sugestão prende-se mais à gramática, pois proporciona maior ênfase à frase.

5º) *Evite ao máximo os adjetivos, colocando-os apenas quando for absolutamente necessário.*

6º) *Selecione as palavras, escolhendo as mais simples e de fácil entendimento para quem irá lê-las.*

7ª) *As siglas, desde que não muito conhecidas, ou tipicamente locais, devem ser explicadas.*

8º) *Não tema ser demasiado simples no que você relatar.* Jornalismo é fazer chegar ao público o que ocorreu no mundo, mas de modo a ser entendido pelo homem da rua, que seja pouco mais que alfabetizado.

Entendemos que essas diretrizes propostas por Erbolato envolvem estratégias lingüísticas nos três níveis: sintáticos, semânticos e pragmáticos.

1.6.4 - *Fait-divers* (fatos diversos) e antítese

Fait-divers – (fatos diversos) são a primeira vista, “a matéria jornalística que não se situa em campo de conhecimento preestabelecido, como a política, a economia ou as artes. Eventos sem classificação; mas ainda assim notáveis por alguma relação interior entre seus termos” (Lage, 1998a, p. 46).

Os *fait-divers* constituem-se em um tipo de texto que possuem uma peculiaridade; eles interessam por si mesmos, diferentemente das notícias em que a informação depende, para ser compreendida ou avaliada, de uma situação política, econômica ou artística. Como

exemplo de *fait-divers* podemos mencionar alguns fatos: recentemente, se noticiou o depoimento de um padre que dizia que paquerava, nesse episódio pouco importa saber qual é o padre, onde e como isso ocorreu, mas sim o interesse está na contradição entre a responsabilidade do religioso e os atos que pratica (violação de uma norma religiosa). Como segundo exemplo, temos o caso do estudante de medicina que entrou em um cinema em um shopping, em São Paulo, e fuzilou algumas pessoas que ali se encontravam. O que provoca interesse nesta notícia é justamente a contradição, afinal como um estudante de medicina, o qual pressupõe-se que deveria salvar vidas, age contraditoriamente aos seus princípios profissionais tirando vidas. Também cabe mencionar o caso ocorrido em Brasília, em que, filhos de altas autoridades do governo, inclusive o filho de um promotor, vieram a cometer a barbárie de queimar um sujeito/índio que se encontrava em pleno banco de ponto de ônibus dormindo. O que está em jogo nesses fatos são as contradições, pois como pessoas bem instruídas, com excelente poder aquisitivo cometem essas atitudes. Esses atos instauram no jogo do simbólico, no jogo da linguagem, no jogo da informação a possibilidade de virmos, enquanto sujeitos de uma coletividade social, a pensar o impensado, aquilo que não era provável de acontecer – a tragédia humana.

Para Lage “O sentido do *fait-divers* é ao mesmo tempo enganar – toda vez que uma informação se oculta por detrás da antítese atraente – e revelar que a realidade pode ser mais contraditória do que a imaginam os historiadores e cientistas” (1998a, p. 47).

Cabe mencionar que por antítese devemos entender a contraposição de palavras ou expressões de significado ou conotação contraditórias no mesmo contexto. Ressalta um paradoxo expressivo. Dessa forma, o *fait-divers* passa a ser uma das atualizações da antítese, e esta pode ser antitética (dar a informação incompleta ou de forma angustiante); normalmente ocorre nos parágrafos de abertura ou nos tópicos frasais das notícias como estratégia do articulista para que o leitor prossiga na leitura e desfragmente o enigma, percebendo o sentido que lhe quer ser oferecido.

1.7 - Estrutura/forma da notícia clássica: “lead”

“Lead” ou lide é a abertura da notícia, é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso, correspondente à primeira proposição. “Lead” é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante.

Para Erbolato (1985, p. 61), o “lead” pode ser definido como “o parágrafo sintético, vivo, leve, com que se inicia a notícia, na tentativa de prender a atenção do leitor”.

Segundo Lage, o parâmetro que introduziu no Brasil a técnica das notícias com “lead” desenvolvida nos Estados Unidos e na Inglaterra foi a experiência de um jornal do Rio de Janeiro chamado *Diário Carioca*. Nele, Danton Jobim e Pompeu Souza (professores de jornalismo) realizaram com o auxílio de uma equipe de jovens, entre eles Jânio de Freitas e José Ramos Tinhorão, criteriosa adaptação dos modelos estrangeiros.

A mudança atingiu não apenas a estruturação do texto das notícias, mas, de maneira radical, a linguagem, que se tornou mais próxima do português falado no Brasil e incorporou inovações lançadas pelo movimento literário modernista, a partir da década de 20 (Lage, 1998a, p. 248).

No *Dicionário de Comunicação* de Gustavo Barbosa e Carlos A. Rabaça temos as seguintes concepções sobre o “lead”:

Abertura de *notícia*, *reportagem* etc., onde se apresenta sucintamente o assunto.

Resumo inicial, constituído pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido no corpo do texto jornalístico. O lide torna possível, ao leitor que dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo. Sua leitura pode também “fisgar” o interesse do leitor e persuadi-lo a ler tudo até o final (1987, p. 360-1).

O “lead” informa *quem fez o que, a quem e quando*, seguindo-se depois as explicações *como, onde e por que*. Essa é a sua ordem clássica, mas ela não é obrigatória podendo ser alterada de acordo com a importância, ou a relevância de cada uma das informações. Toda notícia que esclarece essas seis perguntas básicas é chamada de *notícia analítica* (completa), configurada na seguinte fórmula:

$$3 Q + O + P + C = NA$$

Em que:

3 Q = que, quem, quando

O = onde

P = por que

C = como

NA = *notícia analítica*

Há também as *notícias sintéticas*; estas apenas esclarecem as perguntas: Quem? Que? Quando? A fórmula é:

3 Q = NS

Em que:

3 Q = que, quem, quando

NS = *notícia sintética*

O “lead” é uma proposição que contém¹⁵:

- a) o sujeito, um *sintagma nominal* (SN₁) que pode conter um substantivo, acompanhado ou não de artigo, adjetivo, locução adjetiva, oração adjetiva; ou ainda uma locução substantiva, uma oração integrante;
- b) o predicado, ou seja, o *sintagma verbal* (SV), verbo ou locução verbal, acompanhado ou não de seu complemento, um *objeto direto* (SN₂) ou *indireto* (kSN₃). O símbolo k representa a preposição;
- c) as circunstâncias, ou *sintagmas circunstâncias* (SC) de tempo, lugar, modo/instrumento, causa/conseqüência.

A documentação pode ser em um, dois ou mais parágrafos, é o complemento do “lead”, que detalha e acrescenta informações sobre a ação verbal em si, os sintagmas nominais, os sintagmas circunstâncias ou quaisquer de seus componentes.

Neste momento, cabe lembrar que existem outros tipos de “lead”¹⁶ como, por exemplo: lead composto (anuncia vários fatos importantes, abrindo a notícia); lead direto (anuncia a notícia sem rodeios, indo diretamente ao fato); lead-resumo (conta praticamente tudo o que ocorreu ou vai ocorrer – é o mesmo que o lead composto); lead chavão (cita um

¹⁵ Ver: LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia* 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993, p. 27

¹⁶ Ver: ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Comunicação em Jornalismo* 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p. 64-65.

ditado ou slogan. Não é muito usado); lead documentário (serve de base histórica) e outros, porém o mais utilizado é o lead clássico.

1.7.1 - O “sublead”

Tanto “leads” (tópicos frasais particularmente formalizados) quanto suas documentações (complemento do “lead” que detalha e acrescenta informações) podem ser organizados de várias maneiras no texto impresso.

Segundo Lage (1981:61) as duplas de “leads” e documentações apresentam-se comumente de duas formas:

$$a) L_1D_1 + L_2D_2 + L_3D_3... + L_nD_n$$

$$b) L_1L_2 + D_1 + D_2 + L_3D_3... L_nD_n$$

Em que:

L = Lead

D = Documentação.

No jornalismo impresso brasileiro, há uma preferência pela forma *b* como decorrência do planejamento gráfico. O segundo “lead” (L_2) passou a ser chamado de “sublead”, isto é, o correspondente ao segundo evento em importância no discurso da notícia.

Normalmente apenas o primeiro “lead” de uma notícia costuma ser completo, demais “leads” incluídos no texto (L_3) costumam vir em seguida e, possuem alguns elementos suprimidos pelo fato de estarem implicados no restante do texto ou de constituírem-se em tópicos frasais de natureza existencial.

Até o momento, trabalhamos aspectos referentes às teorias utilizadas na pesquisa, a seguir apresentaremos o capítulo referente à metodologia.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DA PESQUISA

“O homem, para conhecer as coisas em si, deve primeiro transformá-las em coisas para si”
(Kosik, 1985, p. 22).

2.1 - A pesquisa

Esta pesquisa originou-se pelo fato de se estar buscando um novo modelo de ensino-aprendizagem, no que diz respeito ao discurso jornalístico, mais especificamente ao gênero notícia. A partir dos postulados de Kintsch & van Dijk (1983) do modelo de processamento textual denominado de *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso*, enfatizamos as categorias textuais específicas implicadas na notícia – *a superestrutura*.

No entanto, como já mostramos anteriormente, temos consciência de que este modelo constitui-se em um construto teórico ainda incompleto, apresentando algumas limitações, conforme expõe o próprio van Dijk: “Além de não estar teoricamente completo, o modelo tem ainda algumas limitações empíricas” (1983, p. 9).

Nesta pesquisa, partindo do modelo textual de Kintsch & van Dijk (1983; 1990), que será demonstrado aos alunos do Curso de Jornalismo, 3ª fase (04 turmas), investigaremos como esse *novo* conhecimento cujo foco central é o estudo da organização mental da notícia de jornal interfere no conhecimento que os alunos já possuem.

Trabalhamos também, como já dito anteriormente, com a dicotomia *dado/novo* considerando como *dado* o conhecimento que os alunos possuíam até o momento do experimento, isto é, eles estruturavam seus textos a partir do *princípio da pirâmide invertida* e consideramos o *novo* como sendo o modelo proposto por van Dijk (1990), a *teoria da superestrutura do discurso noticioso* objetivando ampliar os conhecimentos destes sujeitos/alunos.

Também observaremos de que forma esse experimento contribui para o entendimento do processamento textual e para o desempenho da escritura de textos desses alunos, enfatizando os critérios de *informatividade* e a *estrutura da relevância*.

2.2 - As questões da pesquisa

Questão principal

- Que contribuições a *teoria da superestrutura do discurso noticioso* proporcionará ao ensino/aprendizagem?

Questões específicas

- Qual conhecimento sobre a notícia os alunos já possuem?
- Quais características textuais são recorrentes nos textos dos alunos?

2.3 - Os objetivos da pesquisa

Objetivo principal

- Possibilitar aos alunos o reconhecimento e a compreensão de categorias textuais específicas implicadas na notícia tais como, *superestrutura* e *macroestrutura*. Convém ressaltar que utilizamos a *metodologia dialética* (cf. Vasconcelos, 1996), em sala de aula, pelo fato desta ser uma proposta de ensino diferente, na qual construímos conjuntamente com os alunos uma nova forma de apreender¹⁷ o conhecimento.

¹⁷ Utilizamos o termo apreender por entendermos que o verbo apreender possui um sentido mais amplo do que o verbo aprender. Segundo o Aurélio (1986): aprender – tomar conhecimento de; reter na memória, mediante o estudo, a observação ou a experiência. Apreender – assimilar mentalmente; entender, compreender.

Objetivos específicos

- Mostrar alternativas retóricas e cognitivas para a produção de notícias, possibilitando ao(s) aluno(s) a criação de um discurso próprio, particularizando seu(s) estilo(s);
- Ampliar o conhecimento dos alunos em sua produção textual no sentido de que essa produção seja sustentada por uma teoria lingüística e discursiva;
- Observar a *informatividade* e a *estrutura da relevância* na reescritura dos textos.

2.4 - Os sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa são os alunos do Curso de Jornalismo¹⁸, 3ª fase da UFSC, futuros jornalistas. Essa escolha se deveu ao fato de que esses alunos são produtores potenciais de notícias, pois no Curso de Jornalismo, em seu currículo nas três primeiras fases há a disciplina Redação I, II e III, na qual é trabalhado especificamente o gênero notícia e, após a terceira fase essa disciplina continua, mas passa a se trabalhar com outros gêneros jornalísticos como, por exemplo, reportagem, textos para Internet e outros mais.

Trabalhamos com quatro turmas, especificamente as turmas 0383A de 207304¹⁹, turma 0383B de 407304, turma 0383C de 313304 e turma 0383D de 513304. Apesar de termos trabalhado com quatro turmas, escolhemos aleatoriamente os textos das três primeiras turmas para análise. Pelo fato de termos trabalhado com três propostas de atividades diferenciadas em sala de aula, selecionamos três textos de cada atividade para análise perfazendo um total de nove textos para cada turma. Iniciamos a experiência no dia 20/03/00 e a finalizamos em 06/04/00.

Essas turmas possuem em torno de doze alunos cada, são turmas mistas com predominância do gênero feminino²⁰ e já há algumas desistências. A idade desses sujeitos varia de 18 a 21 anos, embora exista um sujeito de 32 anos. Normalmente, o jornalismo se

¹⁸ No capítulo intitulado O corpus e análise do experimento, trataremos os alunos como sujeitos/alunos.

¹⁹ Leia-se segunda-feira, sete e trinta horas, quatro créditos.

²⁰ Ver gráficos demonstrativos. Anexo 6. Estes gráficos são apenas ilustrativos, não cruzamos seus dados.

apresenta como a primeira opção no vestibular e a maioria dos alunos manifestou gostar muito da disciplina redação.

2.5 - Métodos da pesquisa

Hyman (1977) traça cinco paradigmas metodológicos da pesquisa em psicologia: o naturalista, o diferencial, o da correlação, o experimental e o de critérios combinados.

Nesses paradigmas se inserem algumas características das técnicas de pesquisa que são:

- naturalista – Nesse método, o pesquisador tenta interferir o menos possível no comportamento de seu(s) sujeito(s);

- diferencial – O pesquisador explora diferenças já existentes, tais como idade, sexo etc. e classifica-as como variáveis que serão cruzadas. Sempre devem ser tomados, pelo menos, dois princípios de classificação e essas variáveis são padronizadas de modo que os experimentos desenvolvidos de acordo com esse paradigma possam ser reaplicados, obtendo-se os mesmos resultados;

- correlacional – Esse é um método específico de comprovação das relações entre duas variáveis existentes previamente na natureza. O critério mais comum é dividir os indivíduos agrupados sob determinado critério. Variável independente (como, por exemplo, professores) em dois grupos, segundo a variável dependente (ex. mais criativos, menos criativos). Nesse método também se padroniza os procedimentos e se faz medições estatísticas;

- experimental – Tanto nesse método quanto no método diferencial, o pesquisador apresenta ao sujeito experimental um estímulo-padrão e observa o que o sujeito faz em resposta a esse estímulo. A diferença com relação ao paradigma referencial é que, na experimentação, o pesquisador manipula a variável dependente atribuindo-lhe diferentes valores;

- critérios combinados – Nesses há a combinação de critérios. O mais típico é a combinação de critérios experimentais com critérios diferenciais. O exemplo citado por

Hyman (1977) é o de uma pesquisa que pode combinar a variável diferencial gênero com a variável experimental desempenho sob tensão. Dessa forma, metade de cada grupo (masculino e feminino) executaria atividades sob tensão e posteriormente se avaliaria os resultados em termos de escores.

Esta pesquisa se insere, ao nosso ver, no método experimental, uma vez que parte de uma variável independente “alunos do Curso de Jornalismo” manipulando uma variável dependente, “a superestrutura textual da notícia” objetivando a modificação e/ou a mudança de alguma situação ou fenômeno.

2.5.1 - Categorias de análise

Os dados desta pesquisa foram tratados qualitativamente porém têm um apoio quantitativo.

Segundo Triviños (1987), a pesquisa qualitativa, na maioria das vezes, deixa de lado os postulados essencialmente positivistas (medições e quantificações) e busca compreender o fato na sua particularidade ou trabalha a dicotomia quantitativo-qualitativo.

Bogdan & Birten (1982) indicam algumas características para a pesquisa qualitativa:

- a pesquisa é descritiva, mas as descrições são tratadas interpretativamente;
- os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;
- os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente (do particular para o geral);
- o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Ainda dentro dessa perspectiva, Martins & Bicudo (1989) apontam três modalidades para a pesquisa qualitativa. São elas: de conteúdo específico (C), filosófica (F) e lingüística (L).

A primeira, isto é, a de conteúdo específico (C), envolve um delineamento complexo, concentrando-se no conteúdo específico e no agrupamento dos fenômenos. Nessa modalidade as proposições ontológicas como também os recursos metodológicos somente serão considerados à medida em que se persegue o fenômeno.

A modalidade (F) envolve um fundamento filosófico, normalmente relacionado à psicologia fenomenológica, enfatizando temas centrais da psicologia como memória,

aprendizagem, percepção e experiência. Ao contrário da modalidade (C), esta modalidade busca estudar a estrutura dos fenômenos enquanto que aquela procura detectar suas características e conteúdos.

Quanto a modalidade (L), que se enquadra nesta pesquisa, se fundamenta em uma rede complexa de proposições e fornece através da linguagem as formas de representação dos dados. Segundo Martins & Bicudo (1989, p. 30-1), a modalidade lingüística (L) de pesquisa

(...) procura sistematizar as descrições dos dados verbais de forma a torná-las comparáveis. Ela institui um compromisso com o sistema geral de representações e com a tarefa de encontrar categorias gerais e combinações de categorias que podem, dentro do sistema, representar os resultados, visando a explorar as análises interpretativas dos itens dos dados verbais.

Essas características demonstram que na pesquisa qualitativa todas as partes do estudo estão relacionadas, portanto nosso método de pesquisa está composto de uma combinação de técnicas observacionais, descritivas e analíticas. Técnica é entendida como “um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática” (Lakatos & Marconi, 1982, p. 56).

Por ser nosso objeto de estudo a forma como se dá a organização de um conteúdo na memória, ou seja, a forma como se dá o reconhecimento e a compreensão da superestrutura da notícia pelos sujeitos/alunos a partir da leitura de seus próprios textos e de textos de outros articulistas, também tentaremos observar como os sujeitos/alunos relacionam esse *novo* conhecimento com o que já possuem (*princípio da pirâmide invertida*) que a nosso ver constitui-se no esquema mental com o qual esses sujeitos trabalham no momento da escritura de notícias conforme eles próprios afirmam: “Na estruturação utiliza-se o critério da pirâmide invertida, os fatos vão sendo eleitos por ordem de importância. O primeiro parágrafo é o lead (resumo do fato) os demais parágrafos são tópicos frasais” e outros dizem de forma indireta “elaborar o texto hierarquizando as informações”.

Nesta experiência, utilizamos algumas técnicas de pesquisa como pesquisa bibliográfica (identificação, localização, compilação e fichamento) e, observação direta extensiva, esta realiza-se através do questionário, do formulário, de medidas de opinião e atitudes e de técnicas mercadológicas. Distribuímos aos sujeitos dois questionários²¹ (instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e de preferência sem a presença do entrevistador). As perguntas,

²¹ Ver anexo 2

quanto à sua forma, constituem-se de perguntas abertas, ou também chamadas de livres ou não limitadas, essas são perguntas que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões.

Pautados nesta metodologia qualitativa de análise, tentamos observar o comportamento dos sujeitos/alunos com relação ao tópico da pesquisa buscando respostas para os resultados nos dados obtidos na experiência.

2.6 - A experiência

Como já citamos, a experiência deu-se no período de 20/03/00 a 06/04/00 com quatro turmas da terceira fase do Curso de Jornalismo/UFSC. Turmas: 0383A, 0383B, 0383C e 0383D.

2.7 - Questionário sócio-cultural pré-teste

Distribuímos um questionário aos alunos na tentativa de levantarmos um perfil desses sujeitos/alunos, apreender suas principais características, seus determinantes (valores, experiências, representações, interesses) como forma de ter pontos de articulação com o conhecimento a ser construído, na tentativa de proporcionar-lhes um ensino aprendizagem significativo.

O questionário também tenta levantar dados quanto à tarefa de produção do texto noticioso, objetivando obter dados que mostrem a função da superestrutura na produção do texto e a forma como este sujeito/aluno o acessa.

2.8 - A testagem

Fizemos dois testes com os sujeitos/alunos. O primeiro deu-se a partir da primeira atividade desenvolvida em sala de aula, pois após a apresentação do *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* e de sua *Teoria da Superestrutura do Discurso Noticioso* solicitamos aos alunos que individualmente localizassem e identificassem em um texto noticioso seu (T1) produzido a partir de uma pauta ficcional elaborada pelo professor da

turma, as categorias postuladas por van Dijk (1990; 1996) para o reconhecimento da superestrutura da notícia.

O segundo teste deu-se na aula seguinte; levamos um texto de outro articulista (T1'), dentro do protótipo proposto por van Dijk, ou seja, uma notícia que aborde um fato político e o distribuimos aos alunos (duplas ou trios) solicitando que novamente identificassem as categorias da superestrutura da notícia objetivando identificar o grau de dificuldade apresentado pelos alunos nas duas atividades e se eles realmente compreenderam as categorias.

Ao procedermos à análise desta testagem também observamos aspectos relacionados à macroestrutura do texto 1 produzido pelos sujeitos/alunos, quanto a testagem do texto 1' (texto de outro articulista), observaremos apenas o reconhecimento das categorias específicas do texto noticioso propostas por van Dijk (1996).

Selecionamos em cada turma, três análises de cada teste para nossos comentários analíticos. Cabe ressaltar que tanto os textos quanto as análises produzidos pelos alunos foram digitadas nesta pesquisa reproduzindo-os fielmente.

2.9 - A reescritura após o “*novo*” conhecimento

A reescritura após o “*novo*” conhecimento foi a terceira atividade e constituiu-se na reescritura de um texto noticioso contemporâneo, o mesmo texto que os alunos já tinham utilizado na segunda atividade de testagem. Nesta terceira atividade observamos se após este “*novo*” conhecimento os alunos teriam mais cuidado ao estruturar o seu texto.

Ao analisarmos estes textos noticiosos priorizamos o critério de *informatividade* que constitui-se no carro chefe do jornalismo informativo contemporâneo, no qual uma notícia visa a informar e também priorizamos o *critério da relevância*, ambos segundo os postulados de van Dijk (1990 e 1996). Para auxiliar no *critério da relevância* também mencionamos Sperber & Wilson (1995) já tratados no capítulo referencial teórico.

Nesta atividade em cada turma também foram selecionados aleatoriamente três reescrituras de texto para nossos comentários analíticos.

2.10 - Questionário pós-teste

Este questionário tentou suprir as informações que as atividades não proporcionaram permitindo aos sujeitos/alunos uma avaliação crítica do experimento como um todo. É preciso salientar que estes sujeitos/alunos desde o momento que iniciamos o experimento estavam cientes de que todas as atividades realizadas não implicariam uma nota em valores numéricos que pudesse auxiliá-los ou prejudicá-los na avaliação do semestre. Eles colaboraram espontaneamente para a realização da pesquisa.

2.11 - Breve relato das aulas ministradas e metodologia utilizada em sala de aula: *metodologia dialética.*

Realizamos a pesquisa de campo propriamente dita, ao ministrarmos as 36 aulas a quatro turmas do Curso de Jornalismo, na disciplina Redação III (COM 5301). Todas as aulas foram previamente elaboradas.²² Apresentaremos um breve relato delas como também a metodologia utilizada pela professora-pesquisadora em sala de aula.

O primeiro contato com os sujeitos deu-se no dia 20/03/00 com a turma 0383A. Em um primeiro momento o professor da turma, o sr. Flávio Roger Camargo de Sturdze apresentou-nos aos alunos. Após esse momento, apresentamos a proposta da experiência a ser realizada em sala de aula. Foram comentados os objetivos, a teoria a ser desenvolvida e as hipóteses. Os alunos mostraram-se bastante receptivos.

Dando continuidade, como técnica de coleta de dados, distribuimos aos sujeitos um questionário sócio-cultural aberto elaborado pela professora-pesquisadora objetivando levantar um perfil desses alunos, apreender suas principais características, seus determinantes (interesses, representações, valores, experiências, problemas que se colocam etc.) como forma de ter pontos de articulação com o conhecimento a ser construído, na tentativa de proporcionar-lhes um ensino aprendizagem significativo. Foi solicitada a devolução desse questionário na aula seguinte. Após, realizamos com os alunos uma atividade ilustrativa para demonstrar alguns problemas gerados pela ambigüidade da linguagem, da própria informação no sentido de alertá-los para sua própria escritura.

²² Conforme plano de ensino. Anexo I.

O segundo contato com os sujeitos deu-se no dia 21/03/00 com a turma 0383C e procedemos da mesma forma como na aula anterior. Convém ressaltar que esta turma mostrou-se mais participativa do que a anterior, os alunos interagem mais com a professora-pesquisadora.

O terceiro contato com os sujeitos deu-se no dia 22/03/00 com a turma 0383B e nessa turma, após a apresentação da pesquisa, prolongamos mais o debate sobre algumas concepções básicas da lingüística textual como texto, coesão, coerência, tópico frasal, discurso etc. Isso foi uma tentativa de se fazer um levantamento das representações do conhecimento dos alunos sobre o tema de estudo proposto para que equívocos apresentados não se tornassem “obstáculos epistemológicos” na aprendizagem.

O quarto encontro com os sujeitos deu-se na turma 0383D e só foi possível no dia 30/03/00, pois no dia 23/03/00 foi feriado na cidade de Florianópolis, portanto nessa turma, após a apresentação pelo professor Flávio da professora-pesquisadora já foi iniciada a primeira aula com esses sujeitos.

Por questões de ordem cronológica, apresentaremos o relato da primeira aula realizada no dia 27/03/00, com a turma 0383A. Nessa classe, inicialmente recolhemos os questionários distribuídos na semana anterior e após distribuimos o material pedagógico com uma síntese da teoria proposta por van Dijk (1996) para o reconhecimento da superestrutura da notícia. Fomos apresentando a teoria com o apoio de transparências e utilizando a *metodologia dialética de conhecimento* em sala de aula. Essa metodologia baseia-se no fato de que o conhecimento é construído pelo sujeito na sua relação com os outros e com o mundo, isto é, o conteúdo apresentado pelo professor precisa ser trabalhado, refletido, reelaborado pelo aluno, para se constituir em seu conhecimento.

Conforme Vasconcelos (1996), isso exige três grandes dimensões: mobilização para o conhecimento; construção do conhecimento e elaboração da síntese do conhecimento.

Com isso percebe-se que enquanto professores devemos despertar o interesse dos alunos em conhecer o novo objeto de conhecimento, ou seja, a teoria que nos propomos a ensiná-los. O aluno deve chegar a elaborar as primeiras representações mentais do objeto a ser conhecido.

A construção de conhecimento é entendida como um segundo nível de interação no qual o sujeito deve construir o conhecimento através da elaboração de relações o mais totalizante possível. Já na elaboração da síntese do conhecimento, os sujeitos devem sistematizar os conhecimentos que vêm sendo trabalhados, ou seja, devem integrar esses conhecimentos resultando em uma nova forma de ação.

Adotamos a forma de trabalho proposta pela *metodologia dialética* porque nela há uma ação interativa entre o professor e o aluno, ao passo que na metodologia tradicional há uma ação por “revezamento”, ou seja, há uma separação entre os momentos do aluno e do professor, ocorrendo apenas justaposição, mas não interação.

Retornando à sala de aula, sugerimos aos alunos como atividade que fizessem a análise de uma notícia escrita por eles a partir de uma pauta ficcional (esta mistura fatos reais com ficção) que foi elaborada pelo professor da turma e envolvia nomes fictícios com o narcotráfico no Estado, pelo fato de estar realmente ocorrendo a instalação de uma CPI do narcotráfico no estado de Santa Catarina. Três turmas trabalharam com essas notícias enquanto que a quarta turma trabalhou com uma notícia também elaborada a partir de uma pauta ficcional sobre um incêndio no prédio da reitoria na UFSC. Na análise, os alunos deveriam identificar as categorias textuais específicas do gênero notícia propostas por van Dijk (1996). A realização deste exercício foi uma tentativa de busca para chegar-se a uma síntese pessoal pelos alunos daquilo que foi ensinado e supõe-se apreendido.

Conforme Vasconcellos (1996, p. 43), “toda aprendizagem é ativa, é resultado da ação de determinado sujeito sobre determinado objeto, qual seja, é fruto de interação do sujeito com o objeto.”

E, segundo Kosik (1985, p. 206),

Conhecemos o mundo, as coisas, os processos somente na medida em que os ‘criamos’, isto é, na medida em que os reproduzimos espiritualmente e intelectualmente.

Em sala de aula, em nossa ação pedagógica, procuramos propiciar a relação sujeito-objeto, porém a construção do conhecimento depende fundamentalmente do sujeito pois ninguém pode conhecer algo por outrem.

Após a realização da atividade de análise, encerrou-se a aula.

Quanto às turmas 0383B, 0383C e 0383D, as aulas que expunham a teoria proposta por van Dijk (1996) deram-se seguindo o mesmo ritual exposto anteriormente com a turma 0383A, porém cabe lembrar que por serem sujeitos/alunos heterogêneos cada turma apresenta questionamentos diferenciados à professora-pesquisadora.

As aulas seguintes se realizaram nos dias 03, 04, 05 e 06/04/00 e nessas, inicialmente, trabalhamos fazendo a análise das categorias textuais propostas por van Dijk (1996) em textos retirados de jornais cujas temáticas se aproximam do que o autor postula como protótipo, isto

é, fatos políticos. A turma 0383A analisou o texto “Câmara adia de novo lei antinepotismo” publicado pela *Folha de São Paulo* no dia 09/02/00. A turma 0383B analisou o texto “Pitta terá de devolver carros” publicado pelo *Diário Catarinense* no dia 24/03/00. A turma 0383C analisou o texto “Câmara promete barrar novo valor” publicado pela *Folha de São Paulo* no dia 24/03/00 e a turma 0383D analisou o texto “Promotoria quer quebrar sigilo de sete vereadores” publicado pela *Folha de São Paulo* no dia 02/04/00.

A seguir, nessas mesmas aulas, como segunda atividade, foi proposto aos alunos que reescrevessem a notícia analisada e ao finalizarem esse exercício distribuiu-se um segundo questionário para podermos ter uma avaliação crítica da experiência realizada. Alguns alunos preferiram levar o questionário para responder em casa e devolver na aula seguinte; outros, porém, responderam-no na aula e os entregaram à professora-pesquisadora pois nessa semana, infelizmente, encerrou-se a experiência com esses sujeitos/alunos.

Dando continuidade a nossa pesquisa no próximo capítulo apresentaremos o corpus da turma 0383A e análise do experimento.

CAPÍTULO – 3

O CORPUS E A ANÁLISE DO EXPERIMENTO

“(…) el discurso no es sólo texto, sino también una forma de interacción”
(van Dijk, 1990, p. 52).

3.1 – Ponto de partida

Explicitaremos, de início, o corpus da primeira e segunda atividades feitas pelos sujeitos/alunos da turma 0383A juntamente com a análise realizada por eles segundo os postulados de van Dijk (1990)²³ e logo abaixo apresentaremos os comentários analíticos realizados pela professora-pesquisadora baseados nas teorias de van Dijk.

Essa análise solicitada aos alunos é o que o autor chama de interpretação cognitiva com uma abordagem estratégica, isto é, interpretação “*on line*” na qual ao aplicar-se estratégias, no momento de representar o conhecimento, podem ocorrer inadequações de interpretação, porque elas não são invariáveis, impostas, mas sim recursivas, ou seja, trata-se de uma interpretação provisória, que opera os dados em vários níveis ao mesmo tempo – fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, ocorrendo interativa e simultaneamente.

Convém ressaltar que o texto da primeira atividade foi elaborado pelos alunos a partir das aulas do programa do professor da turma, e a análise deste texto (T1) foi feita a partir das aulas ministradas pela professora-pesquisadora, sendo que a primeira análise foi realizada individualmente e a segunda do texto 1’ foi realizada em conjunto, conforme explicitado no capítulo referente à metodologia. Ao procedermos, enquanto professora-pesquisadora, à análise do T1, além de observarmos se ocorreu o reconhecimento das categorias propostas por van Dijk também observamos aspectos relacionados à macroestrutura. Quanto ao texto 1’ observamos apenas o reconhecimento das categorias propostas por van Dijk (1990; 1996).

²³ Conforme desenvolvido no capítulo 1 desta pesquisa.

A seguir apresentaremos o corpus da terceira atividade que consiste na reescritura de uma notícia, isto é, os sujeitos/alunos receberam um *texto dado* (notícia escrita por outro articulista) e a partir desta reescreveram um *texto novo*. Como critérios de análise observamos nesta atividade a *informatividade* e a *estrutura da relevância*, aspectos desenvolvidos no referencial teórico.

É importante esclarecer que os textos estão enumerados por parágrafos para facilitar a referência posterior a seus trechos e que o objetivo desta pesquisa não é o de observar problemas de inadequação gramatical embora temos consciência de que eles estão presentes nos textos e que estes alunos apresentam este desconhecimento, mas, como foi dito anteriormente, o objetivo deste experimento é o de possibilitar aos alunos o reconhecimento e a compreensão de categorias textuais específicas do texto noticioso.

O procedimento de análise adotado nas turmas 0383B e 0383C será o mesmo deste corpus.

3.2 - TURMA 0383A - CORPUS

3.2.1 - PRIMEIRA ATIVIDADE

A nossa proposta de exercício para esta atividade consistia em que o aluno analisasse individualmente seu próprio texto (T1) seguindo as categorias específicas do texto noticioso propostas por van Dijk (1996) apresentadas em sala de aula como sendo o *novo* conhecimento para estes sujeitos/alunos.

Nesta primeira atividade selecionamos aleatoriamente três textos produzidos pelos sujeitos 1, 2 e 3 para análise: S1 – T1, S2 – T1 e S3 – T1.

Vejam os textos 1 do sujeito 1, sua análise e os comentários analíticos da professora-pesquisadora:

Sujeito 1 (f)²⁴ – Texto 1

MXYY na lista da CPI do Narcotráfico.²⁵

1º) O nome da prefeita da capital, MXYY, apareceu entre outros dez nomes de catarinenses envolvidos com o tráfico de drogas, na lista de suspeitos enviada pela CPI nacional do narcotráfico, ontem de tarde. A lista foi trazida pelo deputado federal e sub-relator da CPI na Câmara dos Deputados, Padre XKXK, do PT / Pr. A CPI estadual do narcotráfico será instalada esta tarde, formada por 13 membros da Câmara estadual.

2º) De acordo com XKXK, a prefeita aparece na lista de suspeitos por Ter sido citada por três testemunhas presas por tráfico de drogas. Eram eles: SYS, um caminhoneiro preso em Ponta Grossa, SXS, um estudante de datilografia que traficava em São Caetano, e RSR, um traficante do Mato Grosso do Sul. Os três, presos em circunstâncias diferentes, comentam Ter ouvido falar de MXYY como sendo uma das cabeças do tráfico no país.

3º) A prefeita de MMM não quis falar sobre o assunto. “Eu não tenho que dar declarações. Isso é manipulação daqueles que têm inveja da minha boa imagem.” – ela disse. Para KKKK, líder do governo na Assembléia e deputado do PPB, partido de MXYY, a presença do nome da prefeita na lista foi uma brincadeira de mau gosto. “Se a CPI já começa assim, eu desconfio dos trabalhos” – afirmou.

4º) A CPI estadual do narcotráfico será formada por 13 membros em número proporcional à bancada dos partidos na Câmara. Ficará instalada por 90 dias, podendo ser prorrogada por mais 60 caso ainda haja suspeitos para investigar. YXYX, do PT, acha que a CPI pode funcionar por muito mais tempo que isso. “A CPI nacional está trabalhando há um ano. A estadual vai trabalhar até que esteja tudo esclarecido” – disse. YXYX afirma ainda que se MXYY foi citada, é porque existe algum indício. Mas reforça que este é “um trabalho parlamentar, e os deputados devem trabalhar para obter a verdade”.

3.2.1.1 - Análise S1 – T1

Manchete – o tema principal da notícia, título: “MXYY na lista da CPI do narcotráfico”.

Após a *manchete*, o primeiro parágrafo constitui o *lead* da notícia. Ele mostra quem (MXYY), fez o quê (apareceu na lista de suspeitos) e quando (ontem à tarde). Essas informações constituem o *evento principal* da matéria. Ainda no primeiro parágrafo, encontra-se um *evento prévio* que completa as informações do *lead*: “a lista foi trazida pelo sub-relator da CPI na Câmara (...)”.

No segundo parágrafo, encontram-se mais *eventos prévios*, que desencadearam os fatos descritos no *lead*: esse parágrafo fala das testemunhas que citaram MXYY como uma das chefes do tráfico.

O terceiro parágrafo mostra os *atos e reações verbais* de alguns atores: MXYY se recusa a dar declarações, e o líder do governo na Assembléia, KKKK, afirma que tudo não passa de uma brincadeira de mau gosto.

O quarto e último parágrafo mostra um pouco do *contexto* da CPI estadual do narcotráfico, dizendo que o número de membros é proporcional à bancada dos partidos na Assembléia, e o prazo de trabalho da CPI. Neste parágrafo também estão descritas as

²⁴ Usei as a abreviatura (f) para indicar sujeito do sexo feminino e (m) para indicar sujeito do sexo masculino.

²⁵ Convém ressaltar que jornalistas não titulam suas notícias, conseqüentemente os alunos do curso de jornalismo também não o fazem, essa tarefa, por questões operacionais, fica a cargo do editor do jornal. Essas notícias foram tituladas a pedido da professora-pesquisadora.

expectativas do deputado do PT, YXYX, em relação aos trabalhos: “A CPI estadual vai trabalhar até que esteja tudo esclarecido”. No final do quarto parágrafo, YXYX faz uma *avaliação* do acontecimento. Ele diz que, se a prefeita foi citada, é porque existe algum indício.

3.2.1.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Inicialmente, cabe ressaltar que os sujeitos deste experimento não titulam suas matérias, pelo fato de que cada jornal possui espaços determinados para artigos e, normalmente a pessoa que titula é o editor do caderno. Neste experimento solicitamos aos alunos que titulassem suas matérias, objetivando demonstrar a categoria *manchete* proposta por van Dijk e que faz parte de toda notícia, pois toda notícia tem um título.

A análise realizada pelo S1 de sua própria escritura foi uma forma de testagem para observarmos se as categorias específicas da notícia propostas por van Dijk (1996) são compreendidas e reconhecidas pelos próprios produtores de notícia. Esses sujeitos demonstram uma marca bastante forte na sua produção que é a de seguir o *princípio da pirâmide invertida*, isto é, fatos principais vêm em primeiro lugar; demais informações vem em ordem decrescente de importância. O *princípio da pirâmide invertida* é o elemento central na estruturação do texto noticioso, como exemplo disso temos alguns depoimentos dos próprios alunos, vejamos:

“Relato organizado das informações • em primeiro lugar o que mais chama a atenção, o mais importante. • as informações no texto seguem uma seqüência decrescente de importância” e,

“Pirâmide invertida relatando conforme a importância do fato, do mais importante para o menos importante” e ainda

“Na estruturação utiliza-se o critério da pirâmide invertida, os fatos vão sendo eleitos por ordem de importância. O primeiro parágrafo é o lead (resumo do fato) os demais são os tópicos frasais”.

Van Dijk considera o *princípio da pirâmide invertida* como um princípio da coerência local do texto da notícia e não como uma variável do seu esquema cognitivo, conforme ele próprio menciona:

Diferentemente dos relatos cotidianos, a notícia não apresenta, no geral, acontecimentos em ordem cronológica. Não começa pelo princípio nem finaliza com a última seqüência de acontecimentos ou ações. Pelo contrário, descobrimos que a notícia, ao menos globalmente, dispõe a realização total da informação guiada por um esquema que depende da relevância. Ou seja, a informação importante aparece primeiro (1990, p. 99).

Na verdade é este o princípio mencionado tanto em manuais de redação jornalística quanto na própria literatura especializada. O *princípio da pirâmide invertida* preconiza que a notícia deve partir do fato mais relevante perfazendo uma ordenação que facilite tanto a leitura do consumidor de jornais, que pode ler somente o *lead* e ter uma noção do fato, quanto o trabalho de edição, pois o editor localiza com facilidade a informação a ser cortada – a menos relevante, que sempre se encontra no final do texto.

Consideremos que os sujeitos deste experimento possuam um *dado* que entendemos como sendo o *princípio da pirâmide invertida* e a partir da experiência obtêm um conhecimento *novo*, a variável dependente, isto é, as categorias que compõem a *superestrutura da notícia* propostas por van Dijk (1990; 1996) que são:

- 1º) *manchete*: título-obrigatório ou chamada da notícia;
- 2º) *lead*: texto introdutório, resumo dos fatos principais;
- 3º) *evento principal*: o fato noticioso em si;
- 4º) *circunstâncias/background contexto*: informações sobre a situação global, a descrição sociocultural na qual o fato aconteceu;
- 5º) *eventos prévios*: fatos que ocorreram antes do fato principal;
- 6º) *background história*: fatos ocorridos no passado e que estão apenas indiretamente relacionados ao evento que é a notícia;
- 7º) *conseqüências/reações verbais*: informa as declarações rotineiras dos participantes imediatos ao fato; isto é, são respostas ao fato ocorridas na sociedade;
- 8º) *expectativa*: o que pode vir a acontecer – referência a eventos futuros, comentário do jornalista e/ou editor (pouco ocorrente);
- 9º) *avaliação*: opinião, julgamento moral do fato apresentado pelo jornalista e/ou editor (pouco ocorrente).

Em nossos comentários analíticos observaremos se os alunos conseguem reconhecer e compreender essas categorias em seus textos.

Na análise apresentada pelo S1-T1 vemos o reconhecimento e a compreensão de algumas dessas categorias pois o aluno além de exemplificar a categoria de acordo com o seu texto ainda a conceitualiza (explica o que é a *manchete*, o *lead*, etc.).

Quanto ao *lead*, este também é perfeitamente localizado no primeiro parágrafo do texto respondendo as perguntas básicas, quem, o que e quando, que compõem o *evento principal*. Ainda neste primeiro parágrafo há um *evento prévio* bem localizado pelo aluno.

No segundo parágrafo, o sujeito/aluno localiza mais *eventos prévios* que são os acontecimentos (depoimentos de testemunhas) que antecederam o fato principal (envolvimento do nome de MXYX no narcotráfico).

As *reações verbais* estão no terceiro parágrafo e inclusive este sujeito/aluno já demonstra ter incorporado a terminologia de van Dijk, pois este trata as pessoas envolvidas no texto noticioso como atores, terminologia utilizada nas aulas.

No quarto parágrafo este sujeito/aluno menciona que há um pouco da categoria *background contexto* exemplificando que é o contexto da CPI estadual do narcotráfico e ainda neste mesmo parágrafo equivocadamente este sujeito/aluno menciona como sendo categoria *expectativa*, a expectativa do deputado YXYX do PT e também este sujeito/aluno menciona como categoria *avaliação*, uma avaliação deste deputado. O que ocorre é que tanto a categoria *expectativa* quanto a categoria *avaliação* propostas por van Dijk deveriam ser apresentadas pelo autor da notícia, isto é, pelo jornalista que no caso é o próprio aluno e não por um ator envolvido na notícia, no caso o deputado YXYX, segundo a proposta de van Dijk, esses comentários do deputado pertencem à categoria *reações verbais* porque o que estamos enfatizando é o esquema da superestrutura da notícia.

Quanto à macroestrutura do texto¹, isto é, do texto produzido pelo aluno, à estrutura temático-semântica global, a coerência do texto (a relação entre os fatos e as proposições) respeita uma progressão temática, parte do tema, que é, segundo van Dijk, (1990, p. 54) “aquilo do que o discurso trata”, neste caso é o envolvimento do nome de MXYX na lista da CPI do Narcotráfico e as circunstâncias nas quais isso veio ocorrer. Após temos os *eventos prévios*, o *contexto* do fato principal e as *reações verbais* dos atores envolvidos na situação. Com isso percebe-se que há um encadeamento das idéias dentro de uma seqüência ordenada e lógica.

Para van Dijk são os temas que garantem que um texto tenha uma unidade semântica, portanto o tema é a redução da informação de um texto e isso só é possível segundo as *macrorregras* de *apagamento*, *generalização* e *construção*. Nesse sentido, o tema é crucial para o entendimento do texto e atua como instância de controle principal sobre a posterior

interpretação do resto do texto, portanto o significado global do texto é estabelecido por estratégias cognitivas. No discurso jornalístico isto se confirma pois o leitor só inicia a leitura da notícia se o tema lhe interessar.

Ao nosso ver, S1 conseguiu reconhecer a maioria das categorias propostas por van Dijk na estruturação de seu texto 1. Percebemos também que esse texto apresentou uma coerência global permitindo ao leitor sua compreensão.

3.2.2 - Sujeito 2 (f) – Texto 1

MXYY está na lista da CPI do Narcotráfico.

1º) A Prefeita de MMM MXYY é suspeita de envolvimento no narcotráfico em Santa Catarina. Hoje uma CPI com treze membros foi criada no estado para investigar denúncias e trabalhar juntamente com a CPI nacional. A Prefeita disse que tudo não passa de um engano e que se for chamada vai depor.

2º) A lista contendo o nome da prefeita e de mais dez catarinenses foi trazida pelo Deputado Federal do PT e sub-relator da CPI do Narcotráfico em Brasília, Padre XKXX. Foram ouvidas 500 pessoas envolvidas e o nome da prefeita foi citado por três delas.

3º) As testemunhas, o caminhoneiro SYS preso no Paraná, o traficante RSR do Mato Grosso do Sul e o estudante SXS preso em São Paulo, que citaram o nome de MXYY, disseram que seu nome foi ouvido em conversas com outros traficantes.

4º) A CPI tem o prazo inicial de 90 dias, podendo ser prorrogado por mais 60. O Deputado Estadual do PT, YXYX, vai fazer parte da CPI e disse que para ajudar nas investigações será instalado um tele-denúncias. Cada partido já está indicando seus representantes para a Comissão Parlamentar de Inquérito.

5º) Dois membros do PPB, o Deputado Estadual KYKK e o Líder de Governo KKYY, acreditam que o possível envolvimento de MXYY é um engano e afirmam que a prefeita tem todo o apoio do partido.

3.2.2.1 – Análise S2 – T1

Manchete – É o título da matéria e está acima da notícia. É o tema principal da notícia: “MXYY está na lista da CPI do Narcotráfico”.

O primeiro parágrafo é o *lead* da notícia. É nele que estão as informações principais como quem (MXYY), o que (é suspeita de envolvimento no narcotráfico), onde (em Santa Catarina), quando (hoje – criada a CPI).

O *evento principal* é o que gerou a matéria; “MXYY está na lista da CPI do Narcotráfico”. O *evento principal* se explicita no segundo parágrafo: “A lista contendo o nome da prefeita e de mais dez catarinenses foi trazida pelo Deputado Federal do PT e sub-relator da CPI do Narcotráfico em Brasília, Padre XKXX”. O segundo parágrafo também possui um *evento prévio*: “Foram ouvidas 500 pessoas envolvidas e o nome da prefeita foi citado por três delas”.

O terceiro parágrafo contém informações que ajudam a esclarecer o evento principal e é considerada como *circunstância* ou *contexto*.

O quarto parágrafo é composto também por *circunstâncias* ou *contexto*. “A CPI tem o prazo inicial de 90 dias, podendo ser prorrogado por mais 60.” “Cada partido já está indicando seus representantes para a Comissão Parlamentar de Inquérito”.

O quinto e último parágrafo é composto pelos *comentários*. “Dois membros do PPB, o Deputado Estadual KYKK e o Líder de Governo KKYY, acreditam que o possível envolvimento de MXYY é um engano e afirmam que a prefeita tem todo o apoio do partido”.

3.2.2.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Este sujeito/aluno reconhece com facilidade a *manchete*, o *lead* com seus principais elementos (quem, o que, onde e quando), o *evento principal*, o *evento prévio*, o *contexto* no terceiro e quarto parágrafos. No quinto parágrafo há um equívoco como na análise do aluno anterior. Novamente, os *comentários* são de dois atores do *relato jornalístico*, do deputado estadual KYKK e do líder de governo KKYY. O que van Dijk postula, porém, como categorias específicas da notícia como sendo *comentários* subdividido em *expectativas* e *avaliação* que seriam a referência a eventos futuros e a opinião, o julgamento, a moral do fato, mas apresentada pelo autor do texto, ou seja, do jornalista no caso do texto em análise seria o próprio aluno e não a *expectativa* e a *avaliação* dos atores envolvidos no fato principal.

A macroestrutura do texto 1, de S2, apresenta uma unidade semântica que proporciona o entendimento ao leitor que possui o conhecimento prévio sobre a temática principal do texto.

Veamos exemplos da relação entre os fatos e as proposições (P) que formam a macroestrutura desse texto:

P1 – O envolvimento do nome da prefeita MXYY na lista da CPI do narcotráfico em Santa Catarina.

P2 – A lista foi trazida pelo sub-relator da CPI, padre XKXX.

P3 – Nome de três testemunhas que citam MXYY.

P4 – Prazo de duração da CPI no Estado e instalação de um tele-denúncias.

P5 – Dois membros do PPB, defendem MXYY.

Essas proposições demonstram que há uma estrutura semântica global proporcionando o encadeamento de fatos e proposições na composição geral deste texto. S2 assim como S1 estruturam seus textos de maneira coerente, clara e objetiva, porém se equivocam no reconhecimento da categoria *comentários* proposta por van Dijk.

3.2.3 - Sujeito 3 (f) – Texto 1

1º) **Prefeita é suspeita de envolvimento com o narcotráfico.**

2º) A prefeita de MMM, MXYX, é um dos políticos com suspeita de envolvimento no narcotráfico em Santa Catarina. O nome da prefeita está em uma relação trazida de Brasília pelo deputado federal Pe. XKXK. Será criada hoje uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar os políticos, policiais e líderes políticos sem mandato que foram citados nesta relação apresentada ontem na câmara. A prefeita e alguns de seus partidários consideram tudo um equívoco e não quiseram falar nada a respeito.

3º) Segundo o deputado, três pessoas – o caminhoneiro SYS, preso no Paraná, um traficante do Mato Grosso do Sul, RSR e o estudante SXS, preso em São Paulo – presos por tráfico de drogas, ouviram o nome da prefeita em conversas de outros envolvidos. As testemunhas disseram que MXYX estaria intermediando o tráfico e facilitando o trabalho dos traficantes.

4º) O líder do PPB no governo, KXYX garantiu todo apoio à MXYX e disse que o nome dela na lista foi um engano. Outro partidário da prefeita, o deputado estadual KYKK (PPB), considera tudo isso um equívoco lamentável. A prefeita MXYX nada quis dizer sobre o aparecimento de seu nome na relação. Apenas classificou o fato como uma bobagem ou uma armação. MXYX garantiu que se for chamada na CPI vai depor pois não tem nada a temer.

5º) Cada partido está indicando os seus representantes para a formação da CPI, que deve ser instalada até o final da semana. Segundo YXYX, representante do PT, a comissão vai ser criada com o propósito de investigar as denúncias e pretende – se trabalhar em sintonia com a CPI nacional.. A comissão vai ser constituída por 13 membros, com um prazo inicial de 90 dias de duração, podendo ser prorrogada por mais dois meses. Vai ser criada também um tele-denúncia para que a população possa participar das investigações.

3.2.3.1 - Análise S3 – T1

Obs.: Cada parágrafo da notícia foi marcado por S3 com números em ordem crescente de 1 a 5; quando a aluna enumera ela se refere ao parágrafo correspondente. A numeração é iniciada pela manchete.

- 1) MANCHETE ⇒ título que funciona para chamar a atenção do leitor para a matéria.
- 2) LEAD ⇒ texto introdutório, é a estrutura temática da notícia que, junto com a *manchete*, resume o texto. É o primeiro parágrafo da notícia.
- 3) SUB-LEAD ⇒ parágrafo imediatamente seguinte ao *lead*, que explica melhor o *Evento Principal*.
- *Reações Verbais*: informa as declarações rotineiras dos participantes imediatos, que pretendem comentar ou dar opiniões sobre os eventos da notícia.
- 4) Novamente aparecem as *reações verbais*, que são opiniões de pessoas sobre os eventos da notícia.
- 5) No último parágrafo aparecem as subdivisões da categoria *comentários*, que são as *expectativas* e a *avaliação*.

Expectativas ⇒ o que pode vir a acontecer, referência a eventos futuros.

Avaliação ⇒ opinião, conclusão, julgamento, moral do fato. A avaliação não está presente neste texto.

Da categoria *eventos*, aparece no *lead* o *Evento Principal*, que é o que aconteceu, informação de eventos recentes, o fato em si. Esta categoria é obrigatória em um texto de notícia. Também tem-se no *lead* o *background – circunstâncias – contexto*, que englobaria as informações sobre a situação global na qual está inserido o *evento principal*.

Especificando, contextualizando as questões na notícia que eu produzi nós temos:

Manchete ⇒ chamada para leitura. Chamar a atenção para o fato de a prefeita MXYX ser suspeita do narcotráfico.

Lead ⇒ O porquê da suspeita, quando, quem falou, perspectiva da prefeita e seus aliados para o fato.

Sublead ⇒ explica melhor o fato que gerou a notícia. Os nomes das testemunhas, já não tão resumido quanto no *lead*.

3º parágrafo ⇒ parecer dos partidários e da própria prefeita, que foram ouvidos para se defenderem.

4º parágrafo ⇒ opinião de um político de esquerda e maiores informações sobre a CPI que está sendo instalada para investigar não só o caso da prefeita, mas também de outros políticos, policiais e líderes políticos sem mandato que estariam envolvidos com o narcotráfico.

3.2.3.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Este sujeito/aluno curiosamente começa enumerando a *manchete* de sua notícia e já vai identificando ao lado desta numeração as categorias propostas por van Dijk. O mais relevante é que inclui o “sublead” (parágrafo imediatamente seguinte ao *lead* que explica melhor o *evento principal*). Realmente o “sublead” fornece mais detalhes complementando o fato principal já mencionado no *lead*. O “sublead” não é uma categoria postulada por van Dijk. Juntamente ao “sublead”, este sujeito/aluno inclui a categoria *reações verbais* postulada por van Dijk.

A grande parte das categorias é bem identificada pelo sujeito/aluno porém ocorre um problema: é mencionado que as informações de contexto estão no *lead*, pois estas aparecem também no quinto parágrafo e o sujeito/aluno não as cita. Quanto à categoria *avaliação* ele diz que não está presente no texto, no entanto também é dito por este sujeito/aluno que no quarto parágrafo há “opinião de um político de esquerda e maiores informações sobre a CPI que está sendo instalada para investigar não só o caso da prefeita, mas também de outros políticos, policiais e líderes políticos sem mandato que estariam envolvidos com o narcotráfico”. Portanto, a nosso ver, não fica explícito se o aluno realmente entendeu a distinção entre as categorias *expectativa* e *avaliação* ou se as confundiu. No quinto parágrafo é mencionada a *expectativa* (referência a eventos futuros) que realmente ocorre.

Outro problema que ocorre na escritura do texto é que no quarto parágrafo que na verdade segundo a enumeração de S3 seria o quinto parágrafo, existe a falta de complemento de uma informação, vejamos:

“Segundo YXYX, representante do PT, a comissão vai ser criada com o propósito de investigar as denúncias e pretende – se trabalhar em sintonia com a CPI nacional.. A comissão vai ser constituída por 13 membros, com (...) meses”.

Falta o complemento da informação, pois se a comissão trabalhar em sintonia com a CPI nacional, o que ela pretende fazer? Isso é uma falha tanto na coerência global como na coerência local do texto como um todo.

Sobre aspectos relacionados à macroestrutura do texto apenas este complemento de informação falta ao texto, demais proposições estão relacionadas com o tópico principal da matéria formando um encadeamento semântico perceptível ao leitor. Como proposições deste texto1 de S3 temos:

P1: O envolvimento do nome da prefeita MXYY com o narcotráfico.

P2: Três pessoas a acusam, um caminhoneiro, um estudante e um traficante.

P3: Depoimento do líder do PPB, KKYY e do deputado KYKK (PPB), ambos apoiando MXYY.

P5: Partidos indicam representantes para CPI e declaração do representante do PT, YXYX.

Essas proposições demonstram que o texto apresenta uma coerência global apesar de ocorrer a falta de uma informação complementar no último parágrafo. Essa falta da informação não prejudica o texto como um todo porque informações relevantes vêm em primeiro lugar isso confirma o *princípio da pirâmide invertida* em que poderíamos suprimir a última informação.

Quanto a testagem das categorias propostas por van Dijk, vimos que tanto S1 como S2 e S3 apresentaram o mesmo problema a respeito da categoria *comentários*, ou seja, nenhum dos três conseguiu compreendê-la.

3.2.4 - SEGUNDA ATIVIDADE: Análise do texto de outro articulista (T1')

O texto analisado nesta segunda atividade consiste em um texto de outro articulista (T1') intitulado "Câmara adia de novo lei antinepotismo" retirado do jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 09/02/00. Este texto é diferenciado nas três turmas, pois o texto da T0383B intitulado "Pitta terá de devolver os carros" (T1') é retirado do *Diário Catarinense* de 24/03/00 e o texto da turma 0383C intitulado "Câmara promete barrar novo valor" (T1') é retirado da *Folha de S. Paulo* de 24/03/00. Estes textos também estão enumerados por parágrafos para facilitar a compreensão das análises.

Essa segunda atividade consiste na compreensão e reconhecimento das categorias propostas por van Dijk (1996) pelos alunos, porém foi realizada em duplas ou trios para promovermos uma maior interação em sala de aula. Nesta atividade foram selecionadas três análises para comentarmos à luz das teorias de van Dijk. Nas demais turmas (T0383B e 0383C) seguiremos o mesmo procedimento.

Apresentaremos primeiro o T1', a seguir a análise realizada pelos alunos e os comentários analíticos feitos pela professora-pesquisadora. Vejamos o texto 1' da T0383A:

3.2.4.1 - Texto 1':

REFORMA DO JUDICIÁRIO Item da emenda que regulamenta contratação de parentes deve ser votado após o Carnaval.

Câmara adia de novo lei antinepotismo

da Sucursal de Brasília

1º) Deverá ficar para depois do Carnaval a votação do dispositivo da emenda da reforma do Judiciário que proíbe o nepotismo (contratação de parentes). Ontem, os líderes dos partidos decidiram que o item da emenda é um dos que serão votados por último. Deputados querem tentar chegar a um acordo antes de votar o texto.

2º) A proposta é modificar a redação da deputada Zulaiê Cobra (PSDB-SP), relatora do projeto, para permitir uma cota para contratação de parentes.

3º) "Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta ou um limite que seja tolerável pela sociedade", afirmou o líder do PSDB, Aécio Neves (MG). O PSDB apóia o texto da relatora que proíbe o nepotismo.

4º) "A questão está sendo discutida em clima emocional. Não podemos punir parente pelo simples fato de sê-lo", afirmou o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), que defende a proposta alternativa à redação da relatora para permitir a contratação de até dois parentes, com habilitação para o cargo. "Se vai receber um DAS (cargo em comissão), tem de ter curso superior", afirmou Inocêncio.

5º) Parlamentares resistem em aprovar a proibição do nepotismo. Na Câmara, 186 deputados contrataram 315 parentes, de acordo com levantamento feito pela *Folha* em outubro do ano passado com base em informações oficiais da Casa.

6º) Ontem, a Câmara deveria votar mais seis dispositivos da reforma. Até o fechamento desta edição, os deputados haviam aprovado uma modificação no texto para permitir que o advogado-geral da União também possa entrar com Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade) e com ADC (Ação Direta de Constitucionalidade) no Supremo Tribunal Federal.

(DENISE MADUEÑO)

3.2.4.2 - ANÁLISES DO EXERCÍCIO

Exercício: Analise essa notícia (T1') de acordo com as categorias propostas por van Dijk (1996).

3.2.4.3 - Análise de S2 e S4 - T1'

A *manchete* (Câmara adia de novo lei antinepotismo) é o título da matéria. A *manchete* está sempre acima da notícia.

O *lead* é o primeiro parágrafo da notícia e nele estão contidas as informações principais. (O que? Votação do dispositivo que proíbe o nepotismo. Quando? Ontem. Por que? Os deputados querem chegar a um acordo antes de votar o texto).

No segundo parágrafo está o *contexto* que ajuda no *evento principal* que é a *manchete*.

No terceiro parágrafo estão os *comentários* que demonstram *expectativa*.

No quarto parágrafo também se encontram *comentários* que são de *avaliação*. (“A questão está sendo discutida em clima emocional. Não podemos punir parente pelo simples fato de sê-lo”).

No terceiro parágrafo os *comentários* que demonstram *expectativa* são “Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta, ou um limite que seja tolerável pela sociedade”.

No quinto parágrafo estão os *eventos prévios* “Na Câmara, 186 deputados contrataram 315 parentes, de acordo com levantamento feito pela Folha em outubro do ano passado com base em informações oficiais da casa”.

No sexto e último parágrafo da notícia estão os *eventos* “Ontem, a Câmara deveria votar mais seis dispositivos da reforma”. Nesse parágrafo os *eventos* são resultados das *consequências*.

3.2.4.4 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Nesta atividade observamos apenas se os sujeitos/alunos reconhecem as categorias específicas do texto noticioso. É possível constatar que esses sujeitos/alunos identificam as categorias específicas do texto noticioso propostas por van Dijk e, inclusive, as contextualizam. Observem:

“A *manchete* (Câmara adia de novo lei antinepotismo) é o título da matéria. A *manchete* está sempre acima da notícia”.

O *lead* também é explicitado pelos alunos que respondem as perguntas básicas: o que, quando e por que. Eles esquecem de responder a pergunta quem.

É interessante a forma como esses sujeitos/alunos se referem ao segundo parágrafo dizendo “No segundo parágrafo está o *contexto* que ajuda no *evento principal* que é a *manchete*”. Isso vai ao encontro das concepções tanto de van Dijk (1990), quando afirma que a macroestrutura explicita a estrutura temática semântica global do texto, quanto de Silva (1988) que diz ser a macroestrutura “o resumo do resumo”, isto é, o *evento principal* da notícia aparece no seu título, como temática central, constituindo-se no resumo de todo o texto em si.

Novamente se repete nesta análise o mesmo problema cometido pelos outros sujeitos/alunos que é o fato de ao tentarem identificar as categorias *avaliação* e *expectativas* as confundem com a categoria *reações verbais* dos atores envolvidos com o fato principal da notícia explicitadas no corpo do texto através do discurso direto. Observem:

““Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta, ou um limite que seja tolerável pela sociedade”, afirmou o líder do PSDB, Aécio Neves (MG).” (3º parágrafo)

E,

““A questão está sendo discutida em clima emocional. Não podemos punir parente pelo simples fato de sê-lo”, afirmou o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), que defende a proposta alternativa (...) para o cargo”. (4º parágrafo)

Vemos que realmente o conteúdo das assertivas desses políticos no primeiro caso é uma expectativa e no segundo há um comentário avaliativo; porém isso na classificação de van Dijk entra na categoria *reações verbais* porque não são do autor da notícia.

A categoria *eventos prévios* é localizada no quinto parágrafo; mas nele há também uma informação de *contexto* que foi esquecida e é a informação da resistência dos deputados em aprovar a proibição do nepotismo.

Quanto ao sexto parágrafo que prossegue com os *eventos*, neste momento *eventos* são entendidos pelos alunos como sendo os atos dos deputados (deveriam votar 6 dispositivos e no entanto votaram apenas um), portanto como o resultado do *evento principal*, como a *consequência* deste. Esta categoria foi bem compreendida por estes sujeitos, porém faltou complementarem que também são informações de *contexto situacional*.

S2 e S4 esquecem de mencionar que esta notícia possui o que os jornalistas chamam de “linha fina” ou “olho” da matéria que segundo van Dijk chama-se *manchete menor* e que neste texto noticioso vem acima da *manchete principal*.

3.2.4.5 - Análise de S3 e S5 – T1'

MANCHETE ⇒ “Câmara adia de novo lei antinepotismo”. É o título da matéria. Estratégia obrigatória que serve para chamar a atenção do leitor para a notícia.

LEAD ⇒ Texto introdutório. É o primeiro parágrafo do texto. O Evento Principal deve ser a frase que abre a notícia. Neste texto está na segunda frase – é a decisão dos líderes dos partidos de adiar a votação do item da lei antinepotismo.

BACKGROUND ⇒ É a informação que fornece o contexto social, político ou histórico. Neste caso é o segundo parágrafo do texto, que explica o motivo da votação.

COMENTÁRIOS/EXPECTATIVAS ⇒ São as declarações dos participantes imediatos. Neste texto são o terceiro e o quarto parágrafos, que apresentam declarações de políticos envolvidos.

CONTEXTO ⇒ Engloba as informações sobre a situação global na qual está inserido o *Evento Principal*. São os dois últimos parágrafos que explicam a posição dos políticos em relação à lei antinepotismo.

3.2.4.6 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Estes sujeitos também localizam com muita propriedade a categoria *manchete*, afirmando que é uma estratégia obrigatória para chamar a atenção do leitor para a notícia. Segundo van Dijk (1990) é uma estratégia dirigida aos processos cognitivos de percepção e atenção porque seu tamanho e posição atraem o olhar do leitor. Curiosamente, estes sujeitos também esquecem de mencionar a *manchete menor* que aparece acima da *manchete principal*. Acreditamos que isso ocorreu pelo fato de esta não ser mencionada no esquema proposto por van Dijk.

Quanto ao *lead*, há um pequeno problema. O *lead* é o texto introdutório da notícia que normalmente apresenta o *evento principal*, porém o *evento principal* nem sempre deve ser a frase que abre a notícia como os alunos mencionam e dizem que neste texto está na segunda frase. Ora, se a primeira oração diz que “Deverá ficar para depois do Carnaval a votação do dispositivo da emenda da reforma do Judiciário que proíbe o nepotismo (contratação de parentes)”, já está subentendido que a votação foi adiada. Esta é uma informação que os alunos não conseguiram depreender e se equivocaram quanto ao *evento principal*, pois este geralmente está inserido no *lead* mas não necessariamente na primeira frase. Na verdade, na primeira oração a informação principal vem de forma implícita e na segunda oração vem de forma explícita. Esses sujeitos não identificaram as informações básicas que compõem o *lead*.

O *background* foi localizado no segundo parágrafo como sendo a informação que fornece o *contexto* político, o qual explica o motivo da votação.

A categoria *comentários/expectativas* também aparece equivocadamente nesta análise como sendo as declarações dos participantes imediatos ao fato principal. Isso seria segundo van Dijk (1990) *reações verbais* decorrentes do evento principal.

Sobre a categoria *contexto*, os sujeitos localizam-na no quinto e sexto parágrafos, porém faltou mencionarem que no quinto parágrafo além do *contexto* se encontram *eventos prévios* (pesquisa feita pela *Folha* em outubro).

3.2.4.7 - Análise de S1, S6 e S7 (m) – T1'

A *manchete* dessa matéria é “Câmara adia de novo lei antinepotismo”. O *lead*, no primeiro parágrafo, é “deverá ficar para depois do carnaval a votação do dispositivo da emenda da reforma do judiciário que proíbe o nepotismo (contratação de parentes)”. Esse é o *evento principal*, que gera a notícia: a adiação. O primeiro parágrafo mostra o que (a votação), o que aconteceu (foi adiada para depois do carnaval), além de mostrar, nas frases seguintes, que a lei antinepotismo é uma das últimas coisas que serão votadas pelos deputados.

O segundo parágrafo mostra um *evento prévio*: os deputados pretendiam modificar a redação da deputada Zulaiê Cobra, antes de aprovar a lei, para permitir uma cota para a contratação de parentes. O terceiro parágrafo mostra as *expectativas* do líder do PSDB Aécio Neves: “Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta ou um limite que seja tolerável pela sociedade”.

O quarto parágrafo começa com um *comentário* de avaliação do líder do PFL, Inocêncio Oliveira. “A questão está sendo discutida em clima emocional. Não podemos punir parente pelo simples fato de sê-lo”. A frase seguinte, do mesmo parágrafo, também é uma *avaliação* feita por Inocêncio: “Se vai receber DAS (cargo em comissão), tem de ter curso superior”.

Algumas informações sobre a situação na qual está inserido o *evento principal* (*contexto*) podem ser encontradas no quinto parágrafo. Ele fala sobre a relutância dos

parlamentares em proibir o nepotismo, e mostra números de quantos parentes foram contratados no ano passado. Mais dados sobre o *contexto* estão no sexto e último parágrafo, que conta o que foi feito ontem pelos deputados da Câmara, durante a votação da reforma.

3.2.4.8 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Nesta análise os sujeitos/alunos identificam a *manchete*, porém quando se referem ao *lead* dizem que está no primeiro parágrafo citando apenas a frase introdutória e já localizando o *evento principal*. Dando continuidade ao texto dizem que o primeiro parágrafo mostra o que aconteceu e não mencionam demais informações do *lead* que se encontram neste primeiro parágrafo como, por exemplo, quem (os deputados) quando (ontem/08/02/00), por que (pretendem modificar a redação da lei), onde (Brasília).

Ao ministrar as aulas constatou-se que a maioria dos alunos não lembrava exatamente o que o *lead* deve responder. No momento de fazer as análises alguns perguntavam à professora-pesquisadora quais eram as perguntas que devem responder ao *lead* para lembrar, e anotavam.

No segundo parágrafo esses sujeitos/alunos entendem a proposta dos deputados de modificar a redação da lei elaborada pela deputada como sendo um *evento prévio* e no entanto, o segundo parágrafo demonstra uma informação de *contexto*, pois explica o motivo pelo qual a votação deve ser adiada, é uma informação global, na qual está inserido o evento principal – antecedentes presentes.

Quanto ao terceiro e quarto parágrafos, novamente os alunos se equivocam dizendo que o terceiro parágrafo mostra as expectativas do deputado Aécio Neves e que o quarto parágrafo inicia com um comentário de avaliação do líder do PFL, Inocêncio Oliveira. Na verdade, o que esses deputados relatam através do discurso direto deve ser considerado segundo os postulados de van Dijk como a categoria *reações verbais*, pois esta informa as declarações rotineiras dos participantes imediatos e dos principais políticos nacionais e internacionais que pretendem comentar ou dar opiniões sobre os eventos da notícia que decorrem do *evento principal*.

A categoria *comentários* subdividida em *expectativa* e *avaliação* deve ser considerada apenas quando for do autor do *relato jornalístico* e não de pessoas envolvidas com o fato principal.

Já como informação de *contexto* estes sujeitos/alunos mencionam os dois últimos parágrafos (quinto e sexto), no entanto o quinto parágrafo inicia com uma informação de

contexto e após demonstra um *evento prévio* (a pesquisa da *Folha*). O sexto parágrafo realmente traz informação de *contexto*, ao dizer que a Câmara deveria votar mais seis dispositivos da reforma e no entanto até o seu fechamento os deputados haviam aprovado apenas uma modificação no texto.

Nesta análise de S1, S6 e S7 novamente a *manchete menor* não é mencionada.

3.2.5 - TERCEIRA ATIVIDADE

3.2.5.1 - Preliminares

A terceira atividade diz respeito à reescritura do texto de outro articulista que em cada turma será o mesmo texto (T1') já trabalhado na segunda atividade (análise do texto de outro articulista). Nesta turma, o T1' é "Câmara adia de novo lei antinepotismo" retirado da *Folha de S. Paulo*, do dia 09/02/00. Essa terceira atividade foi realizada pelos sujeitos/alunos individualmente para observarmos se ocorreu alguma mudança na escritura dos seus textos de posse deste *novo* conhecimento – o *Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso* e sua *Teoria da Superestrutura da Notícia*.

Como critérios de análise, selecionamos três textos reescritos pelos alunos em cada turma em que observamos a *informatividade*, entendida como a capacidade que um texto tem em apresentar ao seu receptor/leitor informações novas e inesperadas, (van Dijk, 1990); observamos, também, a *estrutura da relevância* que indica ao leitor qual informação é mais importante ou proeminente no texto, (cf. van Dijk, 1990 e Sperber & Wilson, 1995).

Nas turmas 0383B e 0383C procederemos da mesma forma.

A terceira atividade constitui-se em:

Dê nova redação à notícia: "Câmara adia de novo lei antinepotismo" (T1')²⁶

Para que haja uma maior compreensão das análises, segmentamos este texto em sua microestrutura, a partir de seqüências de frases (Sq), agrupadas por unidades de sentido (parágrafos).

²⁶ Este é o mesmo *texto dado* da segunda atividade (T1'), no qual já foram reconhecidas as categorias propostas por van Dijk, por isso não o digitaremos novamente. O texto 1' está na p. 68-69.

3.2.5.2 - Segmentação do texto 1'

1º parágrafo

Sq1: “Deverá ficar para (...) (contratação de parentes).”

Sq2: “Ontem, os líderes (...) por último.”

Sq3: “Deputados querem (...) votar o texto.”

2º parágrafo

Sq4: “A proposta é modificar (...) de parentes.”

3º parágrafo

Sq5: “Vamos ganhar tempo para (...) emenda.”/ “Vamos (...) claros.” / ‘Ou a vedação absoluta ou (...) sociedade’ – afirmou o líder do PSDB, Aécio Neves (MG).”

Sq6: “O PSDB apóia (...) o nepotismo.”

4º parágrafo

Sq7: “‘A questão está (...) emocional’. / ‘Não podemos (...) sê-lo, afirmou o líder (...) com habilitação para o cargo.’”

Sq8: “‘Se vai receber (...) superior, afirmou Inocêncio.’”

5º parágrafo

Sq9: “Parlamentares resistem (...) Nepotismo.”

Sq10: “Na Câmara, 186 deputados (...) da Casa.”

6º parágrafo

Sq11: “Ontem, a Câmara (...) reforma.”

Sq12: “Até o fechamento (...) no Supremo Tribunal Federal.”

3.2.5.3 - Seqüências de frases e proposições

As seqüências de frases de cada parágrafo foram transformadas em proposições (P) a partir da redução de informação semântica obtida por inferências de conhecimentos

armazenados na memória de longo prazo da professora-pesquisadora. Essas proposições são os tópicos ou as macroestruturas do texto 1'. Vejamos:

3.2.5.4 - Texto 1' "Câmara adia de novo lei antinepotismo"

P1: O adiamento pela câmara da votação da lei que proíbe o nepotismo.

P2: Modificar a redação da lei elaborada pela deputada Zulaiê Cobra (PSDB – SP).

P3: Declaração do deputado do PSDB, Aécio Neves apoiando a deputada.

P4: Declaração do líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE) defendendo uma proposta alternativa para a lei.

P5: Resistência dos parlamentares na aprovação da lei.

P6: Lentidão na votação para que o advogado-geral da União possa entrar com recursos no Supremo Tribunal Federal.

3.2.5.5 - Reescritura: S7 – T2

Votação da lei antinepotismo é adiada novamente

1º) A Câmara de Deputados adiou mais uma vez a votação da emenda da lei que proíbe o nepotismo (contratação de parentes), dentro da reforma do Judiciário. Deputados e líderes de partidos acreditam que é preciso mudar alguns pontos e chegar a um consenso a um acordo antes de votar o texto. Atualmente, 186 deputados empregam 315 parentes, de acordo com levantamento feito em outubro passado.

2º) A proposta seria permitir a contratação de parentes dentro de uma cota, mudando o texto original da deputada Zulaiê Cobra (PSDB – SP), a relatora do projeto. O líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG), afirma que a escrita da lei não pode ser duvidosa. "Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta ou um limite que seja tolerável pela sociedade". O deputado diz que o PSDB apoia o texto da relatora.

3º) O deputado Inocêncio de Oliveira (PE), líder do PFL, defende modificações na lei. Para o deputado, até dois parentes poderiam ser contratados, desde que tenham habilitação para o cargo. "Se vai receber um DAS (cargo em comissão), tem de ter curso superior". Oliveira afirmou que a questão está sendo discutida em clima emocional, e a aprovação da lei no estado atual poderia punir uma pessoa pelo parentesco.

3.2.5.6 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Partindo do pressuposto de que todo jornalista ao escrever seu texto já possui um objetivo bem definido – a intenção de informar e que a *informatividade* é a capacidade que um texto tem em apresentar informações novas ao leitor – observamos no texto 2, produzido

por S7, a manutenção da temática usada no *texto original/dado* (de outro articulista) “o adiamento da votação da lei antinepotismo”, como sendo a informação nova, a informação relevante para o leitor.

Curiosamente, S7 não se refere à *manchete menor* que é chamada pelos jornalistas de “linha fina” (REFORMA DO JUDICIÁRIO Item da emenda que regulamenta a contratação de parentes deve ser votado após o Carnaval), e que está acima da *manchete principal* (Câmara adia de novo lei antinepotismo) no *texto dado*.

O *texto original/dado* é estruturado em seis parágrafos, porém, S7 reduz essas informações a três parágrafos, inferindo macroproposições redutivas, isto é, ele seleciona os dados relevantes de seu ponto de vista ou o do jornal, classifica-os, ordena-os, separa o oral do escrito e elabora o seu produto final.

Na estruturação de seu texto, S7 toma como fenômenos relevantes da notícia original alguns aspectos. Entre eles destaca-se a pesquisa da *Folha* que informa um *evento prévio* em relação ao fato principal e aparece no quinto parágrafo do *texto original*, no entanto no texto de S7 é incluído no primeiro parágrafo juntamente com o *lead*. Também as informações que constam no segundo e terceiro parágrafos do *texto original* são reduzidas a um único parágrafo, o segundo no texto de S7.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato de S7 eliminar toda a informação contida no sexto parágrafo do *texto original*. Com isso vê-se o *princípio da pirâmide invertida* sendo utilizado, ou seja, quando é necessário cortar alguma parte da matéria, inicia-se o corte por baixo, pois estes são considerados detalhes dispensáveis que não influenciam no corpo da matéria. Os critérios utilizados por S7 na seleção dos dados, segundo van Dijk (1996), são os que este indivíduo retém na memória episódica, após a leitura do texto original: as informações relevantes como, por exemplo, os tópicos principais de cada parágrafo que proporcionam o encadeamento lógico do que estava sendo lido, entendido e que vai ser reescrito, vai se tornar uma nova representação semântica do discurso, para isso S7 se utiliza de várias estratégias (proposicionais, de coerência local, macroestratégias, estratégias esquemáticas, etc.).

Isso vai ao encontro da *Teoria da Relevância* proposta por Sperber & Wilson (1995) quando mencionam que uma das características inerentes à cognição humana é a de que os indivíduos prestam atenção apenas a fenômenos que lhe parecem relevantes. Cabe mencionar que o relevante para um indivíduo pode não ser para outro, isso depende de n-variáveis (circunstâncias, suposições etc.) e a reescritura do texto feita por S7 marca essa diferença, pois além de eliminar todo um parágrafo do *texto dado*, este sujeito toma como relevante uma

informação contida no quinto parágrafo e a eleva a um nível superior colocando-a no *lead* de seu texto.

3.2.5.7 - Reescritura: S3 – T2

Deputados adiam votação da lei antinepotismo

1º) Os líderes dos partidos decidiram que a votação da emenda da reforma do Judiciário que proíbe o nepotismo (contratação de parentes) deverá ficar para depois do Carnaval. A votação foi adiada para modificar a redação da relatora do projeto, deputada Zulaiê Cobra (PSDB – SP), e para permitir uma cota para contratação de parentes. Segundo o líder do PSDB, Aécio Neves (MG), que apóia o texto da relatora contra o nepotismo, a intenção é de ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda.

2º) Muitos parlamentares resistem em aprovar a proibição do nepotismo. O líder do PFL, Inocêncio Pereira (PE), é a favor de uma proposta alternativa a da relatora, que permitiria a contratação de até dois parentes com habilitação para o cargo. “Não podemos punir parente pelo simples fato sê-lo. Se vai receber um DAS (cargo em comissão), tem de ter curso superior”. Na Câmara, 186 deputados contrataram 315 parentes, segundo informações oficiais da Casa, de outubro do ano passado.

3º) Os deputados aprovaram uma modificação no texto para permitir que o advogado-geral da União possa entrar com Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade) e com ADC (Ação Direta de Constitucionalidade) no Supremo Tribunal Federal, como é possível a outros parlamentares. Ontem, a Câmara deveria votar mais seis dispositivos da reforma.

3.2.5.8 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Neste texto vemos como o *princípio da relevância* afeta a estrutura final de um artigo noticioso, pois o que determina o arranjo da informação no texto são as categorias que S3 toma como relevantes e as eleva a um nível mais alto na sua escritura, hierarquizando-as. Na verdade, S3 desloca algumas informações do *texto original/dado* (o de outro articulista) como, por exemplo, as informações contidas no segundo e terceiro parágrafos que são a proposta de modificar a redação da deputada Zulaiê Cobra (PSDB – SP) e a declaração do líder do PSDB de SP, Aécio Neves. Essas informações são elevadas a um nível mais alto incorporadas ao *lead* (primeiro parágrafo do texto).

Para que ocorra esse deslocamento de informações, S3 utiliza-se de estratégias tanto cognitivas quanto lingüísticas, pois transforma o discurso direto utilizado no *texto dado* do líder Aécio Neves “Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta ou um limite que seja tolerável pela sociedade” em discurso indireto na sua escritura: “Segundo o líder do PSDB, Aécio Neves

(MG), que apoia o texto da relatora contra o nepotismo, a intenção é de ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda”.

Outro fato relevante é o de que S3 mantém na sua escritura todos os tópicos ou as macroestruturas do *texto dado* que são as proposições mencionadas no subtítulo acima: seqüências de frases e proposições.

O *texto dado* possui seis parágrafos e S3 os reduz a três mantendo os tópicos, porém alterando a hierarquia dos mesmos. Isso é possível segundo van Dijk (1990) a partir da redução da informação semântica obtida por inferências de conhecimentos armazenados na memória de longo prazo de S3. A *manchete* é considerada por van Dijk (1996) como sendo aquela que expressa o tópico mais “importante” da notícia e S3 mantém o tema original.

O processo de *sumarização*, de eleger um tópico podendo deixar de lado apenas alguns detalhes menos essenciais, em um dos extremos, ou até deixar de fora toda a informação exceto a mais relevante ou essencial, no outro extremo, é uma forma de apagamento (*macrorregra de apagamento* – reduz a estrutura de sentido complexa detalhada de um texto a um sentido de nível mais alto, mais simples, mais geral e abstrato).

Este é um processo que pode ser subjetivo por parte do sujeito que interpreta e segundo Sperber & Wilson (1995) é espontâneo, isto é, não pode ser provado, pode apenas ser confirmado. Nesse sentido, os temas ou tópicos são unidades “cognitivas” representando como o texto é compreendido, o que é considerado importante e como as relevâncias são estocadas na memória, pois crenças, atitudes e ideologias podem operar na construção e representação cognitiva de macroestruturas.

Apesar de S3 manter todos os tópicos do *texto dado* ele assim como S7 não menciona a *manchete menor* (Reforma do Judiciário. Item da emenda que regulamenta contratação de parentes deve ser votado após o Carnaval) que está acima da *manchete principal* no *texto dado*.

3.2.5.9 - Reescritura: S1 – T2

Lei Antinepotismo será votada depois do Carnaval

1º) A Câmara adiou novamente a votação do dispositivo da emenda da reforma do Judiciário que proíbe a contratação de parentes (nepotismo). Os deputados querem chegar a um acordo antes de votar o texto do dispositivo, a fim de permitir uma cota para a contratação de parentes. Ontem, os líderes dos partidos decidiram que a emenda será votada somente depois do Carnaval.

2º) “Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta ou um limite que seja tolerável pela sociedade”, afirmou o líder do PSDB, Aécio Neves. O partido apoia o

texto original da relatora do projeto, a deputada Zulaiê Costa (PSDB-SP), que proíbe o nepotismo.

3º) No ano passado, 186 deputados contrataram 315 parentes. Segundo o líder do PFL, Inocêncio Oliveira, a questão está sendo discutida em clima emocional. “Não podemos punir parente pelo simples fato de sê-lo” afirmou o deputado, que defende a contratação de até dois parentes, com curso superior, para os cargos em comissão.

4º) Ontem, dentre os seis dispositivos da reforma do Judiciário os quais estavam sendo votados, a Câmara aprovou uma modificação no texto da emenda para permitir que o advogado-geral da União possa entrar com Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade) e ADC (Ação Direta de Constitucionalidade) no Supremo Tribunal Federal.

3.2.5.10 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Neste texto, S1 mantém em sua escritura as informações contidas no *lead* do *texto dado* e introduz o motivo do adiamento da votação da lei juntamente ao *lead* elevando o nível desta informação.

Seu texto é reduzido a quatro parágrafos porém todas as informações relevantes do *texto dado*, todas as macroestruturas, são mantidas em ordem hierárquica diferenciada, comprovando os postulados de van Dijk (1990) quando menciona que os sujeitos acionam estratégias cognitivas para selecionar informações como mais ou menos relevantes.

No segundo parágrafo vemos que as *reações verbais* do deputado Aécio Neves (PSDB) vêm antes da informação de autoria do projeto que no *texto dado* aparece no segundo parágrafo.

Já no terceiro parágrafo, a informação do número de deputados que contrataram parentes é elevada às declarações do líder do PFL, Inocêncio Oliveira.

Vemos que S1, assim como S3, eleva algumas categorias a um nível mais alto na sua escritura reduzindo algumas informações e utilizando tanto estratégias lingüísticas como estratégias cognitivas para isso.

A nosso ver, tanto a *teoria da relevância* quanto a da *informatividade* estão conjuntamente ligadas, pois não há como se utilizar de uma sem a outra. Quando priorizamos uma informação, quando temos a intenção de informar x é porque isso é considerado a informação mais relevante para nós naquele momento e, conseqüentemente, para o público leitor direcionado.

Na análise dos textos dos três sujeitos (S7, S3 e S1) observamos mais ou menos os mesmos mecanismos operando interativamente. Em todos os textos a temática principal é mantida, apenas S7 elimina uma macroproposição do *texto dado*, a última que não altera a informação principal da notícia. Alguns níveis também são deslocados e elevados a um nível

mais alto. Nesse sentido, van Dijk (1996) postula que é a macrossintaxe do discurso (o ordenamento das categorias) que organiza o sentido semântico do texto noticioso como um todo. São as categorias que descrevem a forma global do discurso demonstrando ao leitor aquilo que o jornalista/autor considerou como mais relevante para a sua escritura e conseqüentemente para o receptor/leitor.

Discordando um pouco de van Dijk, entendemos que são os mecanismos da relevância (estratégias cognitivas) que subjazem à macrossintaxe do discurso noticioso e que organizam seu sentido global. É a partir da informação *x* que elegemos como a mais importante ou a mais relevante (esta estaria em um nível de abstração mais elevado do que as superestruturas) que iremos preencher as categorias vazias da superestrutura textual. Isso é o que estamos observando através das análises dos textos dos sujeitos/alunos. É a partir da estrutura temática, ou seja, do tópico principal do texto que este passa a se estruturar e preencher as categorias postuladas por van Dijk no seu esquema. O esquema, por si só, apresenta restrições; não dá conta da interação dos diversos elementos que operam simultaneamente como temas, esquemas, *princípios de relevância* e recência.

As análises dos textos mostram que o *princípio de relevância* está conjuntamente ligado ao tema, pois é a partir do contexto selecionado pelo indivíduo como o mais relevante, e essa seleção é natural e guiada pela busca da *relevância* no processo de informação que se elege o tema principal do discurso noticioso. É claro que essa seleção é de natureza cognitiva, envolvendo a memória de longo prazo do indivíduo, suas habilidades perceptuais e cognitivas, seus scripts e modelos.

Com isso, vê-se que há um nível de abstração mais elevado operando no momento de seleção da informação pelo indivíduo, e este nível a nosso ver compõe-se de estratégias de condições mais gerais, condições partilhadas (valores do indivíduo ou da instituição, scripts, ideologias) e é a partir destes elementos que fazem parte da *relevância* que se organiza a unidade semântica global do texto noticioso, conseqüentemente, sua forma, seu esquema, seu ordenamento *top-down*, isto é, de cima para baixo obedecendo a hierarquias.

Prosseguindo com a pesquisa o próximo capítulo apresentará o corpus da turma 0383B e a análise do experimento.

CAPÍTULO – 4

O CORPUS E A ANÁLISE DO EXPERIMENTO

4.1 – Preliminares

Para essa turma será adotado o mesmo procedimento da turma 0383A. Primeiramente apresentaremos o texto 1 (T1) produzido pelos alunos, a seguir sua análise sobre esse texto e após os comentários analíticos da professora-pesquisadora segundo as teorias propostas por van Dijk (1990; 1996).

4.2 – TURMA 0383B – CORPUS

4.2.1 PRIMEIRA ATIVIDADE

Sujeito 1 (f) – Texto 1

CPI CONVOCARÁ XYZZ

1º) O deputado XYZZ (PFL – SC) será convocado pela CPI do Narcotráfico de drogas no Estado. A CPI decidiu interrogar XYZZ depois de o número do tele-denúncia ter recebido 40 telefonemas anônimos que apontam o deputado como suposto acobertador da distribuição de drogas em Santa Catarina.

2º) As denúncias informam que o deputado favorecia a circulação de drogas em troca de dinheiro do tráfico para o financiamento de suas campanhas. A presidente da CPI estadual, XXWW (PMDB –SC), observou que ninguém tem provas de que as denúncias sejam verdadeiras. “Tudo precisa ser investigado”, disse a deputada. “Como várias pessoas citaram o deputado, decidimos convidá-lo para dar sua versão”, comentou.

3º) XXWW não quis comentar os detalhes das denúncias contra o deputado XYZZ alegando que isso poderia comprometer o trabalho da CPI. Amanhã a CPI irá se reunir para definir a data do depoimento. XXWW garante que XYZZ deve comparecer à CPI em breve para responder às perguntas dos deputados. “Vamos organizar a forma de investigação depois de ouvir o deputado”, esclareceu.

4º) XYZZ disse não estar a par das denúncias que envolvem seu nome com o crime organizado. “Não sei de nada. Vocês da imprensa é que estão me informando sobre isso”, declarou o deputado. Quando perguntado sobre seu suposto envolvimento com o narcotráfico, XYZZ respondeu que as denúncias são mentirosas. “Denúncias anônimas não provam nada. Não sou nenhum criminoso, sou um político conhecido”. O deputado garante que vai aguardar o chamado para se explicar à CPI. “Deveriam também procurar as pessoas que me denunciaram, se é que elas existem”, sugeriu.

5º) O deputado não quis dizer que foram as pessoas que doaram recursos para sua campanha eleitoral. “Todos contribuíram por igual eu posso esquecer do nome de alguém, o TRE pode esclarecer de onde vieram os recursos e quanto custou a minha campanha”. O deputado garantiu que não houve nenhuma irregularidade. “Todos os partidos têm direito a receber dinheiro de simpatizantes dentro das cotas estabelecidas pela Justiça Eleitoral”, destacou. XYZZ disse ser favorável às investigações da CPI. “A luta contra drogas é muito importante”.

6º) Em uma semana de investigações, a Assembléia Legislativa recebeu 250 denúncias relacionando aproximadamente 100 pessoas com o tráfico de drogas. Indícios de que a rede nacional do tráfico teria ramificações em Santa Catarina levaram à instalação da CPI do Narcotráfico no Estado.

4.2.1.1 - Análise S1 – T1

De acordo com o teórico van Dijk, a *manchete* (título) introduz a notícia e, como é o tema principal da notícia, serve para chamar a atenção do leitor. Isso se verifica no texto, com a *manchete*: “CPI Convocará XYZZ”.

Em segundo lugar, seguindo o esquema de van Dijk, vem o *lead*, que expressa o fato de maior importância no contexto da notícia. Muitas vezes, de acordo com o teórico, o *lead* ou primeiro parágrafo repete a proposição ou tema da manchete. No texto, o *lead* é: “o deputado XYZZ (PFL – SC) será convocado pela CPI do narcotráfico para prestar esclarecimentos sobre denúncias que relacionam seu nome com o tráfico de drogas no estado. A CPI decidiu interrogar XYZZ depois de o número do tele-denúncias ter recebido 40 telefonemas anônimos que apontam o deputado como suposto acobertador da distribuição de drogas em Santa Catarina”.

A próxima etapa é o *relato jornalístico*, que nada mais é do que a narração de forma coerente dos fatos que fazem parte da notícia. O *relato jornalístico* é formado por duas categorias: *episódio* e *comentários*. O texto apresentado não contém *comentários*, que são opiniões do jornalista quanto ao *episódio*, o *evento principal* ou o fato em si figura como componente que desenvolve o assunto do *lead*. O *evento principal* do texto é: “As denúncias informam que o deputado favorecia a circulação de drogas em troca de dinheiro do tráfico para o financiamento de suas campanhas. A presidente da CPI Estadual, XXWW (PMDB - SC), observou que ninguém tem provas de que as denúncias sejam verdadeiras”. Ainda na categoria “*eventos*”, aparece o que van Dijk chama de *background*; subdividido em *história*, que se refere aos acontecimentos do passado que se relacionam indiretamente ao *evento* e *circunstância*, que engloba informações sobre a situação e antecedentes que geraram a notícia. No texto, a *história* verifica-se no trecho: “Em uma semana de investigações, a Assembléia Legislativa recebeu 250 denúncias relacionando aproximadamente 100 pessoas com o tráfico de drogas. Indícios de que a rede nacional do tráfico teria ramificações em Santa Catarina levaram à instalação da CPI do narcotráfico no Estado”. Já as *circunstâncias* no texto são citadas logo no *lead*.

Por fim, aparecem as *reações verbais*, que na divisão do teórico fazem parte das *consequências/reações*. As declarações das fontes transcritas no texto são as *reações verbais*.

O texto é basicamente formado por essas *reações verbais* já que as denúncias não estão comprovadas. Algumas delas são: “Tudo precisa ser investigado”, “como várias pessoas citaram o deputado, decidimos convidá-lo para dar sua versão”, “não sei de nada, vocês da imprensa é que estão me informando sobre isso”, “denúncias anônimas não provam nada”.

O que se percebe com a teoria de van Dijk é que suas hipóteses são facilmente verificáveis no texto. O que às vezes difere é a ordem dos termos. Mesmo assim, a nomenclatura do teórico é bem detalhada e se aplica ao texto pronto de uma forma que pode ser logo observada.

4.2.1.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Este sujeito/aluno reconhece algumas das categorias específicas da notícia postuladas por van Dijk em seu texto e se equivoca em outras. Primeiramente cita a *manchete* conceitualizando-a e explicitando-a perfeitamente.

A seguir, S1 refere-se ao *lead* dizendo que este expressa o fato de maior importância no contexto da notícia, explicitando-o na íntegra, porém não menciona o fato de o *lead* responder as perguntas básicas como, por exemplo, o que: CPI convocará XYZZ; quem: XYZZ; quando: 22/03/00; por que: Ocorreram denúncias na CPI do narcotráfico envolvendo o nome do deputado XYZZ; onde: Assembléia Legislativa no estado de Santa Catarina.

Dando continuidade a sua análise, S1 refere-se ao relato jornalístico como sendo “a narração de forma coerente dos fatos que fazem parte da notícia”; na verdade há um equívoco, pois a notícia não é exatamente a narração de um acontecimento mas sim uma exposição de fatos, de preferência fatos novos. Normalmente confunde-se narração com relato, porém o próprio van Dijk postula a categoria como *Relato Jornalístico* e a subdivide em *episódio* e *comentários*. S1 explicita a categoria *comentários* dizendo que o texto não a possui. Quanto ao *evento principal* o situa como sendo as denúncias que envolvem o nome de XYZZ com o narcotráfico. No entanto, o *evento principal* seria a convocação pela CPI de XYZZ e as denúncias seriam o *evento prévio*, pois ocorreram antes do *evento principal* constituindo-se na causa deste.

Quando S1 menciona a categoria *background* subdividida em *história* e *circunstâncias* há outro equívoco em sua interpretação, pois S1 entende a subcategoria *história* como sendo os antecedentes que geraram o *evento principal*. Na verdade, o que S1 entende como subcategoria *história* seria a subcategoria *eventos prévios* que são os acontecimentos que ocorrem antes do *evento principal*. O que ocorreu antes do *evento principal* no texto 1 foram as 250 denúncias recebidas pela Assembléia Legislativa e entre elas um número significativo

envolvendo o nome do deputado XYZZ e é isso que gerou o *evento principal* da notícia – a convocação de XYZZ pela CPI do Narcotráfico.

Quanto à categoria *reações verbais*, esta é bem compreendida e explicitada por S1. Ao final de sua análise este sujeito/aluno faz algumas observações sobre a teoria de van Dijk, entre elas ressalta que a ordem das categorias às vezes difere da ordem postulada por van Dijk no seu modelo confirmando o que o próprio teórico menciona, pois a ordem das categorias no corpo do texto pode diferir de cultura para cultura, de jornalista para jornalista e de jornal para jornal.

S1 ainda menciona que a nomenclatura do teórico é bem detalhada e de fácil observação no texto noticioso. Constatamos, porém, alguns equívocos por parte de S1 na sua interpretação analítica conforme podemos verificar. Surpreendeu-nos, por exemplo, o fato de S1 compreender a diferença entre a categoria *reações verbais* e *comentários* fato que até então nas análises da turma 0383A não havia ocorrido.

A respeito da macroestrutura do texto 1, entendendo macroestrutura como produto de processos inferenciais redutivos, ou seja, processos que reduzem informações de um texto transformando-o em uma mensagem comunicativa essencial temos, como exemplo, o título do texto 1: “CPI convocará XYZZ”. Prosseguindo, observamos que a relação entre o fato principal que é a convocação de XYZZ e as demais proposições estão inter-relacionadas, garantindo uma unidade semântica ao texto como um todo. Para maior explicitar essa relação, vejamos as proposições que formam a macroestrutura do texto 1 de S1:

P1 – XYZZ é convocado pela CPI do Narcotráfico após denúncias envolvendo seu nome.

P2 – Comentário da presidente da CPI, XXWW (PMDB – SC), alegando que não há provas de que as denúncias sejam verdadeiras.

P3 – Reunião da CPI para definir a data do depoimento de XYZZ.

P4 – Declarações de XYZZ defendendo-se.

P5 – As 250 denúncias envolvendo 100 pessoas com o tráfico de drogas levaram a Assembléia Legislativa a instalar uma CPI no Estado de Santa Catarina.

S1, assim como os demais sujeitos da turma 0383A, não tem problemas na estruturação de seu texto em relação aos aspectos globais, à estrutura temática, à coerência, conforme as proposições acima confirmam – há um encadeamento lógico entre as idéias.

Já a respeito do reconhecimento das categorias específicas da notícia, de um modo geral, o que estamos observando até o momento são problemas referentes à categoria *comentários* que vêm se repetindo, felizmente S1 a compreendeu.

4.2.2 - Sujeito 2 (f) – Texto 1

XYZZ na CPI do Narcotráfico

1º) A CPI do Narcotráfico deve convocar o deputado XYZZ (PFL) para depor na comissão que foi instalada há uma semana na Assembléia Legislativa. O deputado será convidado a prestar esclarecimentos sobre as denúncias que envolvem o seu nome com o tráfico de drogas no estado. As acusações partiram de um serviço de tele-denúncias instalado pela Assembléia. O nome do deputado foi citado 40 vezes, sempre pelo mesmo motivo. O deputado estaria acobertando o tráfico de drogas para arrecadar fundos para campanhas.

2º) A comissão se reúne amanhã para definir a data para XYZZ depor. Segundo XXWW, “seria muito em breve”. A suspeita da CPI é que Santa Catarina faça parte das redes nacional e internacional de distribuição de drogas por ser uma “rota favorável”. XYZZ estaria usando o “prestígio” que tem para acobertar o tráfico e com isso garantir fundos de campanha.

3º) O serviço de tele-denúncias já recebeu 250 telefonemas, sendo que 40 deles citam o nome de XYZZ. As acusações envolvem 100 pessoas entre deputados e chefes de governo. A CPI achou os números muito altos e resolveu convocar o deputado para depor na comissão. Segundo a presidente da CPI, deputada XXWW (PMDB) “não existem provas concretas, mas há indícios de que ele esteja envolvido. Todas as denúncias estão sendo investigadas”, disse.

4º) XYZZ afirma que não está sabendo da convocação. “Eu sou honesto, de uma família renomada e não sou criminoso. Acredito que a CPI é muito importante porque o combate às drogas é fundamental”, afirmou o deputado. XYZZ se defende dizendo que o dinheiro para suas campanhas vem de fundos do partido e que não recebe dinheiro de ninguém.

4.2.2.1 - Análise S2 – T1

Segundo o esquema de análise de Van Dijk, a *manchete* vem em primeiro lugar. Assim como na análise, no meu texto a *manchete* veio no início da matéria. Para chamar a atenção e para resumir o fato. A *manchete* é: XYZZ na CPI do Narcotráfico. Logo a seguir pelo esquema do técnico, vêm o *lead* que é composto pela pergunta o que, quando, onde, porque e como. No meu texto essas partes ficaram assim identificadas: o fato (o que) é que a CPI do Narcotráfico deve convocar o deputado XYZZ (PFL) para depor na comissão; o lugar (onde) é onde a comissão funciona, ou seja a Assembléia Legislativa; o motivo (porque) é que existem denúncias que comprometem o deputado; a pergunta “como” é identificada pelo fato de que XYZZ deve depor na comissão;

O tempo não ficou muito bem identificado no *lead*, mas ele aparece no sub-lead quando aparece a estrutura: a CPI se reúne amanhã para definir a data do depoimento. O episódio se divide em *eventos* e *conseqüências* e *reações*. O *evento principal* na minha notícia é o fato de que a partir de denúncias anônimas há suspeitas de que XYZZ esteja envolvido com o tráfico de drogas no Estado. O esquema de Van Dijk inclui a categoria *comentário*.

Mas, a notícia está incluída numa classe de texto onde não pode haver *comentários*, ou seja deve ser uma matéria isenta de opiniões e comentários. As *consequências* identificadas no texto é que as denúncias levaram a CPI a convocar o deputado para prestar esclarecimentos à comissão.

Já as *reações* vêm do deputado quando numa *reação verbal* ele se defende e diz que não é culpado. Van Dijk caracteriza *background* como o pano de fundo da notícia, embora eu não tenha conseguido identificar exatamente essa categoria na minha notícia eu acredito que o “pano de fundo” seja o que o deputado acoberta o tráfico para conseguir dinheiro para financiar suas campanhas. Essa é uma informação que está meio implícita na notícia. As *reações verbais*, geralmente, estão presentes na notícia. Nesse caso há declarações do tipo: “Eu sou honesto, de uma família renomada e não sou criminoso. Acredito que a CPI é muito importante porque o combate às drogas é muito importante”.

A categoria *eventos e atos* para mim já está inserida em outras como: *evento principal*, *consequência* e *reações*. Com outra categoria a de *história* segue o mesmo conceito, ou seja é um resumo do que aconteceu e está inserida no *lead*. As *circunstâncias* são o que levaram o deputado a ser convocado pela CPI, ou seja um serviço de denúncias anônimas que dizem que o deputado está acobertando o tráfico de drogas no estado. Os *eventos prévios* não existem nessa notícia porque é um fato novo que não se relaciona há um outro fato anterior.

4.2.2.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

S2 ao fazer o reconhecimento das categorias propostas por van Dijk (1990; 1996), em seu texto, identifica muito bem tanto a *manchete* quanto o *lead*, explicitando-as, mas, na análise do *lead*, o sujeito/aluno esquece de responder a pergunta quem? Os demais elementos (quando, como, por que, o que) são preenchidos. Após refere-se ao *episódio*, ao *evento principal* de seu texto e, ao contrário de S1 que não conseguiu identificar com precisão o fato principal de seu texto noticioso, confundindo-o, S2 o identifica facilmente através das respostas às perguntas que compõem o *lead*.

Dando continuidade à análise, S2 refere-se ao sublead do texto noticioso, categoria não mencionada no esquema de van Dijk que no texto 1 de S2 identifica o tempo respondendo a pergunta quando do *lead*.

Nesta análise observa-se que S2 entendeu perfeitamente a categoria *comentários* como proposta por van Dijk, dizendo que o texto noticioso está incluído numa classe de texto onde não podem haver comentários; é claro, pois neste experimento constatamos que os alunos do Curso de Jornalismo da UFSC, nas primeiras fases, aprendem a elaborar textos noticiosos informativos. Quanto a categoria *consequências/reações* esta é bem identificada por S2 que se refere às *reações verbais* do deputado XYZZ.

A respeito do *background* que pode ser tanto *background história* quanto *background contexto*, S2 demonstra dúvida e levanta uma hipótese alegando que *background* pode ser o

fato de XYZZ acobertar o tráfico para conseguir dinheiro para sua campanha. Segundo van Dijk, *background história* seriam acontecimentos ocorridos no passado e que estão apenas indiretamente relacionados ao *evento principal* e *background contexto* são informações sobre a situação global, na qual está inserido o *evento principal*, pensamos que S2 relacionou sua hipótese ao contexto situacional o que pode ser aceitável.

S2 demonstra que as categorias não são puras, que podem estar mescladas uma a outra como, por exemplo, cita o *lead* que normalmente apresenta o *evento principal* e *background história*. Neste momento, S2 se equivoca confundindo *background história* com *background contexto*, pois é o segundo que se apresenta no *lead* de seu texto.

Quanto à categoria *eventos prévios*, S2 também a entende de maneira equivocada dizendo que *evento prévio* “é um fato novo que não se relaciona há um outro fato anterior”. Na verdade, distribuimos um texto sintetizando as categorias em sala de aula e as explicamos nas aulas expositivo-dialogadas sempre mencionando que *eventos prévios* são acontecimentos que ocorrem antes do *evento principal* e que podem constituir-se numa causa ou condição deste. No caso do texto 1 de S2, seriam as denúncias que culminaram na convocação de XYZZ a depor na CPI.

Sobre os aspectos relacionados à macroestrutura do texto 1 de S2, este texto apresenta alguns desvios na unidade temática que podem vir a dificultar a compreensão pelo leitor do texto. Inicialmente, constatamos que o leitor deve acionar estratégias cognitivas de sua memória episódica para fazer o reconhecimento dos referentes XYZZ e CPI, contextualizando-os na situação política do estado de Santa Catarina e em nível de Brasília. Caso o leitor não possua este conhecimento prévio, não identificará os referentes e não compreenderá o texto.

O texto 1 de S2, no segundo parágrafo, refere-se a XXWW: “Segundo XXWW, ‘Seria muito em breve’”. Vemos que não há identificação deste referente XXWW. Já no terceiro parágrafo ocorre a identificação: “Segundo a presidente da CPI, deputada XXWW (PMDB) ‘não existem ...’, disse.” S2 faz uma inversão pois a identificação do referente XXWW deveria vir em seu texto na primeira vez em que se refere a ela e não no parágrafo seguinte, isso não interfere a ponto de comprometer a macroestrutura global do texto. Salvo esse aspecto as demais relações concernentes à progressão temática do texto produzem uma unidade semântica para o receptor.

Vejamos as proposições que formam a macroestrutura do texto 1 de S2:

P1 – A CPI do Narcotráfico convoca o deputado XYZZ a depor, pois seu nome foi citado em um serviço de tele-denúncias da Assembléia Legislativa.

P2 – Reunião da comissão para definir a data do depoimento de XYZZ e declaração de XXWW.

P3 – Denúncias que envolvem tanto o nome do deputado XYZZ como também de outros políticos de Santa Catarina e declarações de XXWW.

P4 – Declarações de XYZZ.

Observando essas proposições vemos que o T1 de S2 possui uma unidade semântica global e o fato deste sujeito ter mencionado a identificação do referente XXWW (presidente da CPI), após ter introduzido seu nome não torna o texto ilógico a ponto de comprometer a coerência global.

Nesta análise de S2 surpreendeu-nos o fato deste sujeito/aluno ter compreendido a categoria *comentários* como proposta por van Dijk porque na turma 0383A os alunos não a compreenderam. No entanto, S2 se equivoca no reconhecimento da categoria *background história* confundindo-a com *background contexto*.

4.2.3 - Sujeito 3 (f) – Texto 1

XYZZ terá que se explicar à CPI do Narcotráfico

1º) O deputado estadual XYZZ (PFL) vai ser convocado à prestar depoimento na CPI do Narcotráfico por ter seu nome envolvido em acusações anônimas feitas pelo tele-denúncias. A presidente da CPI, XXWW (PMDB), disse que a convocação se justifica porque o número de ligações envolvendo XYZZ somam um número significativo. “O serviço recebeu até então 250 denúncias anônimas pelo telefone e o deputado do PFL foi citado em 40 delas, o que não é um número desprezível” explica. Segundo ela, as acusações apontam o deputado como acobertador da distribuição de drogas no estado de Santa Catarina. Em troca disso ele estaria recebendo dinheiro do Narcotráfico para bancar suas campanhas políticas.

2º) XXWW avisou não poder antecipar mais detalhes referentes ao teor das denúncias antes do deputado depor, pois não existem provas – os telefonemas são apenas indícios, e não há nada de concreto para acusá-lo. “Será um procedimento de rotina e dependemos dele para saber se temos como levar o caso adiante”, ressalta a presidente. A convocação ainda não foi feita em caráter oficial e amanhã a CPI se reúne para determinar a data do depoimento. “Em breve o deputado será convocado para os devidos esclarecimentos”, garante XXWW sem dar previsão da data.

3º) Ao ser procurado pela Imprensa o deputado XYZZ (PFL), filho do político XYWZ (PFL), se mostrou surpreso e disse não saber de nada. “Não tenho a mínima idéia do que se trata, e não vou ficar respondendo à ligações anônimas. Pessoas que não tem coragem de dizer o nome não devem ser consideradas”, respondeu ele.

4º) Mesmo assim o deputado se defendeu das acusações e afirmou que o dinheiro das suas campanhas políticas provém de doações feitas por simpatizantes do partido e não de troca de favores com o Narcotráfico, como sugerem os telefonemas. “O TRE tem todos os dados relacionados aos gastos de minhas campanhas. Todas as doações que eu recebi foram legais, está tudo comprovado”, acrescentou.

5º) XYZZ se posicionou a favor da Instalação da CPI, e disse que se for chamado oficialmente não vai se negar a depor. “Se me convocarem eu vou, mas não tenho nada a dizer. Isso tudo é uma mentira bem grande. Nunca tive envolvimento algum com drogas. Sou um deputado conhecido e de família honrada. Quem faz esse tipo de denúncia é covarde, é mentiroso”.

6º) A CPI do Narcotráfico foi instalada há uma semana em Santa Catarina e para ajudar nas investigações foi criado o serviço de tele-denúncias, Cem nomes foram citados nos telefonemas anônimos e o nome de deputado estadual XYZZ foi líder em número de acusações.

4.2.3.1 - Análise S3 – T1

A *manchete* “XYZZ terá que se explicar à CPI do Narcotráfico” encabeça a matéria e é quase um resumo do texto e condiz com a proposta de van Dick – ela tem a função de chamar atenção para o texto, é o chamariz, o gancho.

A primeira frase do *lead* funciona como uma *manchete* mais detalhada, e o primeiro parágrafo resume a notícia, explicando o que aconteceu e porque. As duas perguntas podem ser respondidas só com a primeira frase. É o *episódio* contado através do *relato jornalístico*, é onde o *evento principal* é apresentado. De acordo com Van Dick o *lead* muitas vezes, repete a macroproposição de mais alto nível expressa na manchete e a abertura do *Lead* “O deputado estadual XYZZ vai ser convocado à prestar depoimento na CPI do Narcotráfico... tele-denúncias”, expressa claramente a afirmação dele. No “detalhamento” do *lead* a justificativa do fato ganhou mais relevância do que a consequência – que aliás não está presente na matéria inteira, e, foi reafirmada com o uso de declarações – ou *reações verbais*. Aliás, a justificativa é inteiramente calcada na fonte: “A presidente da CPI, XXWW disse que ...” ou “Segundo ela as acusações ...” O *relato jornalístico* que van Dick defende pode ser reconhecido apenas na primeira frase, onde é apresentado o *evento principal*.

O segundo parágrafo detalha as *circunstâncias* em que o fato vai ocorrer e explica mais a situação. O fato tinha mais força no primeiro parágrafo, no segundo parágrafo os desdobramentos mostram que a situação exposta não é tão definida quanto parece ser no *lead*, é o parágrafo do “Contexto” mesmo sem dar referências a *Eventos Prévios* ou *consequências*.

No terceiro parágrafo fica clara a *Reação* ao fato “Ao ser procurado pela Imprensa o deputado XYZZ ... se mostrou surpreso e disse não saber de nada”. “Não tenho a mínima idéia do que se trata e não vou ficar respondendo às denúncias anônimas”. É uma *reação verbal* ao fato. Assim como o terceiro parágrafo, o quarto ainda é constituído por *Reação*, “O deputado se defendeu ...”, ou talvez possa ser considerada uma consequência, no caso a defesa do deputado seria uma consequência às acusações anônimas, não sei, talvez possa ser visto desta maneira, e ainda é um desdobramento do *evento principal*.

O quinto parágrafo ainda é constituído de *Reação*, ainda relacionado ao ator envolvido com o *evento Principal*: “XYZZ ... não vai se negar a depor”. Na realidade é apenas no quarto parágrafo que se tem uma resposta objetiva do deputado às acusações.

O último parágrafo é constituído de um pequeno contexto podendo ser dispensável.

O *evento principal* ficou no *lead*, o *contexto* no segundo parágrafo, e um pouco no final, a *reação* é no terceiro parágrafo e no quarto, assim como as *consequências*. É fácil identificar os elementos definidos por van Dick. Os elementos que não foram encontrados indicaram certamente falhas na construção da notícia. Ainda há condição de se trabalhar melhor a construção do esquema desta notícia, e identificar os elementos propostos por van Dick é um exercício para Avaliação do Texto.

4.2.3.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

S3 refere-se à *manchete* como sendo o chamariz de seu texto, pois é a *manchete* que chama a atenção do leitor para o texto. É interessante o fato de S3 dizer que a *manchete* “é quase um resumo do texto” visto a *manchete* ser realmente uma macroproposição de nível mais elevado que reduz parte da informação semântica contida no texto.

Prosseguindo na sua análise, S3 refere-se ao *lead* dizendo que “funciona como uma manchete mais detalhada e o primeiro parágrafo resume a notícia, explicando o que aconteceu e porque.” Essa observação é relevante porque realmente o *lead* resume a notícia tanto que se o leitor não quiser ler o restante do texto não é necessário pois o *lead* responde as perguntas básicas quem? XYZZ; o que? XYZZ foi convocado pela CPI do Narcotráfico; por que? Por ter seu nome envolvido em acusações anônimas feitas pelo tele-denúncias. Ainda referindo-se ao *lead*, S3 menciona os postulados de van Dijk dizendo que o *lead* muitas vezes repete a macroproposição de mais alto nível expressa na *manchete* e cita como exemplo a abertura do *lead* dizendo que ela expressa a afirmação do teórico.

S3 menciona que a justificativa do fato tem mais relevância do que as *consequências* e é manifestada através de *reações verbais* da presidente da CPI, XXWW. Com isso S3 demonstra ter compreendido a categoria *reações verbais* que compõe-se das declarações de atores sobre o fato da notícia.

Dando continuidade a sua análise, S3 diz que o segundo parágrafo de seu texto noticioso refere-se ao *contexto* e que o fato tinha mais força no primeiro parágrafo que contém o *lead*. A nosso ver, isso demonstra que o *lead* é o parágrafo que sustenta a notícia. Informações que fazem parte das demais categorias propostas por van Dijk como, por exemplo, de *contexto*, *história*, *eventos prévios* e outras informações servem apenas para detalhar mais o fato principal.

Tanto no terceiro quanto no quarto parágrafos, S3 reconhece as *reações verbais* do deputado XYZZ porém, no quarto parágrafo, demonstra duas possibilidades. Primeiro diz que é uma *reação*. Realmente essa *reação* ocorre e vem bem marcada linguisticamente através do discurso direto. Vejamos: “‘O TRE tem todos os dados (...) tudo comprovado’ acrescentou”. A segunda possibilidade seria a de o conteúdo da *reação verbal* ser uma *consequência* das acusações anônimas que o deputado XYZZ recebeu. A nosso ver, isso pode ser entendido como uma *consequência* pois as categorias podem vir mescladas umas às outras.

Sobre o quinto parágrafo, S3 reconhece a *reação verbal* do deputado XYZZ e refere-se a ele como “ator envolvido com o evento principal” demonstrando ter incorporado a terminologia utilizada em sala de aula e proposta pelo teórico van Dijk.

S3 identifica no sexto parágrafo a categoria *contexto* que realmente está presente nele. A seguir menciona que esse parágrafo pode ser dispensável no texto, isso a nosso ver demonstra a marca do *princípio da pirâmide invertida* fortemente presente nos sujeitos/alunos, pois como o próprio princípio preconiza: se preciso cortar alguma parte da notícia, inicia-se o corte por baixo. Finalizando sua análise, S3 faz uma síntese das categorias relacionando-as aos parágrafos de seu texto noticioso e fala que “os elementos que não foram encontrados indicaram certamente falhas na construção da notícia” e “identificar os elementos propostos por van Dick é um exercício para Avaliação do Texto”. Na verdade, as categorias que não se fazem presentes no texto noticioso de S3 não devem ser entendidas como falhas na construção do texto. Entendemos que S3 foi bastante reflexivo nas suas colocações realizando um exercício de auto-avaliação de seu texto.

A respeito da macroestrutura do texto noticioso: “XYZZ terá que se explicar à CPI do Narcotráfico”, de S3, constatou-se que há uma relação progressiva entre o fato principal e as proposições que compõem o texto. O próprio S3, ao fazer a análise de seu texto, menciona isso ao parafrasear as palavras do teórico van Dijk “o *lead* muitas vezes repete a macroproposição de mais alto nível expressa na *manchete*” dizendo que seu texto vem a confirmar isso já na abertura do *lead*.

Constatamos que o texto 1 de S3 apresenta coerência global facilitando a leitura para o leitor. É claro que esse leitor deve acionar seus frames e scripts no momento da leitura para recuperar alguns dados como, por exemplo, o que é CPI, pois sempre aparece abreviada. Caso o leitor não decodifique essa sigla (Comissão Parlamentar de Inquérito) não saberá do que se trata.

Ao comentarmos as análises e os textos percebemos que tanto o texto 1 de S3 quanto o de S1 possuem uma unidade – suas partes se encaixam de maneira a complementar o sentido de modo que não haja nada contraditório.

Quanto ao reconhecimento das categorias do texto noticioso, S1, S2 e S3 identificam a *manchete* e o *lead* com precisão porém, nas categorias que fazem parte do corpo do texto, às vezes ocorrem problemas conceituais como, por exemplo: S1 confunde *background história* com *eventos prévios*; S2 ao interpretar a categoria *eventos prévios* se equivoca. Já S3 faz um excelente reconhecimento das categorias em seu texto demonstrando ter sistematizado esse *novo* conhecimento.

4.2.4 - SEGUNDA ATIVIDADE: Análise do texto de outro articulista (T1')

Nesta atividade também seguiremos os mesmos critérios adotados na turma anterior (T383A). Abaixo encontra-se o texto 1' "Pitta terá de devolver carros", retirado do *Diário Catarinense*, de 24/03/00 que é um texto de outro articulista. A seguir vem a análise feita pelos alunos sobre esse texto e, prosseguindo, os comentários analíticos da professora-pesquisadora, conforme a teoria de van Dijk (1990; 1996).

4.2.4.1 - Texto 1':

Pitta terá de devolver carros

Depoimento do filho do prefeito faz PPB exigir veículos de volta

SÃO PAULO

- 1º) O PPB paulista quer a devolução dos dois veículos do partido emprestados à família do prefeito paulistano, Celso Pitta (PTN). Em depoimento ao Ministério Público, o filho do prefeito, Victor Pitta, afirmou que até hoje seus seguranças usam um "Gol 1.6 de cor cinza, placas CNM-5630, de São Paulo", cedido pelo PPB. De acordo com Victor, o fato de continuar com o carro é uma evidência de que "não há nenhuma ruptura séria" entre Pitta, que desde o ano passado é filiado ao PTN, e o ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf, presidente nacional do PPB.
- 2º) O advogado do partido, Christopher Rezende G. Aguiar, foi ontem até o antigo apartamento de Pitta, onde moram a ex-mulher do prefeito Nicéa Pitta e o filho, para entregar a solicitação de imediata devolução dos dois carros de propriedade do diretório estadual do PPB.
- 3º) O pedido, endereçado ao prefeito, é assinado pelo presidente do PPB paulista, Adhemar de Barros Filho. A atitude do partido irritou Nicéa, que se recusou a devolver o veículo usado pela segurança pessoal do filho. O advogado do partido também entregou cópia do pedido de devolução dos carros na prefeitura de São Paulo.
- 4º) Segundo Nicéa, os dirigentes do PPB de São Paulo ficaram "loucos" com o depoimento de seu filho, porque não lembravam que os carros eram do PPB.
- 5º) "Eles estão subestimando a minha inteligência", afirmou ao jornal *O Globo* a ex-primeira-dama, acrescentando que é "público e notório" que o prefeito mudou de endereço e mora num flat.
- 6º) O presidente do partido em São Paulo, Adhemar de Barros Filho, admitiu que o depoimento de Victor o fez pedir os dois automóveis de volta. Segundo ele, os veículos foram emprestados ao prefeito em 1998, quando ainda não presidia a legenda. "O depoimento do filho do prefeito nos deu o ensejo, principalmente aquela interpretação sem-pé-nem-cabeça (de que os carros são a evidência de Pitta e Maluf não estão rompidos). O herdeiro da família está julgando errado", disse o presidente do PPB paulista, que classificou como incidente o fato de os carros permanecerem com Pitta, apesar de o prefeito ter trocado de partido, saindo do PPB e indo para o PTN.

4.2.4.2 – ANÁLISES DO EXERCÍCIO

Exercício: Analise essa notícia (T1') de acordo com as categorias propostas por van Dijk (1996). Esta atividade foi realizada em duplas, objetivando uma maior interação entre os alunos, na tentativa de proporcionarmos uma construção de conhecimento conjunta.

4.2.4.3 - Análise de S1 e S2 – T1'

Para o analista Van Dijk a primeira estrutura da matéria é a *manchete* e nós observamos que essa existe no texto: “Pitta terá de devolver carros”. Outra estrutura que existe no texto, mas não é citada por Van Dijk é o que nós chamamos de olho, ou pode ser entendido como subtítulo: “Depoimento do filho do prefeito faz PPB exigir veículo de volta”.

Logo a seguir encontramos no *lead* as perguntas clássicas “O que”: PPB paulista quer a devolução dos dois veículos do partido emprestado à família do prefeito paulistano. Quem: Celso Pitta e Victor Pitta; “quando”: não há citação no texto de tempo, apenas no sub-lead ele cita a estrutura onde. Onde: em São Paulo. Porque: depoimento do filho do prefeito comprometeu o partido, como: o partido exige os carros de volta.

O *evento principal* é que o advogado do partido PPB foi ontem até o antigo apartamento de Celso Pitta para entregar a solicitação da devolução dos dois carros do PPB. O *contexto* engloba as informações sobre a situação na qual está inserido o *evento principal*. No texto está citado como: “O pedido é assinado pelo presidente do PPB paulista. A atitude do partido irritou Nicéa que se recusou a devolver o veículo”. O *evento prévio* está presente no texto e cita que segundo Nicéa os dirigentes do PPB ficaram “loucos” com o depoimento de seu filho porque não lembravam que os carros são do PPB.

A história fala que o presidente do PPB admitiu que o depoimento de Victor o fez pedir os dois automóveis de volta. Segundo ele, os veículos foram emprestados ao prefeito em 98. As *reações verbais* são: “Eles estão subestimando a minha inteligência”, afirmou a ex-primeira dama. “O depoimento do filho nos deu o ensejo, principalmente aquela interpretação sem pé nem cabeça. O herdeiro da família está julgando errado”, disse o presidente do PPB.

4.2.4.4 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Esses sujeitos/alunos identificam a *manchete* como sendo a primeira estrutura do texto noticioso e também mencionam o “olho” que é o subtítulo do texto alegando que van Dijk não o inclui no seu esquema. Na verdade, no esquema de categorias proposto por van Dijk, como específicas do texto noticioso, não há referência ao subtítulo. No entanto, em sua obra *La noticia como discurso* (1990), ao teorizar o texto noticioso, o teórico refere-se ao subtítulo como sendo a *manchete menor* e esse conhecimento não foi mencionado nas aulas ministradas aos alunos por não fazer parte do esquema.

Dando prosseguimento à análise, os alunos mencionam o *lead*, respondendo as perguntas clássicas quem, o que, por que, como e quando. S1 e S2 localizam a resposta para a

pergunta onde no sublead, que é o segundo parágrafo do texto 1', porém esquecem de mencionar que van Dijk não postula o sublead como sendo uma categoria específica da notícia.

Relevante é o fato de esses sujeitos/alunos, ao responderem a pergunta quem do *lead*, citarem apenas os nomes de Celso Pitta e Victor Pitta esquecendo dos nomes de Nicéa Pitta, Christopher R.G. Aguiar e Adhemar de Barros Filho que são atores envolvidos com o fato principal.

Como *evento principal*, S1 e S2 mencionam a solicitação da devolução dos dois carros para o PPB, isto é, "Pitta terá de devolver carros", confirmando o que van Dijk postula, pois o *evento principal* da notícia encontra-se na *manchete* sendo a temática central do texto todo compondo a sua macroestrutura global.

Sobre a categoria *contexto*, os alunos mencionam informações que envolvem o *evento principal* referindo-se apenas ao terceiro parágrafo do texto. No entanto, o *contexto* já inicia no *lead*. Quanto à categoria *eventos prévios* citam o depoimento do filho de Celso Pitta que irritou os dirigentes do PPB, pois não lembravam que os carros pertencem a eles. A categoria *história* é identificada como sendo o fato de os carros terem sido emprestados em 98 e só agora em 2000 serem lembrados.

Quanto às *reações verbais*, os sujeitos/alunos citam o discurso direto de Nicéa Pitta e do presidente do PPB, Adhemar de Barros Filho. Nesta análise, observamos que as categorias foram bem reconhecidas por S1 e S2.

4.2.4.5 - Análise de S3 e S4 (f) – T1'

A *manchete* traz um resumo do fato principal da notícia, "Pitta terá de devolver carros", apesar de ser subjetiva ela é um bom chamariz para o fato principal, confirmando a proposta feita por van Dijk, ela tem a função de chamar a atenção para a notícia através de processos cognitivos de percepção e atenção.

O olho da matéria acompanha a *manchete* para eliminar qualquer entendimento confuso gerado por ela. É uma continuação da matéria.

Segundo van Dijk o *Lead* é um texto que resume a notícia, e muitas vezes é uma explicação mais detalhada da manchete. O *lead* da notícia sobre Pitta traz a resposta para as perguntas básicas que podem ser feitas em torno da notícia: o que aconteceu, porque aconteceu e como aconteceu. O *lead* apresentado nessa matéria está um pouco mais explicativo que o geral e traz um pouco mais do que um simples detalhamento da *manchete*, e de acordo com van Dijk seria um texto introdutório a matéria. Podemos situar no *lead* referências a situações passadas, exigindo um certo conhecimento prévio do leitor sobre a intriga de Pitta e Maluf, que o texto não fornece em momento algum. Segundo van Dijk essas referências funcionam para contextualizar o fato no presente, isto é o *lead* já explica as circunstâncias em torno do fato principal, sem explicar o histórico para entender o contexto, o

que segundo van Dijk é o *Background*. O *Background* pode aparecer no desenvolvimento da matéria também e geralmente aparece no final.

As *reações verbais*, identificadas por vanDijk, aparecem em todo o corpo da matéria. No *lead* a fonte dá credibilidade a matéria, e a *reação verbal* é necessária e explica o motivo do fato principal com o depoimento de Victor Pitta.

No segundo parágrafo é clara a contextualização do *evento principal*.

No terceiro parágrafo identifica-se as *consequências* ao fato principal, com a *reação* de Nicéia Pitta.

No quarto e no quinto parágrafo as *reações verbais* aparecem em forma de citações e declarações que continuam a mostrar as *consequências* e dão dinamicidade ao texto, além da credibilidade.

No último parágrafo ainda há a contextualização do *fato principal* o associado a *eventos prévios*. Segundo vanDijk é o *Background* da matéria.

4.2.4.6 Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Iniciando sua análise os sujeitos/alunos conceitualizam o que é *manchete*, explicitando-a de acordo com o texto 1', e dizem que ela é subjetiva, tendo a função de chamar a atenção para a notícia através de processos cognitivos de percepção e atenção. Com isso vemos que S3 e S4 estão pondo em prática o *modelo cognitivo de compreensão e produção do discurso* tal como proposto pelo teórico, pois acionam estratégias cognitivas tais como scripts e ideologias ao mencionar a subjetividade na escolha da *manchete* pelo jornalista/redator.

A seguir é mencionado o “olho” que é o “subtítulo” da notícia e segundo os sujeitos/alunos elimina qualquer ambigüidade gerada pela *manchete*. Porém, S3 e S4 esquecem de mencionar que o “olho” não é uma categoria postulada por van Dijk.

Dando continuidade à análise, ao referir-se ao *lead*, S3 e S4 recorrem aos conceitos propostos pelo teórico observando que o *lead* da notícia em questão traz um detalhamento maior de informações, é mais explicativo. Além de responder às perguntas o que, como e por que, traz informações que fazem “referências a situações passadas, exigindo um certo conhecimento prévio do leitor sobre a intriga de Pitta e Maluf, que o texto não fornece em momento algum”. Neste momento, indiretamente, os alunos referem-se ao que van Dijk postula como *estratégias de uso* do leitor, que é o conhecimento prévio que o usuário da língua possui sobre n-assuntos, sobre os quais ele pode fazer inferências e argumentar. Essa observação dos sujeitos/alunos é relevante, pois mostra o resultado dos debates realizados nas aulas expositivo-dialogadas que ficaram retidos na memória episódica desses sujeitos e que foram recuperadas no momento da análise. Isso para a professora-pesquisadora é bastante gratificante por demonstrar um nível mais apurado de percepção por parte dos alunos e, conseqüentemente, o resultado da experiência.

Ao referirem-se ao *background* citam tanto o *background história* quanto o *background contexto*, este seria as circunstâncias em torno do fato principal e que estão no segundo e sexto parágrafos do texto 1', aquele seria o conhecimento prévio que o leitor deve ter sobre a relação entre Pitta e Maluf que não é explicitada diretamente no texto.

Sobre a categoria *reações verbais*, os sujeitos/alunos a localizam já no *lead* dizendo que esta categoria dá credibilidade à matéria e é a *reação verbal* de Victor Pitta. Também mencionam que as *reações verbais* estão presentes em todo o corpo da matéria – observa-se que estão presentes no quinto e sexto parágrafos de forma direta.

A *consequência* ao fato principal é identificada no terceiro parágrafo através da reação de Nicéia (recusa-se a devolver os carros). *Eventos prévios* aparecem no sexto parágrafo como sendo o depoimento de Victor Pitta que alertou ao PPB do fato do empréstimo dos carros, constituindo-se na causa do *evento principal*.

S3 e S4 demonstram terem compreendido as categorias e foram além da expectativa.

4.2.4.7 - Análise de S5 (f) e S6 (f) – T1'

A *manchete* abre o tema principal da matéria, que é a devolução de dois carros ao antigo partido de Pitta, o PPB. Há uma complementação do assunto, no sub-título ou olho da matéria.

O primeiro parágrafo engloba o *evento principal*: o pedido de devolução dos dois carros, pertencentes ao PPB. De acordo com Victor Pitta, o fato de o prefeito não ter devolvido os carros é uma evidência de que não há ruptura séria com Maluf.

No segundo parágrafo há o desenvolvimento do *relato jornalístico*, principalmente da categoria do *episódio*. Há a execução do que foi relatado no *lead*, ou seja, a entrega da solicitação da devolução dos dois carros ao partido do PPB, imediatamente.

No terceiro parágrafo há o princípio de *reação* de Nicéia Pitta, ex-primeira dama é concretizada, quando Nicéia cita como “loucos” os dirigentes do PPB que não lembravam da existência dos carros. Além disso, afirma: “eles estão subestimando a minha inteligência”, pois, “é público e notório” que o prefeito mora, agora, em outro endereço.

A *reação* do presidente do partido, Adhemar Filho, está relatada no sexto parágrafo e consiste em admitir que o depoimento de Victor fez com que o PPB pedisse os carros de volta. Adhemar afirma também que Victor associou errado o fato de ainda utilizar os veículos com o não rompimento entre Pitta e Maluf.

4.2.4.8 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Esses sujeitos/alunos identificam a *manchete* do texto noticioso, a explicitando-a e se referem ao subtítulo ou “olho” da matéria como sendo uma complementação do assunto da *manchete*.

A categoria *evento principal* é localizada por S5 e S6 na primeira parte do texto noticioso e constitui-se no pedido de devolução dos dois carros pertencentes ao PPB. É curioso que neste momento os sujeitos/alunos não mencionam que a primeira parte do texto 1' compõe o *lead*, porém quando se referem ao segundo parágrafo dizem que neste há o desenvolvimento do *relato jornalístico*: “Há a execução do que foi relatado no *lead* (...) imediatamente.” Com isso fica claro que o *lead* é o primeiro parágrafo do texto.

A *reação verbal* é citada como iniciando no terceiro parágrafo e sendo de Nicéa Pitta, ex-esposa de Celso Pitta, porém S5 e S6 não mencionam que a reação de Nicéa prossegue no quarto e quinto parágrafos, inclusive o exemplo que eles citam - “eles estão subestimando minha inteligência” encontra-se no quinto parágrafo do texto noticioso.

A seguir S5 e S6 mencionam a *reação verbal* contida no sexto parágrafo do texto noticioso que é do presidente do partido PPB de São Paulo, Adhemar de Barros Filho.

Esses sujeitos/alunos não se referem à categoria *background contexto* que está inserida no primeiro e segundo parágrafos do texto noticioso e também não se referem à categoria *eventos prévios* que se encontra no primeiro parágrafo e é o depoimento de Victor Pitta.

4.2.5 - TERCEIRA ATIVIDADE

4.2.5.1 - Preliminares

A terceira atividade foi realizada individualmente pelos sujeitos/alunos. Como critérios de análise observamos a *informatividade* entendida como a capacidade que um texto tem em apresentar ao seu receptor/leitor informações novas e inesperadas, (cf. van Dijk, 1990). Observamos, também, a *estrutura da relevância* que indica ao leitor qual informação é mais importante ou proeminente no texto, (cf. van Dijk 1990 e Sperber & Wilson 1995).

Nesta atividade usaremos o mesmo texto 1' já trabalhado pelos sujeitos/alunos na segunda atividade que é “Pitta terá de devolver carros” que se encontra na página 93 por isso não o digitaremos novamente. A terceira atividade constitui-se em:

Dê nova redação à notícia: “Pitta terá de devolver carros” (T1’)

Para facilitar a compreensão das análises segmentamos esse texto em sua microestrutura, a partir de seqüências de frases (Sq), agrupadas por unidades de sentido (parágrafos).

4.2.5.2 - Segmentação do texto 1'

“Pitta terá de devolver carros”

1º parágrafo

Sq 1: “O PPB paulista quer a devolução (...) Celso Pitta (PTN)”.

Sq 2: “Em depoimento ao Ministério público, (...) cedido pelo PPB”.

Sq 3: “De acordo com Victor, (...) presidente nacional do PPB”.

2º parágrafo

Sq:4: “O advogado do partido, (...) de propriedade do diretório estadual do PPB”.

3º parágrafo

Sq 5: “O pedido, endereçado ao prefeito, (...) Adhemar de Barros Filho”.

Sq 6: “A atitude do partido (...) segurança pessoal do filho”.

Sq 7: “O advogado do partido também (...) na prefeitura de São Paulo”.

4º parágrafo

Sq 8: “Segundo Nicéa, (...) eram do PPB”.

5º parágrafo

Sq 9: “‘Eles estão subestimando a minha inteligência’, afirmou ao jornal (...) e mora num flat”.

6º parágrafo

Sq 10: “O presidente do partido (...) de volta”. / Segundo ele, os veículos (...) não presidia a legenda”.

Sq 11: “‘O depoimento do filho do prefeito (...) (de que os (...) estão rompidos). / O herdeiro (...) errado’, disse o presidente (...) e indo para o PTN”.

4.2.5.3 - Seqüências de frases e proposições

Transformamos as seqüências de frases de cada parágrafo em proposições (P), reduzindo informação semântica obtida por inferências de conhecimentos armazenadas na

memória de longo prazo da professora-pesquisadora. Essas proposições são os tópicos ou as macroestruturas do texto 1'. São elas:

4.2.5.4 - Texto 1' "Pitta terá de devolver os carros"

P1: O PPB quer a devolução dos carros emprestados à família de Pitta.

P2: Depoimento de Victor Pitta, filho de Celso Pitta (prefeito de São Paulo), declarando que não há ruptura séria entre Pitta e Maluf.

P3: Entrega da solicitação de devolução dos carros à família Pitta.

P4: Declaração de Nicéia Pitta irritada com o fato.

P5: Declaração do presidente do PPB, Adhemar de Barros Filho classificando o fato como um incidente.

4.2.5.5 - Reescritura: S7 (m) – T2

Partido de Maluf quer de volta os carros que Pitta "esqueceu" de devolver

1º) O PPB quer de volta os carros que foram cedidos ao prefeito Celso Pitta antes de ele trocar seu partido pelo PTN. A decisão foi tomada após a declaração do filho do prefeito, Victor Pitta, de que seus seguranças ainda utilizam um carro do partido e que esta é uma evidência de que "não há nenhuma ruptura séria" entre Pitta e o ex-prefeito Paulo Maluf, presidente nacional do PPB. Celso Pitta e Paulo Maluf estão "rompidos" politicamente desde o ano passado.

2º) O advogado do partido foi ao apartamento em que moram Vitor Pitta e sua mãe, Nicéia para entregar o pedido feito pelo partido, que é endereçado ao prefeito. A ex-mulher do prefeito ficou contrariada. "Eles estão subestimando a minha inteligência". Segundo a ex-primeira-dama, "é público e notório" que o prefeito não mora mais com a família. Nicéia recusou-se a devolver o veículo. Ela admite que os dirigentes do PPB não lembravam com quem estavam os veículos e que ficaram "loucos" com o depoimento de Victor Pitta.

3º) O presidente do PPB paulistano admite que só pediu os carros de volta por causa das declarações do filho do prefeito, "principalmente aquela interpretação sem-pé-nem-cabeça" (de que não haveria ruptura séria entre Pitta e o partido por ele ainda ter ficado com os carros). Segundo Adhemar de Barros Filho, "O herdeiro da família Pitta está julgando errado" e este episódio não passa de um incidente.

4.2.5.6 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Ao analisarmos os critérios tanto de *informatividade* quanto do *princípio da relevância* na produção concreta desses sujeitos/alunos, observamos que tanto a estrutura temática quanto a estrutura esquemática do texto noticioso possuem uma natureza abstrata. Essa natureza abstrata impõe restrições no momento da escritura do texto, pois ao recorrer às

estratégias de produção, o jornalista através do uso dessas estratégias escolhe o tópico do discurso a ser produzido e passa a construir a macroestrutura enquanto plano semântico do discurso, hierarquizando informações, trabalhando de cima para baixo, pois a informação mais importante é expressa no título do texto noticioso explicando o que é mais relevante, importante, ou proeminente na informação semântica do discurso como um todo. Isso é o que van Dijk chama de estrutura semântica global do discurso – sua macroestrutura.

Através dessas constatações, observamos que S7 mantém o tópico principal do *texto dado* que é “Pitta terá de devolver os carros” fazendo uma junção entre este título e a *manchete menor* que é “Depoimento do filho do prefeito faz PPB exigir veículos de volta” satirizando a atitude de Pitta no título de sua matéria: Partido de Maluf quer de volta os carros que Pitta “esqueceu” de devolver.

Vemos que o grau de informatividade do texto 1’ foi mantido por S7 ao produzir seu texto, conseqüentemente a informação nova foi considerada também como sendo a informação mais relevante. Porém, no momento de recorrer às *estratégias de produção* do texto, este sujeito/aluno demonstra um estilo próprio ao colocar no título de seu texto 2 o verbo *esquecer* entre aspas chamando a atenção do leitor para o detalhe. Através desta marca lingüística, o leitor ativa as *estratégias de uso*, seu conhecimento prévio e vai de certa forma construindo a unidade semântica do texto como um todo. S7 continua demonstrando seu estilo de escritura ao reduzir a sua matéria a apenas três parágrafos, enquanto que o *texto dado* apresenta seis parágrafos. Observamos que S7 infere macroproposições redutivas, selecionando apenas os dados que considera relevantes e reorganiza as informações.

S7, no primeiro parágrafo de seu texto 2, mantém todas informações do *lead* do texto 1’ e infere uma informação complementar dizendo que Maluf e Pitta estão rompidos politicamente desde o ano passado (1999).

No segundo parágrafo do texto 2 de S7 não há como recuperar um referente, vejamos: “O advogado do partido (...) prefeito”. S7 não cita quem é o advogado do partido, não cita o seu nome, e é sabido que os partidos possuem mais de um advogado. As demais informações deste parágrafo são condensadas, pois no texto 1’ pertenciam ao segundo, terceiro, quarto e quinto parágrafos. S7 apaga apenas uma informação destes parágrafos, que é o fato da pessoa que assina o pedido de devolução ser o presidente do partido Christopher Rezende G. Aguiar.

Se perguntarmos o que leva S7 a tomar essa postura no momento de selecionar as informações relevantes do *texto dado*, não poderemos precisar respostas, pois é algo muito complexo envolvendo processos cognitivos. Em jornalismo quanto mais acessível o contexto de uma informação e quanto menor a complexidade lingüística, menor será o esforço de

processamento por parte do leitor, pois notícias devem ser transparentes – talvez esse seja um dos motivos que colaboram para a redução de informação na notícia como um todo.

O último parágrafo do texto de S7 mantém as mesmas informações do último parágrafo do *texto dado*. Observamos que S7 não faz em seu texto deslocamentos de informação elevando ou rebaixando seus níveis, pelo contrário, ele segue a estrutura do *texto dado* mantendo a mesma ordem de relevância assumida pelo autor do texto 1’.

4.2.5.7 - Reescritura: S1 – T2

PPB pede a devolução de carros usados por Victor Pitta

1º) O advogado do PPB paulista, Christopher Rezende G. Aguiar, foi ontem até o antigo apartamento de Celso Pitta, onde moram a ex-mulher do prefeito Nicéa Pitta e o filho, entregar a solicitação de devolução de dois carros do partido emprestados à família do prefeito em 1998. Em depoimento ao Ministério Público, Victor Pitta afirmou que o fato de continuar com o carro é uma evidência de que “não há nenhuma ruptura séria” entre Paulo Maluf e Pitta, que desde o ano passado é filiado ao PTN.

2º) A atitude do partido irritou Nicéa, que se recusou a devolver o veículo usado pela segurança pessoal do filho. Segundo a ex-primeira dama, o depoimento de Victor Pitta irritou os dirigentes do PPB, que não lembravam que os carros são do PPB.

3º) O pedido de devolução dos carros entregue a Nicéa é endereçado ao prefeito. “Eles estão subestimando a minha inteligência”, afirmou ao jornal *O Globo* a ex-primeira dama, acrescentando que é “público e notório” que o prefeito mudou de endereço e mora num flat. O advogado do PPB também entregou cópia do pedido na prefeitura de São Paulo.

4º) O presidente do partido em São Paulo, Adhemar disse que ainda não presidia a legenda quando os automóveis foram emprestados ao prefeito e classificou como incidente o fato de os carros permanecerem com Pitta, apesar de o prefeito ter trocado de partido.

4.2.5.8 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

S1 assim como S7 ao titular seu texto 2 faz a junção entre a *manchete principal* (Pitta terá de devolver carros) e a *manchete menor* (Depoimento do filho do prefeito faz PPB exigir veículos de volta) do *texto dado* resultando em: PPB pede devolução de carros usados por Victor Pitta. Isto, a nosso ver pode ser entendida como uma estratégia cognitiva de produção de S1 para facilitar o contexto da informação para o leitor. Em termos semânticos ocorre uma síntese – duas proposições são transformadas em uma somente – tornando mais acessível a leitura da matéria, facilitando a estratégia de compreensão do leitor.

Dando continuidade ao seu texto, S1 desloca algumas informações do segundo parágrafo do *texto dado* para o *lead* de seu texto 2 tomando-as mais relevantes, demonstrando

a possibilidade postulada por van Dijk da hierarquização de informações variar de indivíduo para indivíduo, ou seja, o que é considerado relevante para *x* pode não ser para *y*. Consideremos *x* como sendo o autor do *texto dado* e *y* como sendo S1 (sujeito que reescreve o texto de outro articulista). Como exemplo disso, temos o fato de S1, em seu texto, ter tomado como mais relevante a informação do pedido de devolução dos carros do que o fato (depoimento do filho de Celso Pitta, Victor Pitta, ao Ministério Público) que causou isso.

Curiosamente S1 assim como S7 também não menciona a informação de que o pedido de devolução dos carros é assinada pelo presidente do PPB paulista, Adhemar de Barros Filho. Ambos apagam essa informação. Os parágrafos terceiro e quarto do *texto dado* são condensados ao segundo parágrafo do texto 2 de S1, mantendo os tópicos originais, deslocando apenas uma informação para baixo. Já na construção do terceiro parágrafo de seu texto, S1 mantém o tópico do quinto parágrafo do *texto dado*, porém acrescenta a informação de que “O advogado do PPB também entregou cópia do pedido na prefeitura de São Paulo”. Esta informação pertence ao terceiro parágrafo no *texto dado* e, neste momento S1 a inclui com o tópico do quinto parágrafo.

Sobre o quinto parágrafo do texto 2, de S1, este suprime a informação de que foi o depoimento de Victor Pitta que fez com que o presidente do PPB solicitasse a devolução dos carros porém as demais informações contidas no sexto parágrafo do *texto dado* são mantidas por S1.

Vemos que este sujeito/aluno desloca algumas informações, demonstrando que o corpo do texto é passível de várias reescrituras, porém as proposições que possibilitam a unidade semântica do texto noticioso são mantidas.

4.2.5.9 - Reescritura: S2 – T2

PPB quer os carros de volta

1º) O advogado do PPB paulista, Christopher de Aguiar, entregou ontem no apartamento onde moram Nicéa Pitta e o filho, Victor Pitta, a solicitação para que o prefeito Celso Pitta (PTN) devolva imediatamente dois carros de propriedade do diretório estadual do partido que continuam com sua família. O partido tomou a decisão a partir do depoimento do filho do prefeito ao Ministério Público, onde disse que até hoje seus seguranças pessoais usam um carro cedido pelo PPB. Para Victor o fato de continuar com o carro é uma evidência de que “não há nenhuma ruptura séria” entre Pitta e o ex-prefeito de São Paulo, Paulo Maluf.

2º) A atitude do partido irritou Nicéa que se recusou a devolver o veículo utilizado pela segurança pessoal do filho. Para ela, os dirigentes do PPB de São Paulo ficaram “loucos” com o depoimento de Victor Pitta, porque não lembravam que os carros são do PPB. “Eles estão subestimando a minha inteligência”, disse Nicéa acrescentando que “é público e notório” que o prefeito mudou de endereço e mora num flat.

3º) O presidente do PPB em São Paulo, Adhemar de Barros Filho, afirma que os veículos foram emprestados a Celso Pitta em 1998 quando ainda não presidia a legenda. “O depoimento do filho do prefeito nos deu o ensejo, principalmente aquela interpretação sem-pé-nem-cabeça. O herdeiro da família está julgando errado” disse. Adhemar de Barros classifica como incidente o fato de os carros permanecerem com Pitta, apesar do prefeito ter trocado o PPB pelo PTN há um ano.

4.2.5.10 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Novamente vemos que S2 fez a junção da *manchete principal* com a *manchete menor* do *texto dado*, resultando em: “PPB quer os carros de volta”.

Observa-se também o deslocamento de informações do segundo parágrafo do *texto dado* para o *lead* – o parágrafo de abertura da matéria de S2. Entendemos esse posicionamento do sujeito/aluno como sendo a inferência do *princípio da relevância* atuando, pois o que determina o arranjo do texto são as informações que S2 toma como relevantes e as eleva a um nível mais alto em seu texto. Nesse sentido, demonstramos que não é o simples preenchimento de categorias vazias como dito por van Dijk (1990) que organiza o sentido do texto noticioso, mas sim os julgamentos de relevância de S2 no momento de seleção de contexto do *texto dado*. São eles que organizam o sentido do texto como um todo, a sua macroestrutura semântica global.

Entendemos que com isso há um nível de abstração mais elevado, responsável pela relevância operando acima do esquema da superestrutura da notícia que é demonstrado na reescritura dos sujeitos/alunos, especificamente no momento de seleção do contexto.

Os terceiro, quarto e quinto parágrafos do *texto dado* são reduzidos ao segundo parágrafo do T2 de S2, porém algumas informações são apagadas como a de que o pedido de devolução dos carros é assinado pelo presidente do PPB e que o advogado do PPB também entregou uma cópia do pedido na prefeitura de São Paulo.

O terceiro parágrafo da reescritura de S2 praticamente mantém as proposições do sexto parágrafo do *texto dado* ocorrendo apenas o apagamento de uma informação, pois quando S2 se refere ao depoimento do presidente do PPB, “aquela interpretação sem-pé-nem-cabeça” ele não explicita para o leitor qual foi essa informação. Segundo a literatura jornalística e segundo o próprio van Dijk, omissões de informação em parágrafos subsequentes ao *lead* podem ocorrer, pois não afetam as informações que já estão contidas no parágrafo de abertura consideradas como as mais relevantes.

Observamos que tanto nas análises dos textos da turma 0383A quanto aqui, nas análises 0383B vem ocorrendo fatos semelhantes, dentre eles o de que quando os

sujeitos/alunos reescrevem o texto de outro articulista vemos que a informação considerada nova se mantém coincidindo com a informação considerada como a mais relevante para o autor do *texto dado*. O que altera na reescritura dos textos são os elementos adicionais a essa informação que estão dispostos no corpo da matéria inclusive há, às vezes, a eliminação de alguns desses elementos.

Dando continuidade a pesquisa, a seguir, apresentaremos o corpus da turma 0383C e a análise do experimento.

CAPÍTULO – 5

O CORPUS E A ANÁLISE DO EXPERIMENTO

5.1 – Preliminares

Da mesma maneira que procedemos nas análises e disposição do corpus das turmas 0383A e 0383B, procederemos aqui nesta turma 0383C conforme já explicitado anteriormente.

Primeiro apresentaremos o texto 1 produzido pelos alunos; prosseguindo apresentaremos a análise de reconhecimento e compreensão das categorias específicas do texto noticioso feita pelos alunos e a seguir, serão feitos os comentários analíticos da professora-pesquisadora.

5.2 – TURMA 0383C – CORPUS

5.2.1 – PRIMEIRA ATIVIDADE

Sujeito 1 (m) – Texto 1

XYZZ é acusado de estar envolvido no narcotráfico

1º) O Deputado XYZZ (PFL) soube ontem, dia 21 de março, que vai ser chamado para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Narcotráfico, instalada na semana passada em Santa Catarina. O Deputado está sendo acusado de envolvimento com traficantes de Santa Catarina, que, supostamente, financiavam suas campanhas eleitorais. Na próxima reunião, marcada para quinta-feira, será definida a data de quando o Deputado irá depor.

2º) O Relator da CPI, Deputado WWYY (PSTU-SC), informou que foi instalado um serviço de tele-denúncias. Segundo WWYY, em 27 dias mais de 250 denúncias foram feitas e cerca de 40 pessoas citaram o nome do Deputado XYZZ. A maioria

das pessoas que ligaram disseram que XYZZ acobertava o trabalho dos traficantes em troca de dinheiro para suas campanhas eleitorais, disse WWYY.

3º) O Deputado XYZZ acha isso um absurdo e diz que vai mostrar todos os gastos da campanha. “O dinheiro vem de doações e colaborações de quem confia no meu trabalho. O PFL gasta muito pouco comigo. Quem quiser ver, é só ir na direção do partido, pois as colaborações estão todas arquivadas”. Em relação as denúncias, XYZZ diz que provavelmente, foram feitas por pessoas que não simpatizam com seu modo de trabalho.

4º) “Por enquanto não sei o que vou fazer. Acho apenas que está havendo uma precipitação muito grande por parte dos responsáveis desta CPI”. O Deputado WWYY não concorda com o comentário de XYZZ. Segundo WWYY, os responsáveis da CPI vão apenas ouvir as pessoas acusadas, para depois preparar um relatório e aí, tomar as decisões necessárias.

5º) “Não temos nenhum detalhe do envolvimento de XYZZ com drogas. Queria deixar bem claro que só temos denúncias de que ele acobertava traficantes em troca de dinheiro”, disse WWYY. “Os deputados vão fazer uma análise do que ele vai falar”, conclui WWYY.

6º) Segundo XYZZ, todos conhecem seu modo de trabalhar e saberiam que ele não se envolveria com drogas. “O governo está fazendo uma campanha muito grande para acabar com as drogas, mas sinceramente, não sei o que tenho a ver com isso”. E o pior de tudo, é que ainda não havia sido informado disto, conclui o Deputado XYZZ. Até agora, aproximadamente cem nomes de políticos de Santa Catarina estão envolvidos com o narcotráfico no Estado.

5.2.1.1 - Análise S1 – T1

Nesta matéria, pode-se observar algumas das características que Van Dijk nos passa nos seus estudos. A *manchete* por exemplo, é um atrativo para que o leitor inicie a leitura do texto, pois usa um nome conhecido pelas pessoas de Santa Catarina e o assunto também é de interesse geral.

Já o *“lead”*, introduz o leitor com o que ocorreu e quem está envolvido com o assunto da manchete. O *“lead”* também apresenta quando isso ocorreu e por que isso ocorreu. Neste texto, há ligação direta entre o *“lead”* e a *Manchete*. O *“lead”* relata o *evento principal* da matéria.

No segundo parágrafo (2), temos as informações de como ocorreu tudo isso e também o *comentário* de alguém que tem certa importância na matéria.

O terceiro parágrafo (3) mostra, novamente, alguns *comentários* e também, a *reação* da pessoa envolvida no *episódio principal*. O segundo e terceiro parágrafos estão ligados, assim como a *manchete* e o *lead*. Nestes dois parágrafos, temos, no segundo, as informações e, no terceiro, as *conseqüências*.

O quarto e quinto parágrafos baseia-se apenas nas opiniões dos principais envolvidos na estória e o sexto parágrafo nos mostra, novamente, algumas opiniões e fecha a matéria com uma informação que situa ainda mais o leitor.

Várias características estudadas por Van Dijk não estão presentes neste texto, como *“Background”* e *“Eventos Prévios”*, talvez, porque o assunto não precisasse, ou talvez porque não foram levantadas todas as informações necessárias para a construção do texto.

5.2.1.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

S1 ao fazer a análise de seu T1, refere-se, primeiramente, à estrutura temática de nível mais elevado, que se constitui na *manchete* do texto noticioso, sua macroestrutura semântica. S1 menciona que a *manchete* é “um atrativo para que o leitor inicie a leitura do texto, pois usa um nome conhecido pelas pessoas de SC e o assunto também é de interesse geral”; isso vai ao encontro da teoria de van Dijk, segundo a qual, a teoria de macroestruturas semânticas constitui-se na “representação formal do conteúdo global de um texto ou diálogo e, portanto, caracterizam parte do sentido de um texto” (1996, p.122), ou seja, vemos que o título do texto em questão define o evento que será relatado no corpo do texto. Isto é bem explicitado por S1 quando se refere ao *lead* de seu texto mencionando que: “há ligação direta entre o ‘lead’ e a manchete. O ‘lead’ relata o evento principal da matéria”.

Ainda referindo-se ao *lead*, S1 menciona que este informa ao leitor o que ocorreu, quem está envolvido, quando o fato ocorreu e por que. Dando continuidade a sua análise, este sujeito/aluno diz que no segundo parágrafo de seu texto 1 estão informações de como ocorreu o *evento principal*, porém esquece de mencionar que estas informações, segundo as categorias propostas por van Dijk (1996), fazem parte do *background contexto* e, talvez, equivocadamente, S1 refere-se ao depoimento do deputado WWYY (PSTU-SC) como sendo um comentário. Na verdade, esse depoimento deve ser classificado como a categoria *reação verbal*, pois para ser considerada como categoria *comentário* é preciso levar em conta apenas *comentários* do autor da notícia e não de pessoas envolvidas com o *evento principal*.

Novamente, ao referir-se ao terceiro parágrafo do T1, S1 cita “comentários e também a reação da pessoa envolvida no episódio principal”, este enunciado torna-se ambíguo, pois não podemos depreender se S1 entendeu a diferença entre as categorias *comentários* e *reação verbal* ou não, porém conforme o que vem demonstrado acima, entendemos que S1 não sistematizou para si a diferença entre as duas categorias. Ainda neste parágrafo, S1 menciona que há as *conseqüências* do *evento principal*, ou seja, *conseqüências* seriam as respostas do deputado XYZZ ao fato principal que o envolve.

Quanto ao quarto, quinto e sexto parágrafos de seu texto, S1 equivocadamente diz que esses se baseiam em opiniões dos principais envolvidos. No entanto, segundo o esquema da superestrutura da notícia, proposto por van Dijk (1996), o quarto e quinto parágrafos apresentam *reações verbais* do deputado WWYY – há portanto um equívoco por parte de S1. Isso vem demonstrar que S1 realmente não compreendeu a diferença entre a categoria *comentários* e *reações verbais*.

Finalizando a análise, S1 menciona equivocadamente que as categorias *background* e *eventos prévios* não estão presentes no seu texto, porém como já foi dito acima, no *lead* do texto aparece a categoria *background contexto* e quanto à categoria *eventos prévios*, esta situa-se no segundo parágrafo do texto e constitui-se no serviço de tele-denúncias, pois é um fato ocorrido há pouco tempo que caracteriza o *evento principal*.

Quanto aos aspectos relacionados à macroestrutura semântica do T1 de S1, ao referirmo-nos à *manchete* deste texto já explicitamos que esta é o nível mais alto do texto como um todo e é a partir deste tópico global que o texto se organiza caracterizando o seu sentido. Dessa forma, a macroestrutura é uma rede inter-relacionada de proposições e de suas relações globais. No texto 1 de S1 temos como proposições:

P1: Convocação do deputado XYZZ (PFL) para depor na CPI do Narcotráfico em SC, por estar sendo acusado de envolvimento com traficantes.

P2: Declaração do relator da CPI, Deputado WWYY (PSTU-SC), informando da instalação de um serviço de tele-denúncias.

P3: Declaração do deputado XYZZ em defesa própria.

P4: Novamente, declaração do deputado XYZZ em defesa própria e declaração do relator da CPI, deputado WWYY discordando dos argumentos de XYZZ.

P5: Declaração do deputado WWYY esclarecendo que os fatos serão apurados baseados apenas em evidências.

P6: Declaração do deputado XYZZ.

Baseados nestas proposições, observamos que o texto possui uma coerência global produzindo uma unidade de significado lógica para os leitores.

Assim como no corpus já comentado das demais turmas, observamos que nos aspectos relacionados à macroestrutura dos textos, os alunos não apresentam problemas, eles estruturam seus textos de maneira coerente linear, de cima para baixo, como preconiza o *princípio da pirâmide invertida* e também como preconiza a *teoria da superestrutura do texto noticioso* proposta por van Dijk que classifica essa forma de estruturação de ordenamento *top-down*.

A respeito do reconhecimento das categorias do texto noticioso, o que vem ocorrendo até o momento é o fato de que as categorias de topo (*manchete* e *lead*) são bem identificadas; já nas categorias que compõem o corpo do texto às vezes ocorrem problemas referentes aos conceitos, pois alguns alunos os confundem. Apesar disso, o resultado do experimento vem sendo satisfatório.

5.2.2 - Sujeito 2 (m) – Texto 1

XYZZ vai depor na CPI

1º) O deputado estadual, XYZZ (PFL-SC) foi convocado ontem para depor na CPI do narcotráfico pelo relator WWYY (PSTU-SC). O relator afirmou que recebeu 40 denúncias anônimas que acusam o deputado de ser distribuidor de drogas e de proteger os traficantes em troca de recursos para financiar campanhas eleitorais. “São apenas suspeitas, não há nada provado”, afirmou WWYY. Ainda não foi marcada a data para o depoimento.

2º) As acusações foram feitas através do serviço Tele-Denúncia, criado para auxiliar a CPI. O que chamou a atenção do relator da CPI foi que, das 250 denúncias recebidas, 40 envolvem o deputado XYZZ. “É algo que precisa ser investigado”, afirmou WWYY.

3º) XYZZ ficou revoltado ao saber que teria que depor na CPI. Ele definiu o ato do relator como uma “irresponsabilidade, precipitação e piada de mau gosto”. XYZZ afirma ter documentos que provam sua inocência.

4º) O deputado contesta o fato de as acusações virem de denúncias anônimas. “Quem me denunciou? Como a CPI pode se basear nisso? Não há nada que justifique minha convocação”. Apesar disso, o deputado afirmou que irá depor, “para provar minha inocência”.

5º) WWYY afirmou que 40 pessoas o acusarem já é um bom motivo para convocação. “Uma CPI é criada quando há suspeitas. Nossa função é verificar a veracidade das acusações. O que o deputado quer? Provas? Se houvesse, ele já estaria preso.”

5.2.1.1 - Análise S2 – TI

A *manchete* sintetiza o texto, fica em cima do texto e é: “XYZZ vai depor na CPI”.

No primeiro parágrafo há o *lead*. Na primeira frase, que geralmente é longa, o leitor deve saber o que está acontecendo, quando e onde: “O deputado XYZZ foi convocado ontem para depor na CPI pelo relator...”. Na Segunda frase, o leitor sabe o porquê daquilo (o depoimento) acontecerá (ou aconteceu). Na terceira frase, um juízo de um dos envolvidos (WWYY): “São apenas suspeitas...”. A quarta frase é uma informação adicional: “Não foi marcada data para o depoimento”. No *lead* já existe uma *reação verbal* de um dos envolvidos (WWYY). O objetivo disso é evitar uma interpretação errada do leitor (No texto, que as acusações são apenas suspeitas, não são fatos).

O segundo parágrafo é o sub-lead que não consta no esquema de van Dijk. No sub-lead apresentamos informações relevantes que não foram para o *lead* e melhor explicação dos fatos. Em outras notícias o sub-lead pode remeter ao “gancho”, mais precisamente ao verbo principal. Por exemplo: “O senador XXX (PFL-BA) matou ontem a ex-mulher de Civitta, Nilcéia Civitta”. No sub-lead explicamos como aconteceu o assassinato, damos mais informações.

No terceiro, quarto e quinto parágrafos há *conseqüências* e *reações* do fato principal. E essas conseqüências são mostradas através de *reações verbais* dos envolvidos. Ex.: “XYZZ ficou revoltado... e definiu como ‘irresponsabilidade’...”.

5.2.2.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Na sua análise, S2 menciona que a *manchete* sintetiza o texto e vem em primeiro lugar. Ele a explicita. De certa forma, com este comentário S2 sumariza o que van Dijk (1996) postula, pois para o autor, a *manchete* é a macroproposição de nível mais alto no texto noticioso.

Ao referir-se ao *lead*, S2 cita o fato de que o *lead* esclarece para o leitor algumas indagações que são: o que, quando, onde e por que, explicitando-as. Vemos que este sujeito/aluno esquece de mencionar quem? Ainda no *lead*, S2 reconhece a categoria *reação verbal* de um dos envolvidos na notícia, no caso o deputado WWYY. S2 interpreta o conteúdo da *reação verbal* como sendo uma informação adicional para que o leitor não se equivoque no seu entendimento; curioso é que S2 reforça essa sua preocupação explicitando que no texto as acusações contra o deputado XYZZ são apenas suspeitas, não são fatos.

Quanto ao segundo parágrafo do texto noticioso, S2 refere-se a ele como sendo o sublead, mencionando que van Dijk não inclui no seu esquema esta categoria. Este sujeito/aluno diz que o “sub-lead” apresenta informações relevantes que melhor explicitam os fatos, ou o *fato principal* e que vem a complementar o *lead*. S2 menciona que em alguns casos o sublead pode remeter ao “gancho”, ou seja, “gancho” para esse aluno “é o verbo principal que normalmente aparece na *manchete* da notícia” Isso é uma informação equivocada, pois no campo jornalístico “gancho” é uma informação que rende mais de uma matéria.

Sobre o terceiro, quarto e quinto parágrafos de seu texto, S2 diz que neles há *consequências* e *reações verbais* e que as *consequências* são mostradas através das *reações verbais* das pessoas envolvidas com o fato principal, exemplificando. É interessante o fato de que S2 percebeu que as categorias podem vir mescladas umas às outras como nesse caso, porém este sujeito/aluno esquece de mencionar algumas categorias que se fazem presentes no texto como, por exemplo, o *background contexto*, que se encontra no *lead* e a categoria *eventos prévios* que se encontra no segundo parágrafo, que seguindo a nomenclatura adotada por S2 é o sublead de seu texto e constitui-se na instalação do tele-denúncias (fato que ocorreu antes do fato principal: a convocação do deputado XYZZ a depor na CPI).

Quanto aos aspectos relacionados à macroestrutura semântica do T1 de S2, a relação entre os fatos e as proposições respeita uma progressão temática, ou seja, há um encadeamento entre os tópicos principais de cada parágrafo que compõem o texto noticioso como um todo. Vejamos as proposições do texto 1:

P1: Convocação do deputado XYZZ (PFL-SC) a depor na CPI do Narcotráfico e declaração do relator WWYY (PSTU-SC) dizendo que são apenas suspeitas que devem ser investigadas.

P2: Declaração de WWYY afirmando que as denúncias contra XYZZ foram feitas através do serviço de tele-denúncias.

P3: Declaração de XYZZ.

P4: Contestação do deputado XYZZ.

P5: Declaração de WWYY.

Esse texto, assim como os demais textos produzidos pelos alunos do Curso de Jornalismo, não apresenta problemas em relação à macroestrutura – há relação de sentido entre os vários enunciados que o compõe, há uma unidade semântica global.

5.2.3 - Sujeito 3 (m) – Texto 1

CPI do narcotráfico chamará XYZZ a depor

1º) A CPI do narcotráfico em Santa Catarina divulgou, nesta terça-feira, o nome de XYZZ entre uma relação de pessoas supostamente envolvidas com o tráfico de drogas no estado. Os nomes foram obtidos com o serviço de tele-denúncias, que funciona há 27 dias. Das 250 denúncias anônimas recebidas, cerca de 40 citaram algum envolvimento do deputado estadual com o tráfico em Santa Catarina.

2º) Segundo o relator da CPI, o deputado WWYY, alguns dos nomes divulgados na lista apresentada terça-feira serão chamados a depor. A data para o depoimento de XYZZ será definida nesta Quinta-feira. O deputado do PPB disse que ainda não foi contatado pela CPI e que seria um “absurdo” ter de prestar depoimento sob tais acusações.

3º) Conforme XYZZ os 40 telefonemas seriam “irresponsáveis piadas de mau gosto” destinados à macular sua política, que ele classificou como sendo “franciscana” em uma coletiva a imprensa, ontem a tarde. O deputado disse estar disposto a prestar qualquer esclarecimento sobre os gastos de sua campanha política se for chamado, porém disse que tudo não passa de uma “grande precipitação”.

4º) As denúncias apontam possíveis acobertamentos de distribuidores de drogas em troca de recursos para campanhas eleitorais do deputado. XYZZ disse não responder à denúncias anônimas, mas que está pronto para contribuir na “luta saudável contra o narcotráfico em Santa Catarina”.

5.2.3.1 - Análise S3 – T1

A *manchete* aparece logo no começo do texto, apresentando o *evento principal* dele de maneira a mais sintética possível. Ele chama a atenção do leitor para o fato. O que se segue é a contextualização do que foi dito antes é o *lead*.

O *lead* encontra-se no primeiro parágrafo respondendo as perguntas básicas onde, como, quem, onde ... No caso do meu texto a pergunta quem teve a resposta XYZZ; o que, foi acusado; onde, Cpi do Narcotráfico; porque, denúncias anônimas. O *evento prévio* são estas denúncias.

No segundo parágrafo as *consequências* e *reações* são mencionadas, como o deputado ter considerado um “absurdo” o acontecimento (*reação*).

No terceiro foram enfatizadas as *reações* do deputado, usando os discursos dos personagens (atores) “irresponsáveis piadas de mau gosto” é um exemplo.

No quarto apresento as *expectativas* que estão na última frase.

5.2.3.2 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Ao iniciar sua análise S3 reconhece a categoria *manchete* dizendo que esta apresenta o *evento principal* do texto noticioso de maneira sintética. Isso vai ao encontro dos postulados de van Dijk (1996) que se refere à *manchete* como sendo a macroproposição de mais alto nível do texto.

Dando continuidade à análise, S3 cita que o que segue a *manchete* é o *lead*, dizendo que este se encontra no primeiro parágrafo de seu texto e responde as perguntas básicas quem, como, onde e por que, explicitando-as. Ainda, no *lead*, S3 identifica com muita propriedade a categoria *eventos prévios* dizendo que são as denúncias anônimas.

Já no segundo parágrafo do texto, este sujeito/aluno menciona a categoria *reação verbal*, exemplificando-a, e cita também a categoria *consequências*. Na verdade, o que é dito pelo deputado XYZZ como sendo *reação verbal* é também uma *consequência* do *evento principal*, neste momento temos um exemplo de mescla de categorias reconhecidas por S3.

Quanto ao terceiro parágrafo, S3 identifica mais *reação verbal* do deputado XYZZ (ator) dizendo que é o discurso do próprio deputado. Segundo a terminologia de van Dijk, XYZZ deve ser considerado um ator envolvido com o *evento principal* expressando reação verbal através de seu discurso; S3 incorpora a terminologia de van Dijk ao se referir ao deputado como ator.

No quarto parágrafo do texto 1, este sujeito/aluno equivocadamente diz que este parágrafo apresenta na última frase de seu texto as *expectativas*. Na teoria proposta por van Dijk, a categoria *expectativa* deve ser do autor da notícia, ou seja, do próprio aluno, mas no caso deste texto a *expectativa* é do deputado XYZZ, explicitada no texto noticioso através da categoria *reação verbal* na qual a fala do outro vem marcada lingüisticamente com aspas. Vejamos: “Conforme XYZZ os 40 telefonemas seriam ‘irresponsáveis piadas de mau gosto’

destinados a macular (...) ontem a tarde”. Percebe-se que ocorre neste momento um equívoco por parte deste sujeito/aluno.

A macroestrutura do texto 1, de S3, possui uma coerência global, na qual vemos uma relação entre os fatos e as proposições, proporcionando ao leitor a compreensão do texto como uma unidade semântica ordenada e lógica. Vejamos as proposições que compõem o texto:

P1: Divulgação do nome do deputado XYZZ pela CPI do Narcotráfico como um suposto envolvido através de denúncias anônimas.

P2: Declarações do relator da CPI, o deputado WWYY e do deputado XYZZ (PPB).

P3: Declarações de deputado XYZZ.

P4: Declarações do deputado XYZZ.

Através destas proposições observa-se que esse texto, assim como os demais comentados até o momento, possui uma coerência global, há uma unidade no texto, todas as partes que o compõem estão relacionadas entre si proporcionando ao leitor uma compreensão.

5.2.4 - SEGUNDA ATIVIDADE: Análise do texto de outro articulista (T1')

Nesta atividade também seguiremos os mesmos critérios adotados na turma T383A. Abaixo encontra-se o texto 1' "Câmara promete barrar novo valor", retirado da *Folha de S. Paulo*, do dia 24/03/00 que é um texto de outro articulista, a seguir a análise feita pelos alunos e, prosseguindo, os comentários analíticos da professora-pesquisadora conforme a teoria de van Dijk (1990; 1996).

5.2.4.1 - Texto 1':

Câmara promete barrar novo valor

Da Sucursal de Brasília

1º) O novo salário mínimo anunciado ontem teve repercussão negativa na Câmara. Deputados demonstraram indignação com o valor e com a forma do anúncio feito pelo governo. Para eles, o presidente atropelou as discussões da comissão especial criada para discutir o mínimo.

2º) Deputados prometem reagir, apresentando propostas de modificação da medida provisória assim que ela chegar ao Congresso.

3º) O relator da proposta na comissão, Eduardo Paes (PTB-RJ), afirmou que vai continuar trabalhando para apresentar um projeto com outro valor para o mínimo.

4º) O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou o valor para Paes e para o presidente da comissão, Paulo Lima (PMDB-SP), antes de reunir os líderes partidários para a divulgação oficial.

5º) Lima e Paes avisaram a FHC que a comissão não vai aceitar esse valor. “Ele (FHC) disse que era o que podia dar (de reajuste). Vou tocar a minha vida e fazer o trabalho para o qual fui designado”, disse Paes. Lima pediu, sem sucesso, que o presidente adiasse o anúncio e esperasse a comissão concluir os trabalhos. A comissão tem reunião marcada para a próxima terça-feira.

6º) O líder do PDT, Miro Teixeira (RJ), afirmou que o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), não devia aceitar a medida provisória do governo. “O presidente do Congresso deve devolver imediatamente a MP. Se não fizer isso, pode mandar a chave do Congresso para o presidente da República”.

7º) O deputado Luiz Antonio de Medeiros (PFL-SP), autor da proposta de aumento do mínimo para o equivalente a US\$ 100, disse que o valor era “gozação”.

8º) “Isso é uma provocação. Esse número é bom para publicidade de cachaça, mas é uma ‘sacanagem’ para o salário”, afirmou Medeiros, referindo-se à marca “51” da aguardente.

9º) “Isso é um tapa na cara”, reagiu o deputado José Genoíno (PT-SP). O líder do PT, Aloizio Mercadante (SP), fez as contas e disse que o aumento não dá para comprar nem um litro de leite por dia.

10º) “É um reajuste que significa R\$ 0,50 por dia para 24,7 milhões de trabalhadores que recebem salário mínimo”, disse Mercadante.

11º) Os deputados criticaram também a iniciativa de pisos estaduais. “Já tentaram isso antes e não funcionou. Os pisos diferenciados aumentam a desigualdade entre os Estados e provocam o inchaço das cidades grandes. Tenho certeza de que o Congresso não vai aprovar isso”, disse Medeiros.

12º) O deputado tucano Márcio Fortes (RJ), secretário-geral do PSDB, evitou comentar o valor. “Não estou psicologicamente preparado”, disse, em tom de brincadeira, para fugir da pergunta.

5.2.4.2 - ANÁLISES DO EXERCÍCIO:

Exercício: Analise essa notícia (T1') de acordo com as categorias propostas por van Dijk (1996).

5.2.4.3 - Análise de S1 E S4 (m) – T1'

A *manchete* não é clara para os leitores que não viram a última edição do jornal. Sabemos que esse assunto é uma “suíte”, mas quem não costuma acompanhar as notícias, não ficaria sabendo de que o *evento principal* do texto era o salário mínimo.

Lead: O *lead* está completo e a retranca trata de reações ao anúncio do novo salário mínimo.

Neste texto foi usado o sub-lead, retomando no segundo parágrafo a parte mais importante da matéria, que foi a reação dos deputados. O texto está estruturado de modo que, apenas relata o *comentário* dos deputados. Podemos observar, em poucas partes do texto, o *relato*, feito pelo jornalista, do que aconteceu. Logo no *lead*, temos um exemplo de “*evento prévio*”, com o anúncio do salário mínimo, que no texto diz: “O novo salário mínimo anunciado ontem...”. Também temos nesse texto, a característica “*expectativa*”, estudada por

Van Dijk. Essa característica está bem explícita no texto, pois vários deputados a demonstram dizendo o que vão fazer. As *reações verbais* são encontradas em quase todos os parágrafos nas vozes dos deputados e senadores.

5.2.4.4 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Na sua análise S1 e S4 fazem uma observação muito pertinente a respeito do título da matéria, da *manchete* dizendo que é uma “suíte”, ou seja, um assunto que rende mais de uma matéria em vários dias. Isso significa que o leitor precisa recuperar a informação do dia anterior para se situar no texto. Para van Dijk (1996) esta é uma das principais características de seu modelo, pois para a compreensão do discurso, além do indivíduo recorrer à *base textual*, ao mesmo tempo, ele precisa ativar, atualizar outros usos do chamado *modelo situacional* na memória episódica “a representação cognitiva dos acontecimentos, ações, pessoas e, de forma geral, a situação sobre a qual o texto se baseia” (1996, p. 24).

Quanto ao *lead*, estes sujeitos/alunos mencionam que está completo e referem-se ao sublead dizendo que demonstra a *reação* dos deputados ao *evento principal* que é o anúncio do novo valor para o salário mínimo.

Outro aspecto relevante desta análise é o fato de S1 e S4 observarem que o texto se estrutura de modo que nos demais parágrafos apenas passa a relatar comentários dos deputados. Na verdade, segundo as categorias propostas por van Dijk, o que os alunos chamam de *comentários* seriam as *reações verbais* dos deputados demonstradas pelo autor do texto através tanto do discurso direto como do discurso indireto e que no final de sua análise S1 e S4 mencionam como se fazendo presentes em quase todos os parágrafos do texto. Entendemos que mais uma vez o que ocorreu foi o fato de que os comentários e as expectativas demonstradas através de declarações dos atores envolvidos no texto noticioso foram confundidas como sendo a categoria *comentários* proposta por van Dijk. Esta categoria só pode ser considerada como uma categoria quando for a *avaliação* ou a *expectativa* do autor do texto e não das pessoas/atores envolvidos com o *evento principal*.

Ainda, nesta análise, S1 e S4 identificam a categoria *eventos prévios* que se apresenta no *lead* e é o anúncio do novo salário mínimo feito pelo governo, isso demonstra a possibilidade da mescla de categorias (*lead + evento prévio*) postulada por van Dijk. O que ficou esquecido nesta análise é uma referência ao *background contexto* (Câmara dos deputados, o dia 23/03/00, pessoas envolvidas etc.).

5.2.4.5 - Análise de S2 e S5 (m) – T1'

A *manchete* apresenta-se acima da matéria. A primeira frase do primeiro parágrafo apresenta o enfoque da matéria, que é a repercussão (negativa) do novo salário mínimo. Na segunda frase vemos qual foi a repercussão negativa: a indignação dos deputados com o valor e a forma do anúncio feito pelo governo. Na terceira frase, o jornalista explica porque os deputados indignaram-se com o anúncio: “para eles, o presidente...”.

O segundo parágrafo mostra a *consequência* do que foi explicado no *lead* (a indignação dos deputados): os deputados apresentarão propostas de modificação da MP assim que ela chegar ao Congresso.

A partir do terceiro parágrafo, notamos as *reações verbais* das pessoas mais importantes envolvidas no caso. O quarto parágrafo mostra as *circunstâncias* do anúncio do novo salário mínimo.

Até o final, a matéria alterna *reações verbais* e *circunstâncias* do anúncio de FHC.

5.2.4.6 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Nesta análise os sujeitos/alunos localizam e reconhecem a *manchete* do texto noticioso. Após, passam a interpretar as funções das informações de cada frase do primeiro parágrafo do texto noticioso. S2 e S5 ao referirem-se ao segundo parágrafo do texto 1' dizem que este mostra a *consequência* do que foi explicado no *lead*, porém quando se referem ao primeiro parágrafo do texto não mencionam que este responde às perguntas básicas do *lead* (quem, o que, quando).

Dando prosseguimento à análise, S2 e S5 dizem que a partir do terceiro parágrafo do texto 1' apresenta-se a categoria *circunstâncias*. Realmente isso ocorre no texto 1'; no entanto, estes sujeitos/alunos esquecem de mencionar a categoria *eventos prévios* que já se apresenta no *lead* do texto como sendo o anúncio do novo valor para o salário mínimo e é este fato que gera o *evento principal* do texto noticioso – indignação dos deputados que prometem barrar este novo valor.

5.2.4.7 - Análise de S3 e S6 (f) – T1'

A *manchete* está acima da notícia e serve como título e atrativo para o leitor ler a matéria.

O primeiro parágrafo é o *lead*. Ele deve responder às perguntas: o quê?, quem? quando?, como?, onde? e por quê? O *lead* é a situação, o fato e nesse caso a *manchete* mostra a complicação.

No segundo parágrafo a complicação é retomada.

As *consequências* e *reações* estão no terceiro e quarto parágrafos.

Os *comentários* estão no oitavo e nono parágrafos.

No quinto e sexto parágrafos aparecem as *expectativas* e as *avaliações*.

O *evento principal* é lembrado em quase todos os parágrafos. O fato do reajuste do salário mínimo não ter agradado, por ser muito baixo.

O décimo, décimo primeiro e décimo segundo parágrafos também apresentam as *consequências* e as *avaliações* do *evento principal*.

5.2.4.8 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

A *manchete* do texto noticioso é reconhecida por estes sujeitos/alunos sem problemas. Quanto ao *lead*, S3 e S6 dizem que este deve responder às perguntas básicas: o que? quem? quando? como? onde e por que? Porém não as explicitam. Após, dizem que o *lead* é a situação, o fato e que a *manchete* mostra a complicação. No entanto, tanto o *lead* quanto a *manchete* indicam o fato que constitui o *evento principal* do texto noticioso: a indignação da câmara dos deputados contra o valor do novo salário mínimo proposto pelo governo.

Ao referirem-se ao segundo parágrafo do texto 1', S3 e S6 dizem que nele a complicação é retomada. Na verdade, o que os sujeitos/alunos chamam de complicação é a *reação* dos deputados ao episódio, ao *evento prévio* (anúncio do novo valor para o salário mínimo feito pelo governo), isso seria o que eles chamam de complemento de informações ao *lead*.

Os sujeitos/alunos dizem que as *consequências* e *reações* estão no terceiro e quarto parágrafos, realmente, no terceiro parágrafo a *consequência* ao *evento principal* vem mesclada à *reação verbal* do relator Eduardo Paes, porém o quarto parágrafo demonstra as *circunstâncias* em que o fato ocorreu.

S3 e S6 assim como outros sujeitos/alunos equivocam-se ao interpretarem a categoria *comentários* subdividida em *expectativas* e *avaliações* proposta por van Dijk (1996), pois para esse teórico só podemos considerar como sendo categoria *comentários* (*expectativas* e *avaliações*) as declarações do autor do texto, isto é, do jornalista, ou do redator do texto. O que acontece é que os alunos tomam como sendo a categoria *comentários* as declarações de atores envolvidos no fato principal da notícia que aparecem no texto através de *reações verbais*. Com isso, o restante de sua análise fica comprometida, pois o texto 1' prossegue com *reações verbais* de muitos envolvidos com o *evento principal* desde o quinto até ao décimo segundo parágrafos finalizando o texto.

Quanto ao *evento principal*, este é bem localizado por S3 e S6, inclusive, eles observam que o *evento principal* é retomado em quase todos os parágrafos do texto 1'. Essa retomada ao *evento principal* é realizada através da *reação verbal* dos deputados indignados.

5.2.5 - TERCEIRA ATIVIDADE

5.2.5.1 -Preliminares

Essa atividade consta da reescritura de um *texto dado* de outro articulista intitulado “Câmara promete barrar novo valor”, já trabalhado na segunda atividade, que está nas páginas 114-115, por isso não o digitaremos novamente.

A terceira atividade foi realizada individualmente pelos sujeitos/alunos. Os critérios de análise observados foram o nível de *informatividade* dos textos e o *princípio da relevância*. Seguimos os mesmos parâmetros já explicitados na turma 0383A.

Como terceira atividade propomos que os alunos reescrevam o texto 1'. Vejamos:

Dê nova redação à notícia: “Câmara promete barrar novo valor”

O texto “Câmara promete barrar novo valor” foi segmentado em sua microestrutura, a partir de seqüências de frases (Sq), agrupadas por unidades de sentido, para possibilitar maior compreensão nas análises realizadas pela professora-pesquisadora.

Vejamos:

5.2.5.2 - Segmentação do texto 1'

1º parágrafo

Sq1: “O novo salário mínimo (...) Câmara.”

Sq2: “Deputados demonstram (...) pelo governo.” “Para eles, o presidente (...) o mínimo.”

2º parágrafo

Sq3: “Deputados prometem (...) ao Congresso.”

3º parágrafo

Sq4: “O relator da proposta (...) outro valor para o mínimo.”

4º parágrafo

Sq5: “O presidente Fernando Henrique Cardoso (...) para divulgação oficial.”

5º parágrafo

Sq6: “Lima e Paes avisaram (...) esse valor.”/ ““Ele (FHC) disse (...) designado’, disse Paes.”

Sq7: “Lima pediu, (...) os trabalhos.”

Sq8: “A comissão tem (...) terça-feira.”

6º parágrafo

Sq9: “O líder do PDT, (...) do governo.”/ “O presidente do Congresso (...) para o presidente da República.”

7º parágrafo

Sq10: “O deputado Luiz Antonio de Medeiros (...), disse que o valor era ‘gozação’.”

8º parágrafo

Sq11: ““Isso é uma provocação’.”/ ““Esse número (...) para o salário’, afirmou Medeiros, referindo-se a marca ‘51’ da aguardente.”

9º parágrafo

Sq12: ““Isso é um tapa na cara’, reagiu (...) José Genoíno (PT-SP).”/ “O líder (...) um litro de leite por dia.”

10º parágrafo

Sq13: ““É um reajuste (...) mínimo’, disse Mercadante.”

11º parágrafo

Sq14: “Os deputados criticaram (...) estaduais.”/ ““Já tentaram isso (...) funcionou’/ Os pisos (...) cidades grandes.”/ ““Tenho certeza (...) isso’, disse Medeiros.”

12º parágrafo

Sq15: “O presidente tucano (...) comentar o valor.”/ ““Não estou (...) preparado’, disse, em tom de (...), para fugir da pergunta.”

5.2.5.3 - Sequências de frases e proposições

Transformamos as seqüências de frases de cada parágrafo em proposições, a partir da redução de informação semântica proposta por van Dijk (1990; 1996). Isso possibilita a visão dos tópicos do texto 1', conforme observaremos abaixo:

5.2.5.4 - Texto 1' "Câmara promete barrar novo valor"

P1: Anúncio do novo valor do salário mínimo.

P2: Indignação dos deputados.

P3: Deputados apresentaram propostas de modificação da medida provisória que estabelece o salário mínimo.

P4: Declaração de Eduardo Paes dizendo que deverá apresentar um projeto com outro valor.

P5: Anúncio do novo valor feito pelo Presidente FHC a Paes e a Paulo Lima, antes da divulgação oficial.

P6: Lima e Paes avisam FHC que a comissão não aceitará o valor. FHC diz que é o que pode dar e se recusa a adiar o anúncio do valor.

P7: Declaração de Miro Teixeira (PDT-RJ) indignado.

P8: Declaração de Luiz A. de Medeiros (PFL-SP) dizendo que o valor é gozação.

P9: Declaração de José Genoíno (PT-SP).

P10: Declaração de Aloízio Mercadante (SP).

P11: Crítica de Medeiros aos pisos estaduais.

P12: Recusa do deputado Mário Fortes (RJ) a comentar o valor.

5.2.5.5 - Reescritura: S1 – T2

Anúncio do novo salário mínimo causa indignação na Câmara

1º) Ontem, vários deputados se mostraram indignados com a forma na qual o governo anunciou o novo salário mínimo. Para os deputados, o Presidente Fernando Henrique Cardoso *atropelou* as discussões da comissão especial criada para discutir o mínimo. A promessa de reação já foi anunciada e as propostas de modificação da medida provisória (MP) vão ser apresentadas assim que esta chegar ao congresso.

2º) O relator da proposta na comissão, Eduardo Paes (PTB-RJ) e o presidente da comissão, Paulo Lima (PMDB- SP), souberam através de FHC, o valor para o novo salário antes mesmo de Fernando Henrique reunir os líderes partidários para a divulgação oficial. Paulo Lima e Eduardo Paes avisaram ao presidente que a comissão não vai aceitar esse valor para o mínimo. "Ele (FHC) disse que era o

reajuste que podia dar. Vou tocar a minha vida e fazer o trabalho para o qual fui designado”, disse Paes.

3º) Já o deputado Paulo Lima, pediu, sem sucesso, que o presidente adiasse o anúncio e esperasse a comissão concluir os trabalhos. O líder do PDT no Rio de Janeiro, Miro Teixeira afirmou que o presidente do senado Antônio Carlos Magalhães não devia aceitar a medida provisória do governo. “ACM deve devolver imediatamente a MP. Se não fizer isso, pode mandar a chave do congresso para o presidente”. A reação dos deputados está em todas as bancadas da Câmara. Os deputados José Genuíno e Aloísio Mercadante do PT são os que mais apresentam indignação.

4º) Isso é um tapa na cara, disse José Genuíno. O líder do PT, Aloísio Mercadante, fez as contas e disse que o aumento não dá para comprar nem um litro de leite por dia. “É um reajuste que significa R\$ 0,50 por dia para 24,7 milhões de trabalhadores que recebem salário mínimo no país”, disse Mercadante.

5º) A idéia de que os Estados escolhessem os pisos salariais também foi reivindicada na Câmara. Quase todos os deputados criticaram a proposta. “Já tentaram isso antes e não funcionou. Os pisos diferenciados aumentam a desigualdade entre os Estados e provocam o inchaço das cidades grandes”, disse o deputado Luiz Antônio de Medeiros do PFL de São Paulo.

5.2.5.6 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Uma das condições básicas para compreendermos a *Teoria da Relevância* consiste em entendermos a noção de contexto como proposto por Sperber & Wilson (1995), pois quando nos referirmos a contexto, este não deve ser entendido apenas como sendo o contexto físico (referencial) ou aquele trazido pelas informações já presentes (sociocultural), mas sim como sendo o resultado de um sistema dedutivo de natureza cognitiva. Nesse sentido, contexto seria um conjunto de premissas, um conjunto de suposições, que é utilizado para interpretar enunciados. Contexto seria um construto psicológico, constituído de um subconjunto de suposições do ouvinte sobre o mundo, que afeta, e mesmo determina, a sua compreensão do enunciado. Essas suposições que constituem o contexto advêm do discurso anterior, do ambiente físico, do conhecimento enciclopédico ativado por entradas lexicais.

Na reescritura de seu texto, S1 mantém a temática de nível mais alto, ou seja, mantém o tópico principal do texto noticioso *dado*, inferindo em sua *manchete* informações que facilitam a compreensão para o leitor. Vejamos o título original do texto: “Câmara promete barrar novo valor”. O título dado por S1 foi: “Anúncio do novo salário mínimo causa indignação na Câmara”. O que aponta para uma certa flexibilidade na reescritura de S1 ao selecionar o que considerou como sendo mais relevante para sua *manchete*. Para Sperber & Wilson (1995), o comunicador ao produzir um enunciado-estímulo, torna, *ipso facto*, mutuamente manifesto (ou mais manifesto) um conjunto de suposições – uma intenção de informar e de alcançar efeitos cognitivos.

Nesse sentido, o enunciado é uma evidência direta – uma ostensão – da *intenção informativa* do falante. Para que ocorra a comunicação propriamente dita, a *intenção informativa* deve “elevar-se” à intenção comunicativa. Comunicar por ostensão é produzir um certo estímulo com o objetivo de realizar a *intenção informativa*, tornando-a manifesta tanto para o comunicador como para o receptor/leitor. A relevância seria o resultado de efeitos contextuais e esforços de processamento por parte dos envolvidos no processo de informação. Com isso, Sperber & Wilson (1995) postulam que a relevância ocorre espontânea e inconscientemente, não é uma regra que se siga ou que se viole, como, por exemplo, os postulados de Grice. O que os sujeitos representam nas suas mentes são apenas *juízos de relevância*, e, estes quando ocorrem são comparativos e intuitivos, nunca quantitativos. S1 julgou como relevante o fato de explicitar mais sua *manchete* para o leitor.

A estrutura do *texto dado* é composta por doze parágrafos e S1 reduz seu texto a cinco parágrafos inferindo macroproposições redutivas, segundo van Dijk (1990), considerando apenas o que seleciona como dados relevantes, confirmando o que foi dito acima por Sperber & Wilson (1995) de que a relevância ocorre espontaneamente sendo um processo ostensivo-inferencial.

No primeiro parágrafo de seu texto 2, S1 mantém os tópicos do primeiro e segundo parágrafos do *texto dado* porém os reduz em um único parágrafo. A seguir, S1 novamente reduz as informações contidas no terceiro, quarto e quinto parágrafos do *texto dado* ao segundo parágrafo de seu texto, apenas rebaixando para o terceiro parágrafo de seu texto a informação sobre o pedido do deputado Lima para que o presidente FHC adiasse o anúncio do novo valor para o salário mínimo. Isso demonstra o *princípio da pirâmide invertida* atuando, pois o que é considerado como tendo menor importância é dito no texto em ordem decrescente de importância. Ainda, no terceiro parágrafo, são incluídas as declarações do líder do PDT/RJ Miro Teixeira e dos deputados José Genuíno e Aloísio Mercadante (PT/SP), continuando no quarto parágrafo de seu texto. Estas declarações no *texto dado* constam no nono e décimo parágrafos.

Algumas informações do *texto dado* são eliminadas por S1, entre elas a de que o deputado Luiz A. de Medeiros é o autor da proposta de aumento do salário mínimo que se encontra no sétimo parágrafo do *texto dado* e também a declaração de indignação deste deputado que está no oitavo parágrafo do *texto dado*.

O último parágrafo escrito por S1 faz referência à declaração do deputado Medeiros que consta no décimo primeiro parágrafo do *texto dado* e é a de que a escolha de pisos salariais pelos estados não dá certo. S1 apaga de seu texto o último parágrafo do *texto dado* –

o décimo segundo. Novamente vemos o *princípio da pirâmide invertida* atuando, isto é, o que está abaixo na estrutura do texto noticioso pode ser eliminado como um todo que não altera o princípio fundamental do jornalismo contemporâneo – o de informar.

Nesta reescritura observamos que S1 altera a ordem de algumas informações do *texto dado* de acordo com o que julga relevante para a estruturação de seu texto, porém mantém a “informação nova” tomada pelo outro articulista, que é o fato de o anúncio do novo salário mínimo ter causado indignação na câmara. Com isso vemos que tanto os critérios de *informatividade* quanto os de *relevância* caminham juntos na reescritura de um texto.

5.2.5.7 - Reescritura: S2 – T2

DEPUTADOS CRITICAM NOVO MÍNIMO

1º) O anúncio do novo salário mínimo pelo presidente Fernando Henrique Cardoso gerou indignação entre os deputados, que criticaram a forma como o anúncio foi feito. Para eles, o presidente ignorou as discussões da comissão especial criada para discutir o novo mínimo. Além disso, eles consideraram o novo valor – R\$151 – muito baixo. Os deputados disseram que vão apresentar propostas de modificação da medida provisória assim que ela chegar ao Congresso.

2º) O presidente da comissão, Paulo Lima (PMDB-SP) e o relator, Eduardo Paes (PTB-RJ) disseram ao presidente que a comissão não irá aceitar o valor. “Ele (FHC) disse que era o que podia dar (de reajuste). Vou fazer o reajuste para o qual fui designado”.

3º) Lima pediu que o presidente adiasse o anúncio e esperasse a comissão concluir os trabalhos. Mas, o presidente não aceitou o pedido. A comissão se reunirá na próxima terça-feira.

4º) O deputado Aluizio Mercadante (PT-SP) afirmou que o aumento não dá para comprar nem um litro de leite por dia. “É um reajuste que significa R\$ 0,50 por dia para 24,7 milhões de trabalhadores que recebem salário mínimo”.

5º) O autor da proposta de aumento do mínimo para US\$100, deputado Luiz Medeiros (PFL-SP), afirmou que o valor era uma provocação, “bom para publicidade de cachaça, mas uma ‘sacanagem’ para o salário”, lembrando da marca de aguardente 51. Para o deputado José Genoíno (PT-SP), o novo salário “é um tapa na cara”.

6º) Os deputados também criticaram a proposta de pisos diferentes estaduais. “Já tentaram isso antes e não funcionou. Os pisos diferenciados aumentam a desigualdade entre os Estados e provocam o inchaço das cidades grandes. Tenho certeza de que o Congresso não vai aprovar isso”, disse Luiz Medeiros.

5.2.5.8 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Este sujeito/aluno na sua reescritura também mantém a macroestrutura de nível mais alto do *texto noticioso dado*, parafraçando-o. Vejamos, o título original é: “Câmara promete barrar novo valor” e S2 o transforma em: “Deputados criticam novo mínimo”.

A seguir, S2 agrupa ao *lead* de seu texto a informação de reação dos deputados ao novo valor do mínimo que está no segundo parágrafo do *texto dado* elevando-o a um nível mais alto e também infere o valor do novo salário mínimo, elemento que não aparece no *texto original/dado*. Para van Dijk (1990), S2, no momento de inserir esta informação julgando-a relevante, recorre ao seu conhecimento enciclopédico, à sua memória de longo prazo.

Novamente S2 faz a junção de dois parágrafos do *texto dado*, especificamente, do quarto e quinto, que na sua reescritura passam a estruturar o segundo parágrafo. Cabe ressaltar que a informação de que Paulo Lima (PMDB-SP) solicita ao presidente o adiamento do anúncio do salário mínimo que consta no final do quinto parágrafo do *texto dado* não é incluída no segundo parágrafo do texto de S2 mas, sim, vem como informação única do terceiro parágrafo de seu texto 2. Na verdade, o que ocorre é que S2 hierarquiza essa informação em relação ao *texto dado* elevando-a em seu texto.

O quarto parágrafo do texto de S2 é composto de informações que se encontram no nono e décimo parágrafos do *texto dado*. Mais uma vez vemos a *teoria da relevância* juntamente com as *macrorregras* propostas por van Dijk (*seleção e apagamento*), atuando no momento da escolha das informações que S2 julga mais importantes para a estruturação de seu texto. Este sujeito/aluno elimina toda a informação contida no sexto parágrafo do *texto dado* referente às *reações verbais* do líder do PDT, Miro Teixeira/RJ, e as informações do sétimo e oitavo parágrafos do *texto dado* passam a constituir o quinto parágrafo de sua reescritura.

A informação contida no décimo primeiro parágrafo do *texto dado* é mantida por S2 e constitui o último parágrafo de seu texto. Quanto à informação do décimo segundo parágrafo do *texto dado*, esta é eliminada por S2. Mais uma vez confirma-se o *princípio da pirâmide invertida* atuando, isto é, se é necessário cortar alguma informação do texto noticioso deve-se iniciar o corte por baixo. S1 na sua reescritura também toma essa postura eliminando a última informação do *texto noticioso dado*. Convém ressaltar que o *texto dado* possui doze parágrafos e S2 os reduz à metade na sua reescritura.

Dessa forma, percebe-se que a escolha de que informação é mais ou menos relevante pressupõe decisões pessoais e também profissionais do sujeito jornalista e isso demonstra a interface proposta pela teoria de van Dijk (1990) de que na construção do texto pelo sujeito há o intercruzamento de aspectos cognitivos + aspectos de textualização.

5.2.5.9 - Reescritura: S3 – T2

Valor do Salário Mínimo não é aceito pela Câmara

- 1º) O novo valor do salário mínimo não foi bem aceito na Câmara dos Deputados. Eles ficaram indignados com o valor e com a forma do anúncio feito pelo governo. Os deputados prometem reagir apresentando propostas de modificação da medida provisória que estabelece o valor do salário mínimo.
- 2º) O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou o novo valor para o relator da proposta na comissão, Eduardo Paes (PTB-RJ) e para o presidente da comissão, Paulo Lima (PMDB-SP), antes de reunir os líderes partidários. Lima e Paes avisaram ao presidente que a comissão não iria aceitar o novo valor.
- 3º) O deputado Luiz Antonio de Medeiros (PFL-SP), que propôs o aumento para o equivalente a US\$ 100, disse que o valor era “gozação”. O líder do PT, Aloizio Mercadante (SP), fez as contas e disse que com o valor do aumento não dá nem pra comprar um litro de leite por dia.
- 4º) Os deputados criticaram também a iniciativa de pisos estaduais. “Isso aumenta a desigualdade entre os Estados e provoca o inchaço das cidades grandes.”
- 5º) O deputado tucano Márcio Fortes (RJ), secretário geral do PSDB, disse, em tom de brincadeira, que não estava psicologicamente preparado para comentar o valor.

5.2.5.10 - Comentários analíticos da professora-pesquisadora

Este sujeito/aluno ao reescrever seu texto infere no seu título uma negação “Valor do Salário Mínimo não é aceito pela Câmara”, porém mantém o tópico global do discurso como sendo a informação nova para o leitor já determinada pelo outro articulista. A seguir faz a junção do primeiro com o segundo parágrafos do *texto dado*, reduzindo-os a um único parágrafo, mais uma vez confirmando a teoria postulada por van Dijk (1990) de redução de informação semântica.

S3 omite a informação contida no terceiro parágrafo do *texto dado* de que o relator Eduardo Paes (PTB/RJ) vai continuar trabalhando para apresentar um projeto com outro valor para o salário mínimo. Essa atitude de S3, ao organizar a reescritura de seu texto 2, demonstra a seleção de informações que considerou mais relevantes hierarquizando-as e também a omissão de outras informações, pois o *texto dado* possui doze parágrafos e o texto 2 de S3 possui apenas cinco parágrafos.

Prosseguindo na sua reescritura, S3 faz a junção da informação contida no quarto parágrafo e uma parte da informação contida no quinto parágrafo do *texto dado*, eliminando o restante. Neste momento, vemos as *macrorregras* de *seleção* e *apagamento* atuando juntamente com os pressupostos cognitivos e contextuais que atuam no momento da escolha das informações mais ou menos relevantes.

Todo o sexto parágrafo do *texto dado* é apagado por S3. Há uma junção das informações contidas no sétimo, oitavo, nono e décimo parágrafos do *texto dado* tornando-se o terceiro parágrafo do texto 2 de S3.

O quarto parágrafo reescrito por S3 está em desacordo com o *texto dado*, pois neste a declaração sobre os pisos estaduais é feita pelo deputado Luiz A. de Medeiros (PFL-SP) e S3 na reescritura de seu texto 2 infere esta declaração como sendo dos deputados em geral. É preciso ter cuidado com os detalhes no momento da reescritura para não alterar as informações.

A informação do décimo segundo parágrafo do *texto dado* é mantida por S3. Neste momento é relevante o fato de que S3, ao contrário de S1 e S2, não corta a última informação do *texto noticioso dado* e sim apaga informações contidas no corpo deste texto. Isso vai ao encontro da *teoria da relevância* proposta por Sperber & Wilson (1995) quando afirmam que esta propõe um modelo de processamento de informação ostensivo inferencial não-demonstrativo de compreensão, isto é, um processo inferencial espontaneamente realizado pelos seres humanos, que não pode ser provado, apenas confirmado.

Nesse sentido, não podemos explicar quais foram *as premissas e suposições* que levaram S3 a contrariar o *princípio da pirâmide invertida*, o qual postula que se é necessário cortar as informações do texto noticioso deve-se iniciar o corte por baixo. S3 faz exatamente o contrário, mantém a última informação e corta informações contidas no corpo do texto.

Dessa forma, no processo de seleção dos dados para construção de um novo texto ocorre o intercruzamento de elementos cognitivos com elementos lingüísticos atuando nos sujeitos de maneira diferenciada. Prova disto é que cada sujeito constrói um novo texto estruturando as informações de acordo com o que julga mais relevante. Subjacente a esta atitude estão seus pressupostos cognitivos, seu conhecimento de mundo, suas formas de representar o mundo, enfim seus frames, scripts e ideologias.

Dando prosseguimento a nossa pesquisa, apresentaremos as considerações finais, a seguir a bibliografia e os anexos deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para melhor explicitar os resultados desta pesquisa que aborda a *estrutura esquemática do texto noticioso*, sua *macroestrutura*, a *informatividade* e o *princípio da relevância*, apresentaremos uma sumarização do que o experimento realizado em sala de aula nos proporcionou.

Com relação ao reconhecimento e compreensão das categorias específicas para o texto noticioso que segundo van Dijk (1990; 1996) são: *manchete*, *lead*, *evento principal*, *circunstâncias/background contexto*, *backgroundd história*, *eventos prévios*, *conseqüências/reações verbais*, *avaliação* e *expectativas*; tanto na primeira atividade em que os alunos deveriam reconhecer as categorias em um texto seu, quanto na segunda atividade na qual os alunos deveriam reconhecer as categorias em um texto de outro articulista, temos:

- Na primeira e segunda atividades propostas em sala de aula, todos os alunos reconheceram as categoria de topo que são a *manchete* e o *lead*. Inclusive o “subtítulo” ou “linha fina” ou ainda “olho da matéria” são mencionados por alguns alunos quando a notícia os apresenta, como, por exemplo: S1 e S2 – T1’ T0383B;

- Os alunos também referem-se ao sublead, que não é considerado como categoria na *Teoria da Superestrutura do Discurso Noticioso* proposta por van Dijk (1990; 1996);

- Quanto às categorias que estruturam o corpo do texto como *background contexto*, *evento principal*, *eventos prévios*, *conseqüências*, certos alunos na sua análise esquecem de mencionar algumas sendo que a mais recorrente foi a categoria *eventos prévios*;

- A grande maioria dos alunos compreendem e identificam a mescla de categorias quando ocorre como, por exemplo: S3 e S6 – T1’ T0383C (*conseqüências + reações verbais*) e S2 – T1 T0383B (*lead + evento principal*);

- Os sujeitos 1 e 4 da turma 0383C ao analisarem o T1' consideram o assunto deste texto como sendo uma "suíte", assunto que rende mais de uma matéria, o que realmente é. Neste caso há a inferência de uma informação;

- Uma parte dos alunos ao identificar a categoria *comentários* subdividida em *avaliação* e em *expectativas* se equivoca confundindo-a com a categoria *reações verbais* como por exemplo, S1 – T1 e S2 – T1 da turma 0383A; S2 – T1 da turma 0383B; S1 – T1 da turma 0383C e outros mais;

- Há a tendência de certos alunos interpretarem algumas partes do texto noticioso literalmente, como por exemplo, S2 e S5 – T1' da turma 0383C.

Com relação à terceira atividade, isto é, a reescritura do *texto dado*, vejamos alguns resultados do experimento:

- A temática principal do *texto dado* é mantida por todos os alunos;
- Na produção de um novo texto, o *princípio da relevância* opera como restrição: o aluno seleciona, classifica e ordena dados que considera como sendo os mais relevantes e constrói o seu modelo de texto a partir disso;
- Em todas as turmas os *textos dados* foram reduzidos praticamente à metade. A estratégia de resumo foi utilizada através das *macrorregras* de *supressão*, *generalização* e *construção* que reduzem a informação de um texto a seus temas;
- Observamos que nossa variável dependente (a *teoria da superestrutura da notícia*) sofre efeito da variável independente (os sujeitos/alunos), pois estes ao utilizarem as estratégias de redução e organização transformam o *texto dado*, modificando-o completamente;
- Há inferências de informações na reescritura que não constam no *texto dado*;

- Há transformações do discurso direto em discurso indireto. Vemos com isso a atuação de estratégias cognitivas e estratégias lingüísticas;
- A maioria dos alunos mantêm os tópicos do *texto dado*;
- Ocorre apagamento da última informação do *texto dado* confirmando o *princípio da pirâmide invertida* como, por exemplo, S7 – T2 da turma 0383A e S1– T2 da turma 0383C;
- Os alunos alteram a ordem das informações no corpo do texto fazendo permutações. Informações que se encontram em parágrafos mais baixos no *texto dado* são elevadas no texto reescrito. Também ocorre o abaixamento de algumas informações e o apagamento de outras;
- Há alunos que na reescritura seguem a mesma ordem em que as informações se encontram no *texto dado*;
- No texto 2 de S3 da turma 0383C a última informação do *texto dado* é mantida contrariando o *princípio da pirâmide invertida*. Esse sujeito apaga informações contidas no corpo do texto;
- O movimento de elevação, rebaixamento, e às vezes, apagamento de informações ocorre na maioria dos textos reescritos.

De modo geral, os textos demonstram que *informatividade* e *relevância* estão conjuntamente ligadas, pois não há como se utilizar de uma sem a outra; os mecanismos da *relevância* (estratégias cognitivas) subjazem à *macrossintaxe do discurso noticioso* e organizam a unidade semântica global do texto, seu sentido; o preenchimento das categorias vazias da superestrutura textual, por si só, não dá conta da interação dos diversos elementos que operam simultaneamente como temas, esquemas, *princípios de relevância* e recência.

Nesta pesquisa percebe-se que os sujeitos/alunos que compõem o corpus deste trabalho apresentam, como sendo uma marca muito forte na sua escritura, o tipo de representação mental proposto pelo *princípio da pirâmide invertida* e, em sala de aula, no nosso experimento, trabalhamos com os sujeitos/alunos um *novo modelo mental* para estruturação do discurso noticioso constituindo-se na *Teoria da Superestrutura do Discurso*

da Notícia de Jornal proposto por van Dijk (1990; 1996) na tentativa de contribuirmos para o enriquecimento de sua produção textual.

Convém ressaltar que nosso propósito ao trabalhar com essa nova teoria não deve ser entendido como sendo uma mera substituição de conhecimentos, de paradigmas, mas sim uma ampliação do conhecimento que estes sujeitos/alunos já possuíam, como uma evolução conceitual.

Esperamos que os possíveis resultados do experimento sejam refletidos ao longo do tempo, na trajetória profissional desses sujeitos/alunos e também que o trabalho venha a contribuir com os pesquisadores que se dedicam ao estudo da linguagem humana.

BIBLIOGRAFIA

ADAM, Jean-Michel. *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan, 1992

ARISTÓTELES. *A arte retórica e a arte poética*. Trad. Antônio P. de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d]

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso. História e literatura*. São Paulo: Ática, 1995

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999

BARBOSA, Gustavo & RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1987

BARROS, Diana L. P. de. "Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso" In: *Dialogismo e construção de sentido*. Campinas, 1977

BEAUGRANDE, Robert. *Curso: Tendências em Lingüística Aplicada*. Florianópolis: UFSC, 1975

& DRESLLER, Wolfgang. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976

- BELTRÃO, Luiz. *A imprensa informativa*. São Paulo: Ed. Folco Masucci, 1985
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976
- BERNÁRDEZ, Enrique. *Introducción a la Lingüística del Texto*. Madrid: Espasa, 1982
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de Comunicação Escrita*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 1993
- BOGDAN, Robert. *Introduction to qualitative research methods: a phenomenological approach to the social sciences*. New York: L. Wiley & Sons, 1975
- _____ & BIRTEN, S. K. *Qualitative research for education; an introduction for to theory and methods*. Boston, Allyn and Bacon, 1982
- BONINI, Adair. *O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais. Uma contribuição à teoria dos esquemas cognitivos para textos*. Florianópolis, 1999. 212 p. Doutorado em Lingüística, UFSC
- BOVÉE, Warren G. *Discovering Journalism*. London: Greenwood Press, 1999
- BREEN, Myles (editor) *Journalism Theory & Practice*. Australia: Macleay Press, 1998
- CABRAL, Loni Grimm & GORSKI, Edair. *Lingüística e Ensino. Reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998
- CASTRO, Maria F. Pereira de (Org.) *O Método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996
- CAZACU, Tatiana Slama. *Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas*. Trad. Leonor Scliar Cabral. São Paulo: Livraria Pioneira Editora [s/d]
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 31ª ed. São Paulo: Nacional, 1989

CHALHUB, Samira. *Funções de Linguagem*. 4ª ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1987

_____. *A Metalinguagem*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1991

DANIELS, Harry (org.) *Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos*. Tradução de: Elisabeth J. Cestari & Mônica Saddy Martins. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. Trad. Carlos Vogt et alii São Paulo: Cultrix, 1977

_____. *O dizer e o dito*. Trad. Elisa Guimarães. Campinas: Pontes, 1987

EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. São Paulo: Ática, 1985

ERBOLATO, Mário E. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985

FAIRCLOUGH, Norman. *Media Discourse*. Londres: Edward Arnold, 1995

FARACO, Carlos & MOURA, Francisco M. *Língua e Literatura*. 13ª ed. v.01 São Paulo: Ática, 1993

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1996

_____. *Como usar O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore V. *Lingüística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1983

_____. *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ática, 1991

155

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário Aurélio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz F.B. Neves. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987

FOLHA de S. PAULO. *Manual geral de redação*. 2ª ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987

FRANCHI, Carlos. "Mas o que é mesmo gramática?" In: LOPES, Harry Vieira et alii (orgs) *Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade*. São Paulo: Secretaria da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991

FURLANETTO, Maria Marta. "Gênero discursivo, tipo textual e expressividade" Inédito, 1995

_____. "Produzindo textos: Gêneros ou tipos?" Inédito, 1996

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1999

GERALDI, João W. *O Texto na Sala de Aula: Leitura & Produção*. 2ª ed. Cascavel: Assoeste, Ed. Educativa, 1985

_____. *Portos de Passagem*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995

_____. *Linguagem e Ensino. Exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado das Letras: ALB, 1998

GRICE, H. P. "Lógica e Conversação" (trad. João W. Geraldi) In: *Pragmática – Problemas, Críticas, Perspectivas da Lingüística*. v. IV (org. Marcelo Dascal) Campinas, 1982

GUIMARÃES, Elisa. *Articulação do Texto*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1995

GUIMARÃES, Doroti Maroldi. *Um estudo da organização textual de editoriais de jornais paulistanos*. São Paulo, 1992. 163p. Dissertação de Mestrado, PUC/SP.

_____. *A organização textual da opinião jornalística: nos bastidores da notícia*. São Paulo, 1997. 193p. Doutorado em Língua Portuguesa, PUC/SP.

HALLIDAY, M. A K. & HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in spoken written english* London, Longman, 1973

_____. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976

HYMAN, Ray. *Natureza da investigação psicológica*. 3ª ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1977

ILARI, Rodolfo & GERALDI, J. Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein & José P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1969

JOHNSON-LAIRD, Philip. *Mental Models*. Cambridge MA: Harvard University Press, 1983

KINTSCH, Walter & VAN DIJK, Teun Adrianus. *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press, 1983

KOCH, Ingedore Villaça. "Contribuição a uma tipologia textual" In: *Letras & Letras* v.3, n.1 Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985

_____. *A coesão textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990

_____. "O texto: construção de sentidos" In: *Organon* v.9, nº 23 Instituto de Letras da URGs, 1995

_____. *Argumentação e Linguagem*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996

- _____ & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência Textual*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 1998
- KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. Trad. Celia Neves e Alderico Toribio. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989
- LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1981
- _____. *Estrutura da Notícia*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993
- _____. *Controle da Opinião Pública. Um ensaio sobre a verdade conveniente*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998a
- _____. *Linguagem Jornalística*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998b
- _____. *Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2000 (no prelo)
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 1982
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997
- _____. *Termos-Chave da Análise do Discurso*. Trad. Márcio V. Barbosa & Maria Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998
- MARTINS, Joel & BICUDO, Maria Aparecida V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC/Moraes, 1989
- MEURER, José Luiz & MOTTA-ROTH, Désirée (org.) *Parâmetros de Textualização*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1977

MOIRAND, Sophie et al *O Texto Leitura & Escrita*. Org. Charlotte Galves, Eni P. Orlandi & Paulo Otoni. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987

_____. "Texto e Discurso" In: *Organon* 23. v.09, nº 23, UFRG: Instituto de Letras, 1995

_____. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996

_____. *A Leitura e os Leitores*. (org.) Campinas, São Paulo: Pontes, 1998

_____. "Discurso e Argumentação: Um observatório do político". In: *Fórum Lingüístico UFSC/CCE Florianópolis: Imprensa Universitária*, v.1, n.1. maio 1998.

PECHEUX, Michel. "O mecanismo do (des)conhecimento ideológico" In: *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação – A Nova Retórica*. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996

PERINI, Mário. *A Gramática Descritiva do Português*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996

PLATÃO, Francisco & FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto. Leitura e Redação*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1993

POSSENTI, Sírio. "Gramática e Política" In: *Novos Estudos do Cebrap*, v.02, nº 03 São Paulo: Ed. Brasileira de Ciências, 1983

- _____. *Por que (não) Ensinar Gramática na Escola?* São Paulo: Unicamp, 1995
- RATHS, Louis et al. *Ensinar a pensar - teoria e aplicação.* São Paulo: EPU, 1976
- REGO, Teresa C. *Vygotsky. Uma perspectiva histórico-cultural da educação.* 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998
- ROCCO, M. T. F. *Crise na Linguagem: a redação no vestibular.* São Paulo: Mestre Jou, 1981
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. "A notícia de jornal: tipo ou atualização do tipo narrativo"
In: *Alfa* v. 35, São Paulo, 1991
- SCHMIDT, Siegfried J. *Linguística e Teoria do Texto.* São Paulo: Pioneira, 1978
- SILVA, Délcio Barros da. "A superestrutura da notícia de jornal" In: *Revista do Centro de Artes e Letras.* v. 10, nº1 – 2, jan/dez, 1988 – UFSM
- SILVEIRA, Jane Rita C. da & FELTES, Heloísa P. de Moraes. *Pragmática e Cognição: a textualidade pela relevância.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. *Relevance Communication and Cognition.* 2ª ed. Cambridge, USA: Blackwell Publishers Inc., 1995
- TERZI, Sylvia Bueno. "Processos de relevância no texto jornalístico: títulos enviesados e tangenciais" In: *Trabalhos de Linguística Aplicada,* Campinas, (20):119-131, Jul./Dez. 1992
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.* 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1998
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas.* São Paulo: Summus, 1993
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo: Atlas, 1987

vAN DIJK, Teun Adrianus. *Texto y contexto. Semántica y pragmática del discurso*. Madrid Cátedra, 1980

_____. *Handbook of Discourse Analysis*. V.1 London: Academic Press, 1985

_____. "Models in Memory. The role of situation representations in discourse processing" Mimeógrafo, Amsterdam, [s/d]

_____. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1989

_____. *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990

_____. "Discourse and cognition in society". Mimeógrafo, Amsterdam, 1992

_____. "Estruturas Discursivas e Ideológicas" In: Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Aila, Amsterdam, Agosto, 1993. Tradução-Resenha de Liselotte C.H. Figueiredo & Leda Q. de Paula.

_____. "De la gramática del texto al análisis crítico del discurso" In: *Boletín de Estudios Lingüísticos Argentinos*. Año 2, nº 6, Mayo, 1995

_____. *Cognição, discurso e interação*. (org. de Ingedore Villaça Koch) São Paulo: Contexto, 1996

_____. *Ideology. A Multidisciplinary Study*. London: Sage (in Press), 1998

VASCONCELOS, Celso dos S. "Metodologia dialética em sala de aula" In: *AEC, Associação das Escolas Católicas*, nº 26 POA, RS, 1996.

ANEXOS

ANEXO 1
PLANO DE ENSINO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

PLANO DE ENSINO

DISCIPLINA: COM 5301 – Redação III

PROFESSOR: Flávio Roger Camargo de Sturdze

PROFESSORA-PESQUISADORA: Luzinete Carpin Niedzieluk

AULAS SEMANAIS: 04

TOTAL DE HORAS-AULA: 72

TURMAS: 0383A, 0383B, 0383C e 0383D

HORÁRIOS: 207304, 407304, 313304 e 513304

PERÍODO LETIVO: 00/1

OBJETIVO

Possibilitar aos alunos o reconhecimento e a compreensão de categorias textuais específicas implicadas na notícia, superestrutura, macroestrutura e microestrutura.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Considerações prévias à produção do texto jornalístico notícia (definição e características)
2. O “Modelo Cognitivo de Compreensão e Produção do Discurso” e sua “Teoria da Superestrutura do Discurso Noticioso” proposto por van Dijk (1990 e 1996).

METODOLOGIA

As aulas serão predominantemente práticas, com aulas teóricas e leituras funcionando como suporte às atividades de produção e análise do texto jornalístico. O experimento contará com aulas expositivo-dialogadas, atividades individuais e em grupo.

AValiação

O processo avaliativo se dará através da análise do corpus produzido pelos alunos colaboradores do experimento.

BIBLIOGRAFIA SIGNIFICATIVA

- KINTSCH, Walter & vAN DIJK, Teun Adrianus. *Strategies of Discourse Comprehension*. New York, London: Academic Press, 1983
- LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1981
- _____. *Estrutura da Notícia*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993
- _____. *Linguagem Jornalística*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998a
- _____. *Controle da Opinião Pública. Um ensaio sobre a verdade conveniente*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998b
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. "A notícia de jornal: tipo ou atualização do tipo narrativo" In: Alfa v.35, São Paulo, 1991
- SCHMIDT, S. J. *Linguística e Teoria do Texto*. São Paulo: Pioneira, 1978
- SILVA, Délcio Barros da. "A superestrutura da notícia de jornal" In: *Revista do Centro de Artes e Letras*. v.10, nº1 – 2, jan/dez, 1988 – UFSM
- vAN DIJK, Teun Adrianus. *Texto y contexto. Semántica y pragmática del discurso*. Madrid Cátedra, 1980
- _____. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1989
- _____. *La noticia como discurso. Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona: Paidós, 1990
- _____. "Estruturas Discursivas e Ideológicas" In: Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Aila, Amsterdam, Agosto, 1993. Tradução-Resenha de Liselotte C.H. Figueiredo & Leda Q. de Paula.
- _____. *Cognição, discurso e interação*. (org. de Ingedore Villaça Koch) São Paulo: Contexto, 1996

ANEXO 2
QUESTIONÁRIOS
QUESTIONÁRIO PRÉ-TESTE
QUESTIONÁRIO PÓS-TESTE

QUESTIONÁRIO PRÉ-TESTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
Professora-pesquisadora: Luzinete Carpin Niedzieluk

Questionário sócio-cultural distribuído aos alunos do Curso de Jornalismo, 3ª fase-UFSC

Disciplina: Redação III (COM 5301)

Profº: Flávio Roger Camargo de Sturdze

Turma:

Data:

Olá Pessoal. Gostaria da colaboração de vocês no sentido de que respondessem as perguntas abaixo.

- 1) Qual é seu nome ?
- 2) Qual é sua idade?
- 3) Qual o nome de seu pai? E, da sua mãe?
- 4) Qual a idade de seu pai? E, da sua mãe?
- 5) Qual o nível de escolaridade de seu pai? E, da sua mãe?
- 6) Qual a profissão de seu pai? E, da sua mãe?
- 7) Você trabalha? Qual a sua profissão?
- 8) O curso de jornalismo foi sua primeira opção no vestibular? Caso não tenha sido, cite a primeira opção.
- 9) O que levou você a optar por este curso? Cite os motivos.
- 10) Você tinha/tem o hábito de ler periódicos diariamente? Cite o nome daqueles que você costuma ler.
- 11) Na sua opinião, o que motiva as pessoas a lerem jornais?
- 12) Entre os periódicos de Santa Catarina, na sua opinião, qual é o melhor?
- 13) E, entre os periódicos do Brasil, qual é a sua preferência?
- 14) Qual(is) o(s) jornalista(s) você escolheria como modelo?

- 15) Vocês como produtores de notícias sempre gostaram de escrever? Tanto em caso positivo quanto negativo justifiquem sua resposta.
- 16) Quais as dificuldades encontradas nas aulas de língua portuguesa referentes ao seu aprendizado? Vocês sempre gostaram desta disciplina? Justifiquem sua resposta.
- 17) Como vocês que são produtores de textos definem texto?
- 18) Que tipos de textos vocês produzem no seu dia-a-dia?
- 20) Existe alguma diferença entre texto e discurso para vocês?
- 21) Por favor, descreva os passos para se produzir uma notícia.
- 22) Os passos que vocês descreveram acima podem ser considerados um esquema? Justifique sua resposta.

QUESTIONÁRIO PÓS-TESTE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
Professora-pesquisadora: Luzinete Carpin Niedzieluk**

Questionário distribuído aos alunos do Curso de Jornalismo, 3ª fase-UFSC

Disciplina: Redação III (COM 5301)

Profº: Flávio Roger Camargo de Sturdze

Turma:

Data:

Olá Pessoal. Gostaria da colaboração de vocês no sentido de que respondessem as perguntas abaixo.

- 1) Cite as dificuldades encontradas por vocês ao proceder a análise do texto jornalístico: a notícia elaborada por vocês e a elaborada por outro jornalista.

- 2) Após, nossas aulas, você(s) enquanto futuro(s) “produtor(es) de notícia(s)”, percebeu(ram) alguma contribuição no sentido desta produção textual.

- 3) Cite tanto os aspectos positivos quanto os aspectos negativos desta experiência.

ANEXO 3
TEXTO DA TURMA 0383A
CÂMARA ADIA DE NOVO LEI ANTINEPOTISMO – (T1’)
SUPERESTRUTURA DO TEXTO 1’

Texto Jornalístico - T1'

Folha de S. Paulo - 09 de fevereiro de 2000

FOLHA DE S. PAULO

quarta-feira, 9 de fevereiro de 2000 brasil 1 ■ 5

REFORMA DO JUDICIÁRIO *Item da emenda que regulamenta contratação de parentes deve ser votado após o Carnaval*

Câmara adia de novo lei antinepotismo

da Agência de Brasília

Deverá ficar para depois do Carnaval a votação do dispositivo da emenda da reforma do Judiciário que proíbe o nepotismo (contratação de parentes). Ontem, os líderes dos partidos decidiram que o item da emenda é um dos que serão votados por último. Deputados querem tentar chegar a um acordo antes de votar o texto.

A proposta é modificar a redação da deputada Zulaia Cobra (PSDB-SP), relatora do projeto, para permitir uma cota para a contratação de parentes.

—“Vamos ganhar tempo para chegar a um consenso em torno da emenda. Vamos estabelecer limites claros. Ou a vedação absoluta ou um limite que seja tolerável pela sociedade”, afirmou o líder do PSDB, Aécio Neves (MG). O PSDB apóia o texto da relatora que proíbe o nepotismo.

“A questão está sendo discutida em clima emocional. Não pode-

mos punir parente pelo simples fato de ser-lo”, afirmou o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), que defende a proposta alternativa à redação da relatora para permitir a contratação de até dois paren-

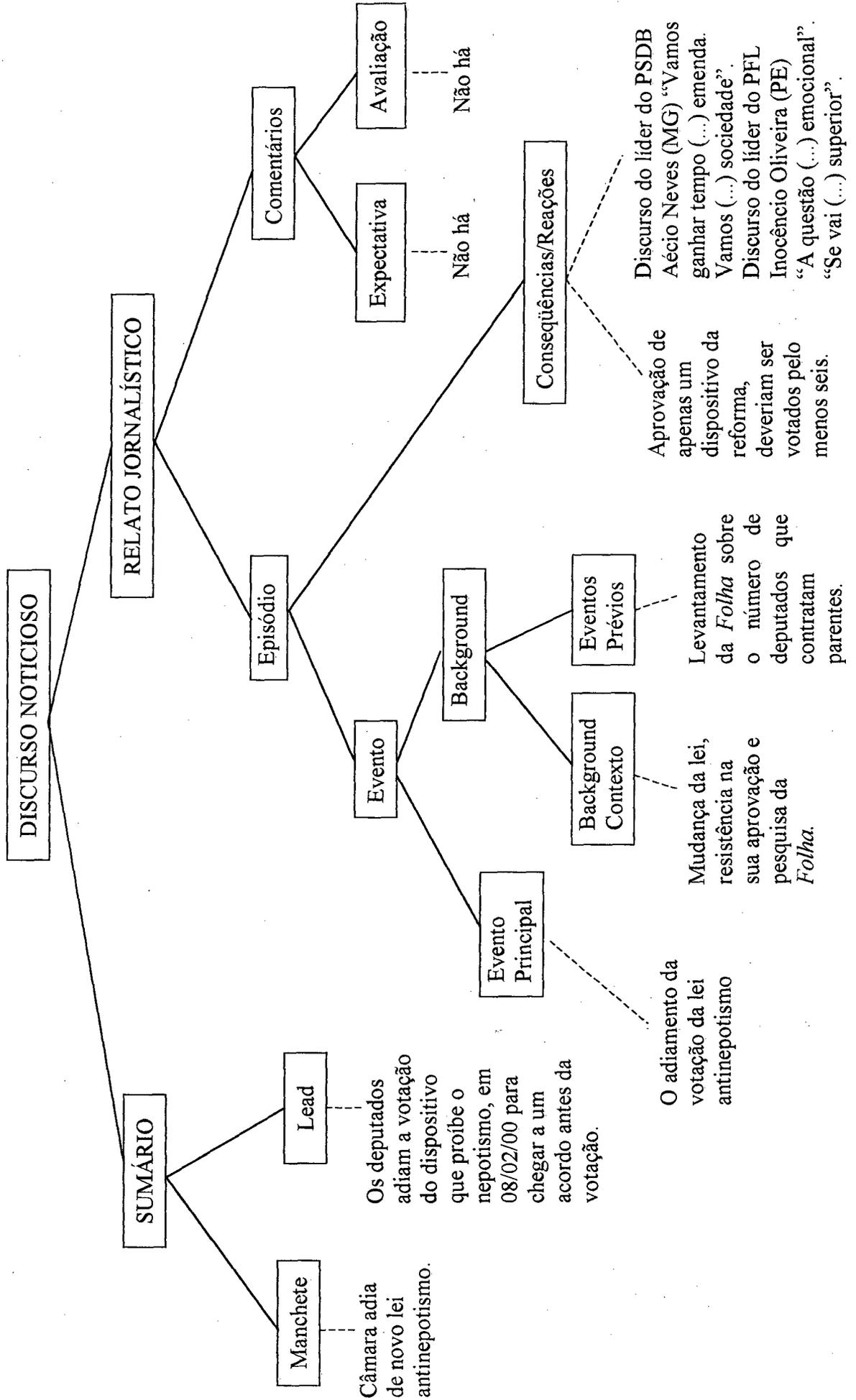
tes, com habilitação para o cargo. “Se vai receber um DAS (cargo em comissão), tem de ter curso superior”, afirmou Inocêncio.

Parlamentares resistem em aprovar a proibição do nepotis-

mo. Na Câmara, 186 deputados contrataram 315 parentes, de acordo com levantamento feito pela Folha em outubro do ano passado com base em informações oficiais da Casa.

Ontem, a Câmara deveria votar mais seis dispositivos da reforma. Até o fechamento desta edição, os deputados haviam aprovado uma modificação no texto para permitir que o advogado-geral da União

também possa entrar com Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade) e com ADC (Ação Direta de Constitucionalidade) no Supremo Tribunal Federal. (DENISE MADUEIRO)



ANEXO 4
TEXTO DA TURMA 0383B
PITTA TERÁ DE DEVOLVER CARROS – (T1’)
SUPERESTRUTURA DO TEXTO 1’

Texto Jornalístico - T1'

Diário Catarinense - 24 de março de 2000

POLÍTICA ▼ CORRUPÇÃO

Pitta terá de devolver carros

Depoimento do filho do prefeito faz PPB exigir veículos de volta

SÃO PAULO

O PPB paulista quer a devolução dos dois veículos do partido emprestados à família do prefeito paulistano, Celso Pitta (PTN). Em depoimento ao Ministério Público, o filho do prefeito, Victor Pitta, afirmou que até hoje seus seguranças usam um "Gol 1.6 de cor cinza, placas CNM-5630, de São Paulo", cedido pelo PPB. De acordo com Victor, o fato de continuar com o carro é uma evidência de que "não há nenhuma ruptura séria" entre Pitta, que desde o ano passado é filiado ao PTN, e o ex-prefeito de São Paulo Paulo Maluf, presidente nacional do PPB.

O advogado do partido, Christopher Rezen-de G. Aguiar, foi ontem até o antigo apartamento de Pitta, onde moram a ex-mulher do prefeito Nicéa Pitta e o filho, para entregar a

solicitação de imediata devolução dos dois carros de propriedade do diretório estadual do PPB.

O pedido, endereçado ao prefeito, é assinado pelo presidente do PPB paulista, Adhemar de Barros Filho. A atitude do partido irritou Nicéa, que se recusou a devolver o veículo usado pela segurança pessoal do filho. O advogado do partido também entregou cópia do pedido de devolução dos carros na prefeitura de São Paulo.

Segundo Nicéa, os dirigentes do PPB de São Paulo ficaram "loucos" com o depoimento de seu filho, porque não lembrava que os carros eram do PPB.

"Eles estão subestimando a minha inteligência", afirmou ao jornal *O Globo* a ex-primeira-dama, acrescentando que é "público e notório" que o prefeito mudou de endereço e

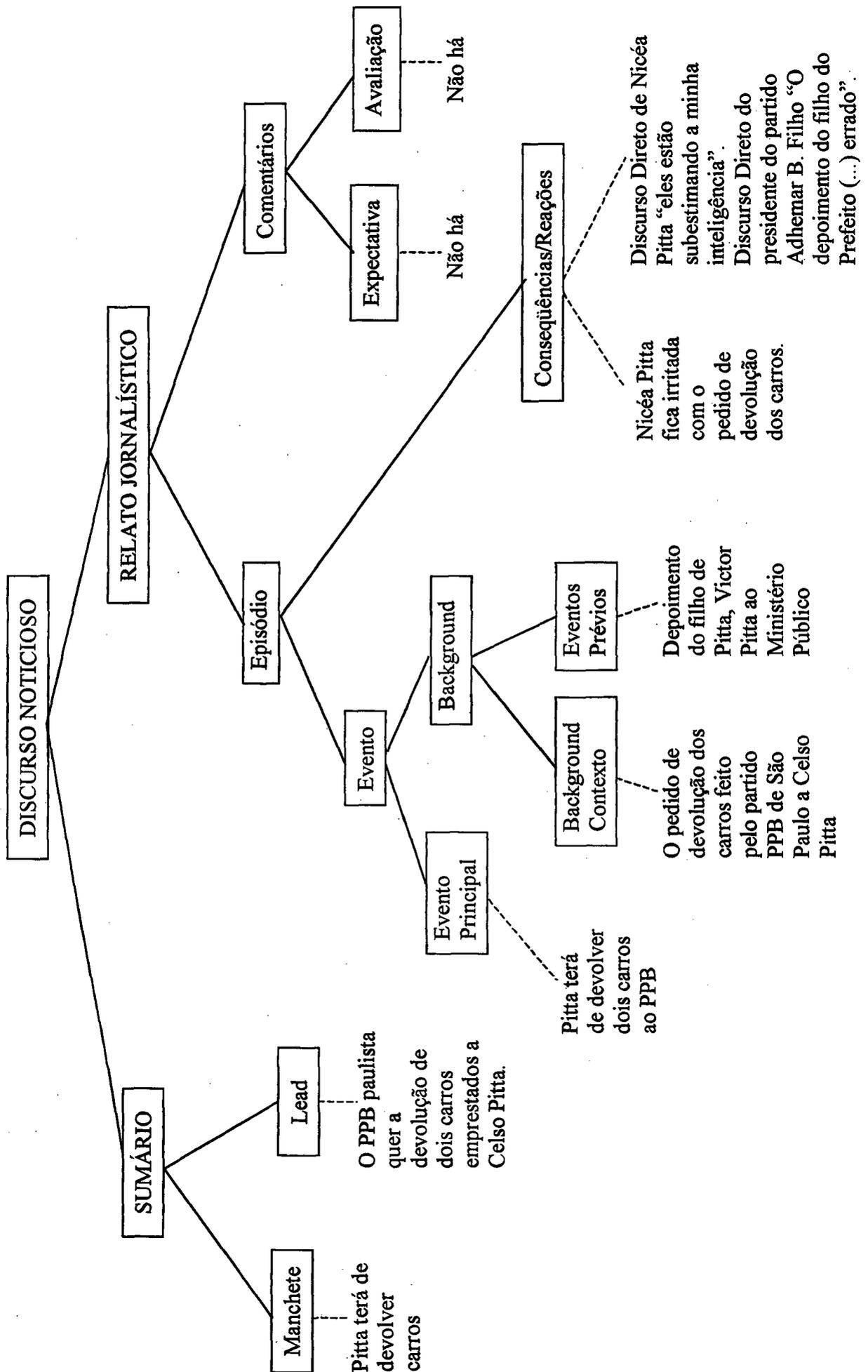
mora num flat.

O presidente do partido em São Paulo, Adhemar de Barros Filho, admitiu que o depoimento de Victor o fez pedir os dois automó-

veis de volta. Segundo ele, os veículos foram emprestados ao prefeito em 1998, quando ainda não presidia a legenda. "O depoimento do filho do prefeito nos deu o ensejo, principalmente aquela interpretação sem-pé-nem-cabeça (de que os carros são a evidência de Pitta e Maluf não estão rompidos). O herdeiro da família está julgando errado", disse o

presidente do PPB paulista, que classificou como incidente o fato de os carros permanecerem com Pitta, apesar de o prefeito ter trocado de partido, saindo do PPB e indo para o PTN.

A atitude do partido irritou a ex-mulher de Celso Pitta, que se recusou a devolver o veículo usado pela segurança pessoal do filho do casal



ANEXO 5
TEXTO DA TURMA 0383C
CÂMARA PROMETE BARRAR NOVO VALOR – (T1')
SUPERESTRUTURA DO TEXTO 1'

Texto Jornalístico – T1'

Folha de S. Paulo – 24 de março de 2000

Câmara promete barrar novo valor

da Sucursal de Brasília

O novo salário mínimo anunciado ontem teve repercussão negativa na Câmara. Deputados demonstraram indignação com o valor e com a forma do anúncio feito pelo governo. Para eles, o presidente atropelou as discussões da comissão especial criada para discutir o mínimo.

Deputados prometem reagir, apresentando propostas de modificação da medida provisória assim que ela chegar ao Congresso.

O relator da proposta na comissão, Eduardo Paes (PTB-RJ), afirmou que vai continuar trabalhando para apresentar um projeto com outro valor para o mínimo.

O presidente Fernando Henri-

que Cardoso anunciou o valor para Paes e para o presidente da comissão, Paulo Lima (PMDB-SP), antes de reunir os líderes partidários para a divulgação oficial.

Lima e Paes avisaram a FHC que a comissão não vai aceitar esse valor. "Ele (FHC) disse que era o que podia dar (de reajuste). Vou tocar a minha vida e fazer o trabalho para o qual fui designado", disse Paes. Lima pediu, sem sucesso, que o presidente adiasse o anúncio e esperasse a comissão concluir os trabalhos. A comissão tem reunião marcada para a próxima terça-feira.

O líder do PDT, Miro Teixeira (RJ), afirmou que o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), não devia aceitar

a medida provisória do governo. "O presidente do Congresso deve devolver imediatamente a MP. Se não fizer isso, pode mandar a chave do Congresso para o presidente da República."

O deputado Luiz Antonio de Medeiros (PFL-SP), autor da proposta de aumento do mínimo para o equivalente a US\$ 100, disse que o valor era "gozação".

"Isso é uma provocação. Esse número é bom para publicidade de cachaca, mas é uma 'sacana' para o salário", afirmou Medeiros, referindo-se à marca "51" da aguardente.

"Isso é um tapa na cara", reagiu o deputado José Genoíno (PT-SP). O líder do PT, Aloizio Mercadante (SP), fez as contas e disse

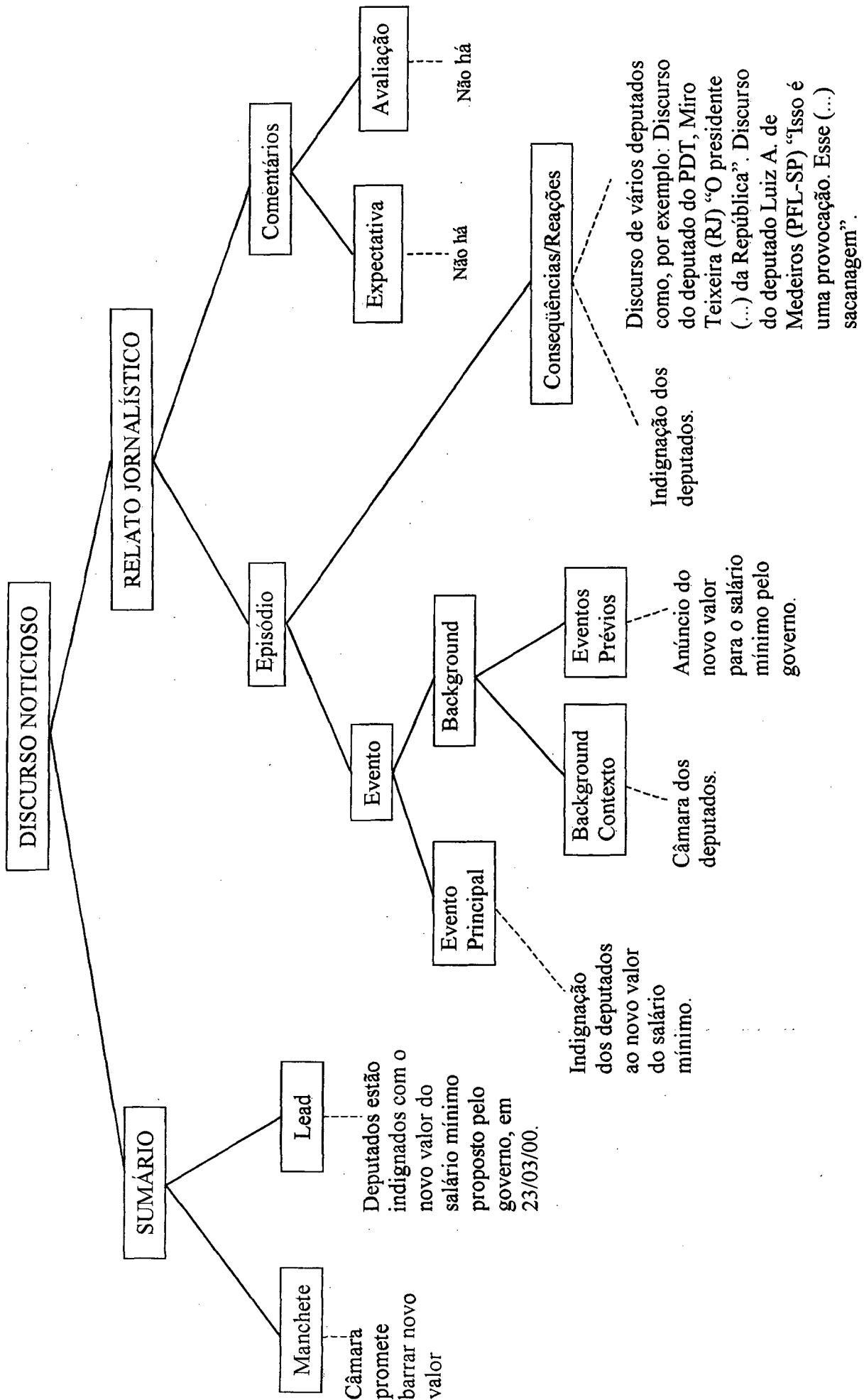
que o aumento não dá para comprar nem um litro de leite por dia.

"É um reajuste que significa R\$ 0,50 por dia para 24,7 milhões de trabalhadores que recebem salário mínimo", disse Mercadante.

Os deputados criticaram também a iniciativa de pisos estaduais. "Já tentaram isso antes e não funcionou. Os pisos diferenciados aumentam a desigualdade entre os Estados e provocam o inchaço das cidades grandes. Tenho certeza de que o Congresso não vai aprovar isso", disse Medeiros.

O deputado tucano Márcio Fortes (RJ), secretário-geral do PSDB, evitou comentar o valor. "Não estou psicologicamente preparado", disse, em tom de brincadeira, para fugir da pergunta.

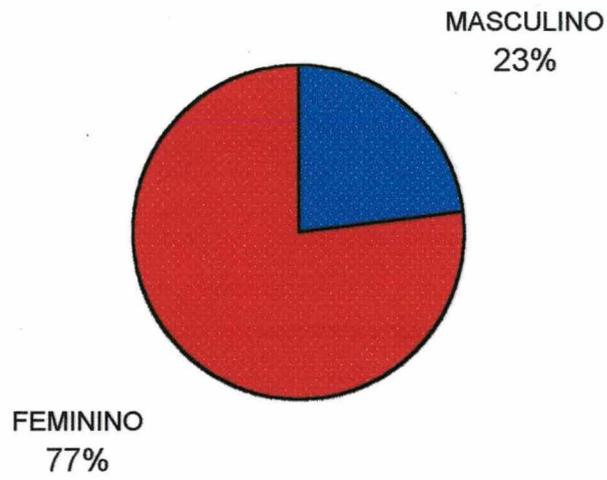
SUPERESTRUTURA DO TEXTO 1' DA TURMA 0383C



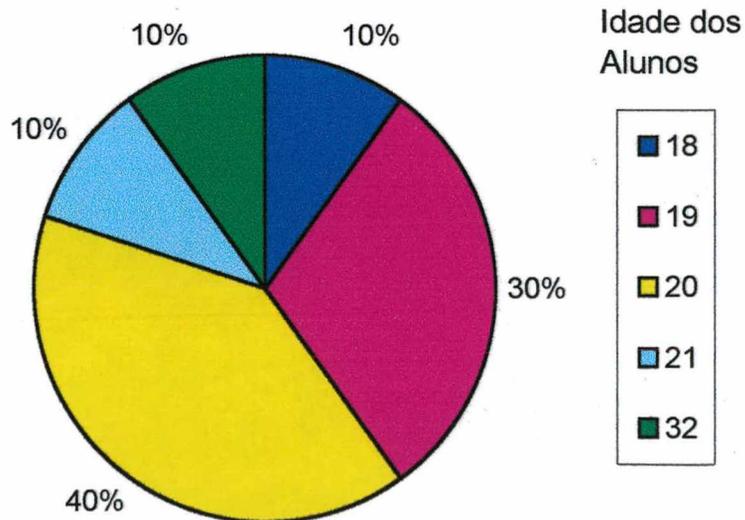
ANEXO 6
GRÁFICOS DEMONSTRATIVOS POR GÊNERO E IDADE
TURMAS 0383A, 0383B E 0383C

GRÁFICOS DEMONSTRATIVOS POR GÊNERO E POR IDADE

PORCENTAGEM POR GÊNERO TURMA 0383 A

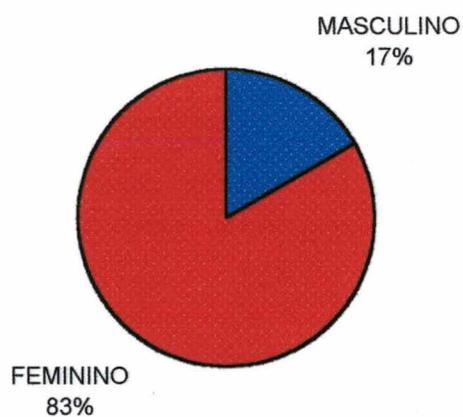


PORCENTAGEM DE ALUNOS POR IDADE TURMA 0383 A

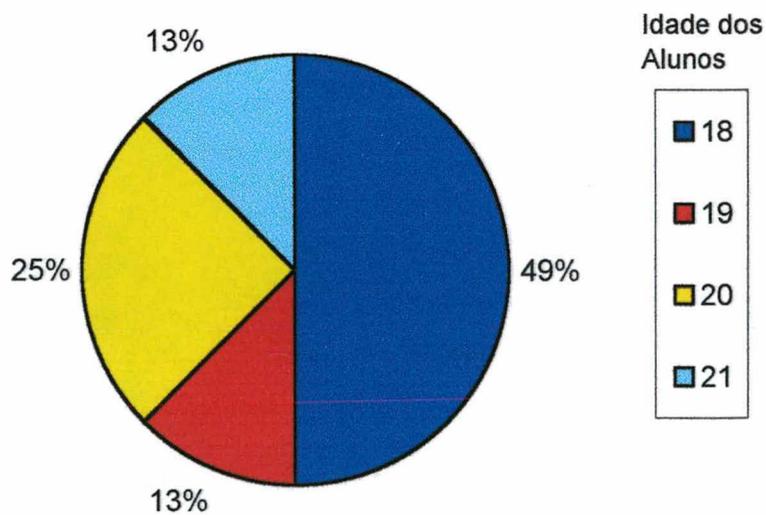


GRÁFICOS DEMONSTRATIVOS POR GÊNERO E POR IDADE

**PORCENTAGEM POR GÊNERO
TURMA 0383 B**

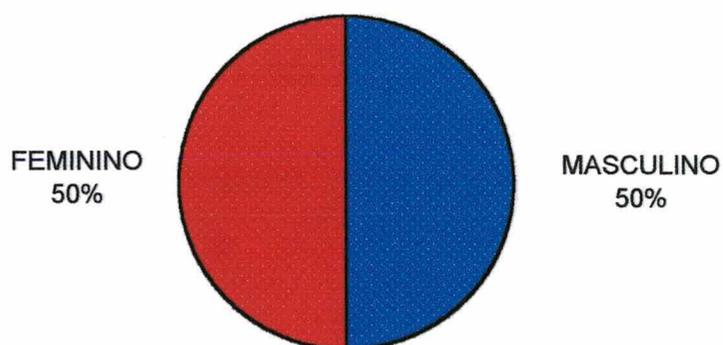


**PORCENTAGEM DE ALUNOS POR IDADE
TURMA 0383B**



GRÁFICOS DEMONSTRATIVOS POR GÊNERO E POR IDADE

PORCENTAGEM POR GÊNERO TURMA 0383 C



PORCENTAGEM DE ALUNOS POR IDADE TURMA 0383C

